

**NICHOLAS SPARKS**  
**UM MOMENTO INESQUECÍVEL**  
Título original: A Walk to Remember

*Para os meus pais, com amor e saudades.*

*E para os meus irmãos,  
do fundo da minha alma e do coração.*

**Micah Sparks**

**AGRADECIMENTOS**

Como sempre, devo agradecer à minha mulher, Cathy. Fiquei muito feliz quando aceitou a minha proposta de casamento. Sinto-me ainda mais feliz hoje, porque passados dez anos sinto por ela o mesmo que sentia na altura. Obrigado pelos melhores anos da minha vida.

Queria agradecer a Miles e a Ryan, os meus filhos, que ocupam um lugar especial no meu coração. Amo-vos. Para eles, sou apenas o «Papá».

Obrigado também à Theresa Park, a minha agente literária da Sanford Greenburger Associates, minha amiga e confidente. As palavras nunca são suficientes para expressar o quanto fizeste por mim.

Jamie Raad, revisora dos meus textos na Warner Books, merece também a minha sincera gratidão por estes últimos quatro anos. És o máximo.

Depois há aqueles que me têm apoiado sempre ao longo dos anos: Larry Kirshbaum, Maureen Lgen, John Aherne, Dan Mandel, Howie Sanders, Richard Green, Scott Schwimer, Lynn Harris, e Denise Di Novi - sinto-me verdadeiramente privilegiado por ter podido trabalhar convosco.

**PRÓLOGO**

Aos dezessete anos, a minha vida mudou para sempre.

Sei que há pessoas que se interrogam quando digo isto. Olham-me de modo estranho como se a tentar perceber o que poderia ter acontecido nessa altura, embora raramente me dê ao trabalho de explicar. Porque vivi aqui a maior parte da minha vida, não acho que tenha de fazê-lo, a não ser à minha maneira, e isso levaria mais tempo do que a maioria das pessoas está disposta a conceder-me. A minha história não pode ser resumida em duas ou três frases; não pode ser apresentada sinteticamente de modo que as pessoas compreendam de imediato. Apesar de já terem passado quarenta anos, os que ainda aqui vivem e que me conheciam naquele ano aceitam sem perguntas a minha falta de explicação. De certa maneira, a minha história é também a história deles, pois foi uma coisa pela qual todos passaram.

Porém, foi comigo que tudo se passou mais de perto.

Tenho cinqüenta e sete anos, mas ainda consigo lembrar-me de tudo o que sucedeu naquele ano, até ao menor pormenor. Recordo-o várias vezes, dando-lhe vida de novo, e percebo que quando o faço sinto sempre uma estranha combinação de tristeza e alegria. Há momentos em que me apetece fazer com que os ponteiros do relógio andem para trás e livrar-me de toda essa tristeza, mas tenho a sensação de que, se o fizesse, desapareceria também a alegria. Assim, fico com as recordações à medida que elas surgem, aceitando-as todas, deixando que me guiem sempre que possível. Isto acontece com mais freqüência do que eu gostaria de reconhecer.

Estamos no dia 12 de Abril do último ano antes do novo milênio. Saio de casa e olho à minha volta. O céu apresenta-se encoberto e cinzento, mas ao descer a rua reparo que os cornisos e as azáleas estão em flor. Aperto o casaco, não totalmente. O tempo está fresco, embora saiba que

será apenas uma questão de semanas antes de se tornar agradável e os céus cinzentos darem lugar àqueles dias que fazem da Carolina do Norte um dos lugares mais belos da terra.

Suspiro e sinto que tudo regressa de novo.

Fecho os olhos e os anos começam a andar para trás, como os ponteiros de um relógio rodando em sentido contrário. Como se através dos olhos de outra pessoa estivesse a ver-me rejuvenescer; vejo o cabelo mudar de grisalho para castanho, sinto suavizarem-se as rugas em torno dos olhos, os braços e as pernas tornarem-se vigorosos. As lições que fui aprendendo com a idade vão ficando menos claras, e a minha inocência regressa à medida que aquele ano agitado se vai aproximando.

Depois, como eu, o mundo começa a mudar: as estradas estreitam-se e algumas se transformam em cascalho, os subúrbios são substituídos por quintas, as ruas do centro da cidade enchem-se de gente olhando para as montras ao passarem pela padaria Sweeney e pelo talho Palka. Os homens usam chapéus, as mulheres vestidos. No edifício do tribunal, ao cimo da rua, o relógio da torre dá as horas...

Abro os olhos e detengo-me. Estou em frente da igreja baptista e, quando olho para a fachada do edifício, sei exatamente quem sou.

Chamo-me Landon Carter e tenho dezessete anos.

Esta é a minha história; prometo não deixar nada de fora.

No início vão sorrir, e depois vão chorar - não digam que não vos avisei.

## CAPÍTULO 1

Em 1958, Beaufort, na Carolina do Norte, situada na costa perto de Morehead City, era uma pequena cidade, igual a tantas outras do Sul. Era o gênero de lugar onde a humildade subia tanto no Verão que sair de casa para ir buscar o correio dava-nos logo vontade de tomar uma ducha, e as crianças andavam descalços de Abril até Outubro sob os carvalhos ornados de barbas-de-velho. As pessoas acenavam de dentro dos carros sempre que viam alguém na rua, quer conhecessem ou não, e o ar cheirava a pinheiros, sal e mar, um aroma único das Carolinas. Para muitas daquelas pessoas, pescar no Pamlico Sound ou apanhar caranguejos no rio Nele era um modo de vida, e ao longo de toda a Intercostal Waterway viam-se barcos atracados. A televisão transmitia apenas em três canais, mas a televisão nunca fora importante para os que ali cresceram. As nossas vidas centravam-se, em vez disso, à volta das igrejas, que só dentro dos limites da cidade eram dezoito. Tinham nomes como Igreja Cristã da Assembléia da Amizade, Igreja do Povo Perdoado, Igreja da Exiação de Domingo e depois, claro, havia as igrejas baptistas. Na minha juventude, a Igreja Baptista era de longe a congregação mais popular das redondezas e havia igrejas baptistas praticamente em cada esquina da cidade, cada uma delas considerando-se superior às outras. Havia igrejas baptistas de todas as variedades - Baptistas da Livre Vontade, Baptistas do Sul, Baptistas Congregacionistas, Baptistas Missionários, Baptistas Independentes... bem, já devem ter ficado com uma idéia.

Naquele tempo, o grande acontecimento do ano era promovido pela igreja baptista do centro da cidade - a Sulista - juntamente com a escola secundária local. Todos os anos encenavam uma peça de Natal na Beaufort Playhouse, que na verdade, era uma peça escrita por Hegbert Sullivan, um pastor que pertencia àquela igreja desde que Moisés abriu o mar Vermelho. Está bem, talvez não fosse assim tão velho, mas era tão velho que quase se podia ver através da sua pele. Tinha a pele sempre meio pegajosa e translúcida - as crianças juravam que conseguiam mesmo ver o sangue a correr nas suas veias e o seu cabelo era tão branco como os coelhinhos que se vêem nas lojas de animais por altura da Páscoa.

Pois bem, ele escreveu uma peça chamada O Anjo de Natal, porque não queria continuar a encenar aquele velho clássico de Charles Dickens, Cântico de Natal. Na sua opinião, Scrooge era um pagão que alcançou a sua redenção apenas por ter visto fantasmas, não anjos e, de qualquer maneira, quem poderia garantir que eles tivessem sido enviados por Deus? E se os fantasmas não tinham sido enviados diretamente do céu, quem poderia dizer que Scrooge não iria voltar à sua conduta pecaminosa? A peça não o dizia propriamente no final de certa maneira, falava-se da fé e tudo isso

mas Hegbert não confiava em fantasmas se eles não fossem de fato enviados por Deus e tal não era explicado numa linguagem clara. Esse era o grande problema da peça. Alguns anos antes, ele tinha alterado o final, fazendo a sua própria versão, com o velho Scrooge a transformar-se em padre e tudo, partindo para Jerusalém a fim de encontrar o lugar onde Jesus em tempos ensinara os escribas. Não foi muito bem recebida nem sequer pela comunidade de fiéis, sentados na platéia assistindo ao espetáculo com os olhos arregalados e o jornal local disse coisas do gênero: "Embora, sem dúvida, interessante, não é exatamente aquela peça que todos nós aprendemos a conhecer e a amar...".

Hegbert decidiu então tentar escrever a sua própria peça. Tinha escrito sermões a vida inteira, e alguns deles, tínhamos de admitir, eram realmente interessantes, especialmente quando falavam da "ira de Deus caindo sobre os fornicadores" e desse gênero de coisas. É que lhe fazia mesmo o sangue ferver, digo-vos, quando falava dos fornicadores. Essa era a sua verdadeira paixão. Quando éramos mais novos, eu e os meus amigos escondíamo-nos atrás das árvores e gritávamos "O Hegbert é um fornicador!" quando o víamos descer a rua. Ríamo-nos como idiotas, como se fôssemos as criaturas mais espirituosas que já tinham habitado o planeta.

O velho Hegbert parava de repente, as suas orelhas levantavam-se - juro por Deus, elas mexiam-se mesmo - e o seu rosto ganhava um tom vivo de vermelho, como se tivesse acabado de beber gasolina, e as veias grandes e verdes do pescoço começavam a dilatar-se, como o rio Amazonas naqueles mapas da National Geographic. Olhava de um lado para o outro, os olhos muito cerrados tentando descobrir-nos e, em seguida, de modo igualmente repentino, começava a ficar pálido novamente, voltando àquela pele de peixe, mesmo diante dos nossos olhos. Bem, era digno de ser visto, disso não há dúvida.

Então ficávamos escondidos atrás de uma árvore e Hegbert (mas quem são os pais que dão o nome de Hegbert a um filho?) permanecia ali à espera que nos rendêssemos, como se achasse que éramos assim tão estúpidos. Tapávamos a boca com as mãos para evitar rir alto, mas, de alguma maneira, ele conseguia sempre perceber quem éramos. Ficava a olhar de um lado para o outro e, de repente, parava, os olhos pequenos e brilhantes apontados na nossa direção, atravessando diretamente a árvore. "Sei que és tu, Landon Carter", dizia, "e Deus também o sabe." Deixava que pensássemos nisso durante um minuto ou dois e, por fim, seguia o seu caminho. Durante o sermão desse fim-de-semana, fixava-nos com o olhar e dizia qualquer coisa como "Deus é misericordioso com as crianças, mas as crianças também têm de ser merecedoras da sua misericórdia". E nós encolhíamo-nos nos bancos, não por vergonha, mas para esconder um novo ataque de riso. Hegbert simplesmente não nos compreendia, o que era muito estranho, uma vez que ele até tinha uma criança. Mas era uma menina. Sobre isso, porém, falaremos mais tarde.

Como já disse, houve um ano em que Hegbert escreveu O Anjo de Natal e decidiu encenar essa peça em vez da outra. Na verdade, a peça em si não era má, o que surpreendeu toda a gente no primeiro ano em que foi representada. Era, basicamente, a história de um homem que tinha perdido a mulher há alguns anos. Esse homem, Tom Thornton, era muito religioso, mas teve uma crise de fé depois da mulher ter morrido ao dar à luz. Tom Thornton acaba por cuidar da filha sozinho, mas não é o melhor dos pais. Surge um Natal em que o que a menina quer mesmo é uma caixinha de música especial com um anjo gravado na tampa, que ela vira num velho catálogo e cuja fotografia havia recortado. Durante muito tempo, o homem procura o presente por todo o lado, mas não o consegue encontrar em lugar algum. Chega então a véspera de Natal e ele continua à procura, e enquanto está na rua a olhar para as lojas depara com uma mulher estranha que nunca tinha visto e que promete ajudá-lo a encontrar o presente para a filha. Primeiro, porém, ajudam um sem-abrigo (naquela altura chamávamos-lhes vagabundos), depois passam por um orfanato para visitar algumas crianças, em seguida visitam uma mulher velha e sozinha que queria apenas alguma companhia na véspera do Natal. Nesse ponto da história, a mulher misteriosa pergunta a Tom Thornton o que deseja para o Natal e ele responde-lhe que quer a sua mulher de volta. Ela leva-o ao chafariz da cidade e diz-lhe que olhe para a água, pois ali encontrará aquilo que procura. Quando ele olha para a água, vê o rosto da sua filhinha e desata a chorar ali mesmo. Enquanto isso, a mulher misteriosa desaparece e Tom Thornton procura-a mas não a consegue encontrar. Por fim, dirige-se a casa. As

lições que aprendera durante o dia davam-lhe voltas à cabeça. Entra no quarto da filha e a sua figura adormecida fá-lo perceber que ela é tudo o que lhe resta da mulher. Começa a chorar de novo, pois sabe que não tem sido um bom pai. Na manhã seguinte, como por magia, a caixinha de música surge debaixo da árvore de Natal e o anjo gravado na tampa parece exatamente a mulher que ele vira na noite anterior.

Assim, de fato, a peça não era tão má. Para dizer a verdade, as pessoas vertiam rios de lágrimas sempre que a viam. Esgotava todos os anos em que era levada à cena e, devido à sua popularidade, Hegbert acabou por ter de transferi-la da igreja para a Beaufort Playhouse, que tinha muito mais lugares. No meu último ano de escola secundária, faziam-se já dois espetáculos com casas cheias, o que, para aqueles que interpretavam a peça, era já por si um grande acontecimento.

É que Hegbert queria que fossem jovens a representá-la - os alunos do último ano, não o grupo de teatro. Suponho que ele julgava que era uma boa experiência de aprendizagem antes de os alunos seguirem para a universidade e se defrontarem com todos os fornicadores. Ele era esse gênero de pessoa, querendo sempre salvar-nos da tentação. Queria que soubéssemos que Deus estava sempre a vigiar-nos, mesmo quando estávamos longe de casa e que, se confiássemos Nele, tudo acabaria bem. Foi uma lição que, por fim, aprendi, embora não tivesse sido Hegbert a ensiná-la.

Como já disse, Beaufort era bastante típica como cidade do Sul, embora tivesse uma história interessante. O pirata Blackbeard teve ali em tempos uma casa, e diz-se que o seu navio, o Queen Anne's Revenge, se encontra enterrado algures na areia ao largo da costa. Recentemente, uns arqueólogos, ou oceanógrafos, ou quem anda à procura de coisas desse gênero, disseram que o tinham localizado, mas de momento ninguém tem ainda a certeza, uma vez que se afundou há mais de duzentos e cinqüenta anos e não há documentos que possam servir como provas de ser esse barco. Beaufort mudou muito desde os anos 50, embora ainda não seja exatamente uma grande metrópole. Beaufort era, e sempre será, uma comunidade pequena, mas quando eu era ainda criança mal justificava um lugar no mapa. Para melhor se perceber, o distrito que incluía Beaufort abrangia toda a parte oriental do estado - alguns cinqüenta mil quilômetros quadrados - e não tinha uma única cidade com mais de vinte e cinco mil habitantes. Mesmo comparada a essas cidades, Beaufort era considerada pequena. Toda a zona a leste de Raleigh e a norte de Wilmington, até à fronteira com a Virgínia, fazia parte do distrito que o meu pai representava.

Suponho que já tenham ouvido falar dele. Ainda agora ele é uma espécie de lenda. Chamava-se Worth Carter, e foi membro do Congresso durante quase trinta anos. A sua palavra de ordem, ano sim ano não, durante a época das eleições era "Worth Carter representa e a pessoa devia preencher o nome da cidade onde vivesse. Lembro-me que durante as viagens que fazíamos, quando eu e a minha mãe tínhamos de aparecer em público para mostrar às pessoas que ele era um verdadeiro chefe de família, costumávamos ver esses autocolantes preenchidos a stencil com nomes como Otway, Chocawinity e Seven Springs. Hoje em dia, essas coisas já não resultariam, mas naqueles tempos era uma forma de publicidade razoavelmente sofisticada. Imagino que, se ele fizesse isso agora, os seus adversários introduziriam todo o tipo de palavrões no espaço em branco, mas nós nunca vimos isso. Bem, talvez uma vez. Um agricultor de Dupim County escreveu a palavra merda no espaço em branco, e quando a minha mãe a viu, tapou-me os olhos e disse uma prece pedindo perdão para aquele pobre e ignorante patife. Ela não proferiu exatamente essas palavras, mas eu percebi o sentido.

Portanto o meu pai, o Sr. Congressista, era o manda-chuva local, e todos, mas todos, sabiam isso, incluindo o velho Hegbert. Pois bem, os dois não se davam lá muito bem, não se entendiam de todo, apesar de o meu pai visitar a igreja de Hegbert sempre que ia à cidade, o que, para ser franco, não acontecia assim com muita freqüência. Hegbert, para além de pensar que os fornicadores estavam destinados a limpar os urinóis no Inferno, também acreditava que o comunismo era "uma doença que condenava a humanidade ao heregismo". Apesar de heregismo não existir como palavra - não

consigo encontrá-la em dicionário algum - os fiéis sabiam o que ele queria dizer. Sabiam também que dirigia aquelas palavras em particular ao meu pai, sentado de olhos fechados e fingindo não ouvir. O meu pai pertencia a uma das comissões da Câmara dos Representantes que estudava o "perigo vermelho" que, supostamente se estava a infiltrar em todas as esferas do país, incluindo a defesa nacional, o ensino superior e até a cultura do tabaco. Não se esqueçam que isto se passou durante a Guerra Fria; as tensões estavam ao rubro, e nós, os da Carolina do Norte, precisávamos de alguma coisa que trouxesse tudo aquilo para um nível mais quotidiano. O meu pai, de forma coerente, tentava procurar fatos, os quais eram irrelevantes para pessoas como Hegbert.

Depois, quando chegava a casa após a missa, dizia qualquer coisa como "O reverendo Sullivan esteve muito bem hoje. Espero que tenhas prestado atenção àquela parte do Evangelho em que Jesus fala dos pobres...".

- Sim, claro, pai...

O meu pai tentava relativizar as situações sempre que possível. Penso que foi por isso que se manteve no Congresso durante tanto tempo. Ele podia beijar os bebês mais feios à face da terra e ainda inventar algo de simpático para lhes dizer. "Que criança tão amorosa", comentava, quando o bebê tinha uma cabeça gigantesca, ou "Aposto que é a menina mais querida deste mundo", se a bebê tivesse uma marca de nascença que lhe cobria o rosto inteiro. Uma vez apareceu uma mulher com uma criança numa cadeira de rodas. O meu pai olhou para ele e disse: "Aposto dez contra um em como és o melhor aluno da tua turma." E era! Pois é, o meu pai era o máximo neste gênero de coisas. Estava à altura dos melhores, disso não há dúvida. E não era assim tão mau, na verdade, especialmente levando em conta que não me batia, nem nada disso.

Mas não esteve presente durante a minha infância. Detesto dizer isto, porque hoje em dia as pessoas falam muito dessas coisas, mesmo quando os pais estiveram de fato presentes, e usam-nas como desculpa para o seu comportamento. O meu pai... não me amava... foi por isso que me tornei numa stripper e apareci no Jerry Springer Show... Não estou a usar isto para desculpar a pessoa em que me tornei, estou apenas a constatá-lo como um fato. O meu pai estava ausente nove meses durante o ano, vivendo num apartamento em Washington, D.C., a quase quinhentos quilômetros de distância. A minha mãe não ia com ele, porque ambos queriam que eu crescesse "da mesma maneira que eles tinham crescido".

Claro, o pai do meu pai levava-o a caçar e a pescar, ensinou-o a jogar à bola, aparecia nas festas de aniversário, aquelas pequenas coisas que, todas juntas, são muito importantes antes de nos tornarmos adultos. O meu pai, pelo contrário, era um estranho, alguém que eu mal conhecia. Durante os primeiros cinco anos de vida pensei que todos os pais vivessem fora de casa num outro lugar qualquer. Foi só quando o meu melhor amigo, o Eric Hunter, me perguntou no jardim de infância quem era aquele homem que aparecera em minha casa na noite anterior que percebi que havia algo de errado naquela situação.

- É o meu pai - respondi, orgulhoso.

- Ah - disse Eric, vasculhando na minha lancheira, à procura do meu Milky Way. - Não sabia que tinhas pai.

Foi como se me tivessem dado um estalo na cara.

De maneira que cresci sob os cuidados da minha mãe, uma senhora simpática, meiga e gentil, o gênero de mãe com quem a maioria das pessoas sonha. Mas ela não foi, nem podia ter sido, uma influência masculina na minha vida e, esse fato, juntamente com a desilusão crescente em relação ao meu pai, fez com que me tornasse meio rebelde, mesmo quando era ainda muito novo. Não um rebelde dos maus, atenção. Eu e os meus amigos podíamos sair às escondidas de casa à noite e ensaboar os vidros de automóveis de vez em quando, ou comer amendoins cozidos no cemitério por trás da igreja, mas nos anos cinqüenta eram coisas que levavam os pais a abanar a cabeça e a sussurrar para os filhos: "Não queiram ser como o filho dos Carter. Não tarda nada, vai parar à prisão."

Eu. Um mau rapaz. Por comer amendoins no cemitério, imaginem.

Bem, adiante, o meu pai e Hegbert não se davam bem, mas não era só por causa da política. Não,

parece que o meu pai e Hegbert se conheciam há já muito tempo. Hegbert era cerca de vinte anos mais velho do que o meu pai e, em tempos, antes de ser pastor, costumava trabalhar para o pai do meu pai. O meu avô apesar de ter passado muito tempo com o meu pai era, sem dúvida, um verdadeiro filho-da-mãe. A propósito, foi ele quem fez a fortuna da família, mas não quero que o imaginem como um homem diligente que se matava a trabalhar, assistindo tranquilamente ao crescimento do seu negócio, enriquecendo aos poucos com o tempo. O meu avô era muito mais esperto do que isso. O modo como ganhou o seu dinheiro foi simples - começou como contrabandista de bebidas alcoólicas, acumulando riqueza durante o período da Lei Seca, trazendo rum de Cuba. Depois, começou a comprar terras e a contratar rendeiros para trabalharem nelas. Ficava com noventa por cento do que os rendeiros faziam com a colheita do tabaco, depois lhes emprestava dinheiro sempre que eles precisavam, com taxas de juro absurdas. Claro, nunca fazia tensão de receber o dinheiro, em vez disso, impedia-os de liquidarem as hipotecas acabando por ficar com qualquer pedaço de terra ou equipamento que lhes pertencesse. Depois, no que ele chamava o seu "momento de inspiração", fundou um banco chamado Carter Banking and Loan. O único banco que existia num raio de dois conselhos tinha ardido misteriosamente e, com o começo da Depressão, nunca mais reabriu. Embora toda a gente soubesse o que realmente acontecera, jamais alguém disse uma palavra com medo de represálias, e esse medo tinha razão de ser. O banco não fora o único edifício a incendiar-se misteriosamente.

As taxas de juro eram ultrajantes e, aos poucos, ele começou a apropriar-se de mais terras e bens à medida que as pessoas não conseguiam liquidar os seus empréstimos. Quando a Depressão atingiu o auge, apoderou-se de dezenas de negócios por todo o conselho, conservando ao mesmo tempo os proprietários originais como assalariados, pagando-lhes apenas o suficiente para mantê-los onde estavam, pois não tinham para onde ir. Dizia-lhes que quando a economia melhorasse, voltaria a vender-lhes os negócios, e as pessoas acreditavam sempre nele.

Nem uma única vez, porém, cumpriu a sua promessa. No fim, acabou por ficar com o controlo de uma grande parte da economia do conselho, e abusou do seu poder de todas as maneiras imagináveis.

Gostaria de vos poder contar que ele acabou por ter uma morte horrível, mas não foi o caso. Morreu numa idade bem avançada, enquanto dormia com a amante no seu iate ao largo das Ilhas Caimão. Sobrevivera a ambas as mulheres e ao único filho. Que fim para uma pessoa como ele! A vida, aprendi, nunca é justa. Se se ensinasse alguma coisa nas escolas, deveria ser isso.

Mas voltemos à história... Hegbert, quando viu que grande sacana era, na verdade, o meu avô, deixou de trabalhar para ele e ingressou no sacerdócio. Mais tarde, voltou para Beaufort e começou a ministrar na mesma igreja que nós freqüentávamos. Passou os primeiros anos a aperfeiçoar o seu número de fogo e castigo celestial com sermões mensais sobre os malefícios das pessoas avarentas, e isso deixava-lhe muito pouco tempo para qualquer outra coisa. Tinha já quarenta e três anos quando finalmente se casou; e cinqüenta e cinco quando a filha, Jamie Sullivan, nasceu. A mulher, pequenina e magra, vinte anos mais nova do que ele, teve seis abortos espontâneos antes da Jamie nascer e, no fim, morreu ao dar à luz, deixando Hegbert viúvo e com uma filha para criar sozinho.

Daí, claro, a história por detrás da peça de teatro.

As pessoas já sabiam disso, mesmo antes de a peça ser levada à cena. Era uma daquelas histórias que se ouviam sempre que Hegbert tinha de batizar um bebê ou assistir a um funeral. Todos a conheciam, e é por isso, penso eu, que tantas pessoas se emocionavam sempre que assistiam à representação de Natal. Reconheciam-na como algo baseado na vida real, o que lhe dava um significado especial.

Jamie Sullivan andava no último ano da escola secundária, como eu, e já tinha sido escolhida para interpretar o anjo. Não que mais alguém alguma vez tivesse essa hipótese. Esse fato, claro, tornava a peça particularmente especial naquele ano. Ia ser um grande acontecimento, talvez o maior acontecimento de todos os tempos

pelo menos, na cabeça de Miss Garber. Ela era a professora de teatro, e já se mostrava

entusiasmado com as possibilidades da peça na primeira vez que a vi nas aulas.

Pois bem, eu realmente não planeava fazer teatro naquele ano. A sério que não, mas ou escolhia isso ou Química II. A verdade é que pensava que iria ser uma disciplina "fácil", especialmente quando comparada com a minha outra opção. Nada de papéis, ou testes, nem quadros onde teria de memorizar protões e neutrons e combinar elementos nas suas fórmulas adequadas... O que poderia ser melhor para um aluno no último ano? Parecia ser a escolha acertada, e quando me inscrevi em teatro, pensei que iria poder dormir em quase todas as aulas, o que era bastante importante na altura, tendo em conta os meus hábitos de comedor de amendoins às tantas da noite.

No primeiro dia de aulas fui dos últimos a chegar, entrando segundos antes de a campainha tocar, e escolhi um lugar nas últimas filas. Miss Garber estava de costas para a classe, ocupada a escrever o seu nome em letras grandes e cursivas no quadro, como se não soubéssemos como ela se chamava. Toda a gente a conhecia - era impossível não a conhecer. Era alta, media pelo menos dois metros, com cabelo ruivo flamejante e uma pele pálida que, aos quarenta e tal anos, ainda exibia sardas. Tinha também excesso de peso - diria honestamente que chegava aos cento e quinze quilos - e uma tendência para usar longos e floridos vestidos havaianos. Usava óculos com armações de tartaruga, e cumprimentava toda a gente com "Oláááaaa", a última sílaba meio cantada. Miss Garber era única, disso não há dúvida, e era solteira, o que tornava as coisas ainda piores. Um homem, não importa a idade, não podia deixar de sentir pena de uma mulher como ela.

Por baixo do seu nome, escreveu os objetivos que pretendia alcançar naquele ano. A "autoconfiança" vinha em primeiro lugar, seguida da "autoconsciência" e, em terceiro, a "realização pessoal". Miss Garber tinha a mania deste tipo de expressões, nisso antecipando a psicoterapia, embora na altura não se apercebesse provavelmente disso. Miss Garber foi pioneira nesse campo. Talvez tivesse algo a ver com a sua aparência física; talvez só procurasse sentir-se melhor consigo própria.

Mas estou apenas a divagar.

Foi só depois de a aula ter começado que reparei numa coisa estranha. Embora a Escola Secundária de Beaufort não fosse grande, tinha a certeza absoluta de que era freqüentada por igual número de rapazes e de garotas, sendo essa a razão por que fiquei surpreendido ao reparar que aquela turma tinha uma percentagem feminina de pelo menos noventa por cento. Havia apenas um outro rapaz na sala, o que na minha opinião era bom e, por um instante, senti-me entusiasmado com aquele género de sensação "atenção pessoal, aqui vou eu". Mulheres, mulheres, mulheres... não podia deixar de pensar nisso. Mulheres e mais mulheres e nada de testes à vista.

Pronto, sei que não era o rapaz mais perspicaz do bairro.

Então Miss Garber traz à baila a peça de Natal e diz-nos que Jamie Sullivan vai ser o anjo naquele ano. Miss Garber pôs-se logo a bater palmas - pertencia à igreja, também - e muita gente pensava que ela tinha um fraquinho por Hegbert. Quando ouvi falar disso pela primeira vez, lembro-me de ter pensado que era bom eles serem demasiado velhos para poderem ter filhos, se alguma vez se viessem a juntar. Imaginem - translúcidos com sardas! Só a idéia arrepiava toda a gente, mas claro, nunca ninguém falava do assunto, pelo menos ao alcance dos ouvidos de Miss Garber e Hegbert. Mexericos é uma coisa, mexericos ofensivos é outra completamente diferente e, mesmo na escola secundária, não éramos assim tão maus.

Miss Garber continuou a bater palmas sozinha até todos finalmente nos juntarmos a ela, pois era, evidentemente, isso que ela queria. "Levante-se, Jamie", disse. Então Jamie levantou-se e voltou-se para nós. Miss Garber começou a bater palmas com mais força ainda, como se estivesse na presença de uma verdadeira estrela de cinema.

Pois bem, Jamie Sullivan era boa garota. Era mesmo. Beaufort era tão pequena que havia apenas uma escola primária. Daí que tivéssemos pertencido às mesmas turmas a vida inteira e mentiria se dissesse que nunca tinha falado com ela. No segundo ano, Jamie ficara no lugar ao meu lado, e até tivemos algumas conversas, mas isso não queria dizer que passasse muito tempo com ela nos meus tempos livres, mesmo naquela altura. Com quem eu me dava na escola era uma coisa; com quem estava depois da escola era outra completamente diferente, e Jamie nunca constava da minha agenda

social.

Não que fosse feia, não me entendam mal. Não era horrorosa, nem nada disso. Felizmente, saíra à mãe, que segundo as fotografias que tinha visto não era nada má, especialmente tendo em conta aquele com quem acabara por casar. Mas Jamie também não era exatamente o que eu considerava atraente. Apesar de magra, com cabelo louro de mel e meigos olhos azuis, a maior parte do tempo parecia algo... sem graça, e isso só quando se chegava a reparar nela. Jamie não se preocupava muito com as aparências exteriores, pois estava sempre à procura de coisas como "beleza interior", e suponho que, em parte, seria essa a razão por que tinha aquele aspecto. Desde que a conhecia e isso é recuar bastante no tempo, - lembrem-se - usou sempre o cabelo num carapito bem apertado, quase como uma solteirona, sem uma pinta de maquiagem no rosto. Juntando a isso, com os seus habituais casaco de lã castanho e saia de xadrez, tinha sempre o aspecto de estar a caminho de uma entrevista para um emprego na biblioteca. Nós achávamos que era só uma fase e que, por fim, lhe passaria, mas isso nunca aconteceu. Mesmo durante os nossos primeiros três anos de escola secundária ela nada mudou. A única coisa que mudou foi o tamanho das suas roupas.

Mas não era apenas a aparência de Jamie que a tornava diferente; era também o modo como se comportava. Jamie não passava o tempo no Cecil's Diner ou em festas em casa das outras meninas, e estou certo de que nunca havia tido um namorado na vida.

O velho Hegbert, provavelmente, teria um ataque de coração se isso acontecesse. Mas mesmo que, por alguma estranha razão, Hegbert o permitisse, ainda assim isso não teria feito qualquer diferença. Jamie levava a Bíblia para todo o lado e, se a sua aparência e Hegbert não afastavam os rapazes, a Bíblia podem ter a certeza que sim. Ora bem, eu gostava tanto da Bíblia como qualquer outro rapaz, mas Jamie parecia gostar dela de um modo que me era completamente estranho. Não só ia todos os meses de Agosto para o campo de férias da igreja, como lia também a Bíblia durante o intervalo do almoço na escola. Para a minha cabeça, isso simplesmente não era normal, mesmo sendo ela a filha do pastor. Por mais voltas que se dê ao assunto, ler a carta de São Paulo aos Efésios não era nem de perto tão divertido como namorar.

Mas não ficava por aí. Por causa de toda a sua leitura da Bíblia, ou talvez devido à influência de Hegbert, Jamie acreditava que era importante ajudar os outros; e ajudar os outros era precisamente o que ela fazia. Eu sabia que ela trabalhava como voluntária no orfanato de Morehead City, mas isso ainda não lhe era suficiente. Estava à frente de toda e mais alguma campanha de recolha de fundos, ajudando toda a gente, desde os Escoteiros às Princesas Índias. Soube que, quando ela tinha catorze anos, passou parte do Verão a pintar o exterior da casa de um vizinho idoso. Era o gênero de menina para arrancar as ervas daninhas do jardim de alguém sem que lhe pedissem ou para interromper o trânsito para ajudar as criancinhas a atravessar a rua. Poupava na sua mesada para comprar uma nova bola de basquete para os órfãos, ou dava meia volta e deitava o dinheiro no cesto da igreja aos domingos. Era, por outras palavras, o tipo de mulher que nos fazia parecer maus, e sempre que ela olhava para mim, não podia deixar de me sentir culpado, mesmo que não tivesse feito nada de errado.

Jamie também não circunscrevia as suas boas ações às pessoas. Sempre que se cruzava com um animal ferido, por exemplo, tentava ajudá-lo. Sarigueias, esquilos, cães, gatos, rãs... pouco lhe importava. O Dr. Rawlings, o veterinário, conhecia-a de vista, e abanava a cabeça sempre que a via aproximar-se da sua porta trazendo uma caixa de cartão com mais uma criatura lá dentro. Tirava os óculos e limpava-os com o lenço enquanto Jamie explicava como tinha encontrado a pobre criatura e o que lhe tinha acontecido. "Foi atropelado por um carro, Dr. Rawlings. Penso que estava nos desígnios de Deus eu tê-lo encontrado e tentar salvá-lo. Vai ajudar-me, não vai?"

Para Jamie, tudo estava nos desígnios de Deus. Havia outra coisa. Sempre que alguém falava com ela, qualquer que fosse o assunto, mencionava sempre os desígnios de Deus. O jogo de basebol foi adiado por causa da chuva? Deve ser desígnio de Deus para evitar que algo de mais grave aconteça. Um teste surpresa de trigonometria a que todos na turma chumbaram? Deve estar no desígnio de Deus para nos proporcionar desafios. Bem, já devem ter ficado com uma idéia.

Depois, claro, havia toda a grande questão de Hegbert, e isso em nada a ajudava. Ser a filha do

pastor não podia ter sido fácil, mas ela fazia com que isso parecesse a coisa mais natural do mundo e uma sorte ter sido abençoada daquela maneira. Era também assim que costumava dizer. "Fui tão abençoada por ter um pai como o meu." Sempre que dizia isso, tudo o que podíamos fazer era abanar a cabeça e interrogar-nos de que planeta é que ela, efetivamente, tinha vindo.

No entanto, apesar de todas essas características, aquilo que realmente me enfurecia nela era o fato de estar sempre tão irritantemente alegre, independentemente daquilo que estivesse a acontecer à sua volta. Juro, aquela menina nunca disse uma coisa má de nada nem ninguém, mesmo daqueles de nós que não eram muito simpáticos para ela. Passeava pelas ruas a cantarolar, acenava a estranhos que passassem de carro. Por vezes, algumas senhoras, quando a viam passar, saíam a correr das suas casas para lhe oferecerem pão de abóbora que tinham feito durante o dia ou limonada se o calor apertava. Parecia que todos os adultos da cidade a adoravam. "É uma menina tão simpática", diziam sempre que viesse à conversa o nome de Jamie. "O mundo seria um lugar melhor se houvesse mais pessoas como ela."

Mas eu e os meus amigos não víamos as coisas propriamente da mesma maneira. Na nossa opinião, uma Jamie Sullivan já era de mais.

Pensei nisto tudo quando Jamie se colocou diante de nós no primeiro dia da aula de teatro e admito que não estava muito interessado em vê-la. Mas estranhamente, quando Jamie se voltou para nos olhar senti uma espécie de choque, como se estivesse sentado em cima de um arame lasso ou coisa parecida. Ela vestia uma saia de xadrez e uma blusa branca debaixo do mesmo casaco de lã castanho que eu já vira um milhão de vezes, mas havia duas novas saliências no peito que a camisola não conseguia esconder e que eu jurava não estarem lá há apenas três meses atrás. Jamie nunca usara maquiagem e ainda não o fazia, mas estava bronzeada, provavelmente por causa do campo de férias e, pela primeira vez, parecia bem, quase bonita. Claro, pus logo de parte esse pensamento, mas quando olhou em volta da sala, ela parou e sorriu para mim, obviamente contente por ver que eu fazia parte da turma. Só mais tarde é que eu viria a descobrir a verdadeira razão desse sorriso.

## CAPÍTULO 2

Depois da escola secundária, planeava ir para a Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill. O meu pai queria que eu fosse para Harvard ou Princeton, como os filhos de outros congressistas, mas com as minhas notas isso era impossível. Não que eu fosse um mau aluno. Simplesmente, não me concentrava nos estudos e as minhas notas não estavam bem à altura daquelas instituições de elite. Quando cheguei ao último ano de escola secundária era ainda bastante incerto se iria sequer ser aceite na UNC. No entanto, tratava-se da universidade onde estudara o meu pai, um lugar onde ele podia mexer alguns cordelinhos. Durante um dos seus poucos fins-de-semana em casa, o meu pai surgiu com um plano que me daria hipóteses de ser admitido. A primeira semana de aulas tinha chegado ao fim, e encontrávamo-nos à mesa a jantar. Ele ia ficar em casa durante três dias por ser o fim-de-semana do Dia do Trabalhador.

- Penso que devias candidatar-te a presidente da associação de estudantes - disse ele. - Vais acabar a escola em Junho, e penso que ficaria bem no teu currículo. A propósito, a tua mãe é da mesma opinião.

A minha mãe acenou afirmativamente com a cabeça enquanto mastigava uma garfada de ervilhas. Não falava muito quando o meu pai tinha a palavra, mas piscava-me o olho de vez em quando. às vezes, penso que a minha mãe gostava de me ver encolher de medo perante o meu pai, apesar de ser amorosa.

- Acho que não teria qualquer hipótese de ganhar - disse eu. Embora fosse, provavelmente, o rapaz mais rico da escola, não era de maneira alguma o mais popular. Essa honra pertencia a Eric Hunter, o meu melhor amigo. Ele conseguia atirar uma bola de basebol a quase cento e cinqüenta quilômetros por hora e conduzira a equipa de futebol a títulos estaduais consecutivos como o seu quarter-back favorito. Era um garanhão. Até o seu nome tinha um som impecável.

- Claro que podes ganhar - retorquiu o meu pai rapidamente. - Nós, os Carter, ganham

sempre.

Essa era outra das razões pelas quais não gostava de passar muito tempo com o meu pai. Durante as poucas vezes em que estava em casa, penso que o que ele queria era moldar-me numa pequena versão de si mesmo. Como fui criado a maior parte do tempo longe dele, comecei a ficar irritado com a sua presença. Aquela era a primeira conversa que tínhamos há várias semanas. Raramente falava comigo ao telefone.

-Mas, e se eu não quiser?

O meu pai pousou o garfo, com um bocado de costeleta de porco ainda na ponta. Fitou-me com um ar zangado, examinando-me de cima a baixo. Vestia um fato, apesar de estarem quase trinta graus dentro de casa, e isso tornava-o ainda mais intimidante. A propósito, o meu pai andava sempre de fato.

- Eu penso - disse ele devagar - que seria uma boa idéia.

Eu sabia que quando ele falava daquela maneira o assunto estava resolvido. Era assim que as coisas funcionavam na minha família. A palavra do meu pai era lei. Mas a verdade era que mesmo depois de concordar, eu continuava a não querer fazê-lo. Não queria perder a minha tarde a encontrar-me com professores depois das aulas! Todas as semanas durante o resto do ano, a tentar inventar temas para os bailes da escola ou a decidir de que cor seriam as serpentinas. Na verdade, era só isso que os presidentes da associação faziam, pelo menos no tempo em que eu andava na escola. Os estudantes não tinham qualquer poder para, de fato, tomarem decisões sobre alguma coisa importante.

Mas mais uma vez sabia que o meu pai tinha uma certa razão. Se eu quisesse ir para a UNC, tinha de fazer alguma coisa. Não jogava futebol, nem basquetebol, não tocava qualquer instrumento, não pertencia ao clube de xadrez ou ao clube de boliche ou a qualquer outro. Não era brilhante na sala de aulas, raio, não era brilhante em quase nada! Começando a ficar desanimado, fiz uma lista do que sabia realmente fazer mas, para ser franco, não havia muita coisa. Podia fazer oito diferentes tipos de nós de vela, podia andar descalço no asfalto quente mais tempo do que qualquer pessoa que conhecia, podia equilibrar um lápis verticalmente sobre o dedo durante trinta segundos... Mas não achava que qualquer dessas coisas pudesse realmente impressionar na candidatura a uma universidade. Então fiquei ali, deitado na cama a noite inteira, chegando lentamente à decepcionante conclusão de que era um falhado. Obrigado pai.

Na manhã seguinte, fui ao escritório do diretor e acrescentei o meu nome à lista de candidatos. Havia dois outros concorrentes - John Foteman e Maggie Brown. Ora bem, John não tinha qualquer hipótese, disso tive logo a certeza. Era daqueles rapazes que tirava fios das nossas roupas enquanto falava conosco. Mas era bom aluno. Sentava-se na fila da frente e levantava a mão sempre que o professor fazia uma pergunta. Se fosse chamado a responder, dava quase sempre a resposta certa e virava a cabeça de um lado para o outro com um ar convencido no rosto, como que a provar a superioridade da sua inteligência quando comparada à dos outros plebeus na sala. Eric e eu costumávamos atirar-lhe bolinhas de papel mastigado quando o professor virava as costas.

Maggie Brown era outra história. Também era boa aluna. Fizera parte do conselho de estudantes durante os primeiros três anos e tinha sido vice-presidente da associação no ano anterior. O seu único verdadeiro contra era não ser muito atraente, e tinha engordado quase dez quilos naquele Verão. Eu sabia que nem um único rapaz votaria nela.

Depois de estudar a concorrência, percebi que, afinal, poderia ter uma hipótese. Todo o meu futuro estava em

jogo, por isso formulei a minha estratégia. Eric foi o primeiro a concordar.

- Claro, vou fazer com que todos na equipa votem em ti, não há problema. Se é isso mesmo que queres.

- E que tal as namoradas deles também? - perguntei.

Toda a minha campanha se resumiu basicamente a isso. Claro, fui aos debates a que devia ir e distribui aqueles estúpidos panfletos "O que farei se for eleito presidente", mas, na verdade, foi Eric Hunter quem me colocou onde era preciso chegar. A Escola Secundária de Beaufort tinha apenas quatrocentos alunos, pelo que conseguir os votos dos atletas era essencial, e a maior parte deles

pouco se importava em quem votava. No fim, acabou tudo por correr tal como eu planeara. Fui eleito presidente da associação de estudantes com uma maioria bastante significativa de votos. Não fazia qualquer idéia dos problemas a que isso me iria conduzir.

No penúltimo ano da escola secundária tive uma namorada chamada Angela Clark. Foi a minha primeira namorada a sério, apesar de o namoro ter durado apenas alguns meses. Mesmo antes de a escola fechar para as férias do Verão, trocou-me por um rapaz chamado Lew que tinha vinte anos e trabalhava como mecânico na oficina do pai. O seu principal atributo, tanto quanto pude perceber, era um grande e belo carro. Usava sempre uma T-shirt branca com um maço de Camels enfiado na manga e encostava-se ao capô do seu Thunderbird olhando de um lado para o outro a dizer coisas como "Olá, borracho" sempre que passava uma mulher. Era um verdadeiro campeão, se percebem o que quero dizer.

Bem, o baile de regresso às aulas aproximava-se e, por causa dessa história da Angela, ainda não tinha arranjado um par. Todos os membros do conselho de estudantes tinham de ir era obrigatório. Tinha de ajudar a decorar o ginásio e a limpá-lo no dia seguinte e, além disso, normalmente divertíamo-nos sempre bastante. Telefonei a duas meninas que conhecia, mas já tinham parceiro. Então telefonei a mais algumas. Também já estavam comprometidas. Na última semana antes do baile, as escolhas já eram poucas. Restavam-me aquelas meninas que usavam óculos de lentes grossas e que falavam com a língua presa. De qualquer maneira, Beaufort nunca fora um ninho de beldades, mas, ainda assim, tinha de encontrar alguém. Não queria ir ao baile sem par

o que é que isso iria parecer? Seria o único presidente da associação de estudantes na história a ir sozinho ao baile de regresso às aulas. Acabaria por ficar a servir o ponche a noite inteira ou a limpar o vomitado nas casas de banho. Era isso o que as pessoas sem parceiros normalmente faziam.

Quase a entrar em pânico, fui buscar o anuário escolar do ano anterior e comecei a folhear as páginas uma a uma à procura de alguém que talvez pudesse não ter parceiro. Primeiro examinei as páginas com as alunas do último ano. Embora muitas delas tivessem ido para a universidade, algumas ainda permaneciam na cidade. Apesar de achar que não tinha grandes hipóteses, telefoneei-lhes e, claro, isso se comprovou. Não consegui encontrar ninguém, pelo menos ninguém que quisesse ir comigo. Já começava a ser bastante bom a lidar com tampas, digo-vos, apesar de isso não ser o gênero de coisa de que nos possamos gabar junto dos netos. A minha mãe sabia o que se estava a passar e, por fim, veio ao meu quarto, sentando-se na cama a meu lado.

- Se não conseguires arranjar par, terei muito prazer em ir contigo - disse.

- Obrigado, mãe - respondi, abatido.

Quando ela saiu do quarto, senti-me ainda pior do que antes. Até a minha mãe pensava que eu não iria conseguir encontrar alguém. E se aparecesse no baile com ela? Não, nem que vivesse cem anos, nunca iria ultrapassar isso.

A propósito, havia outro rapaz no mesmo barco. Carey Dennison tinha sido eleito tesoureiro e também ainda não tinha par. Carey era daqueles rapazes com quem ninguém queria estar, e a única razão por que tinha sido eleito fora porque concorrera sozinho. Mesmo assim, penso que ganhou por muito poucos votos. Tocava trombeta na banda da escola, e o seu corpo parecia completamente desproporcionado, como se tivesse parado de crescer a meio da puberdade. Tinha uma barriga enorme e braços e pernas desengonçados, como os Hoos em Hooville. Também tinha uma maneira de falar esganiçada - era o que fazia dele um tocador de trombeta tão bom, suponho - e estava sempre a fazer perguntas. "Onde é que foste no fim-de-semana passado? Foi divertido? Conheceste alguma menina?" Nem sequer esperava pela resposta, movendo-se constantemente de um lado para o outro enquanto fazia as perguntas, de modo que tínhamos de estar sempre a girar a cabeça para o manter à vista. Juro que deve ter sido a pessoa mais chata que alguma vez conheci. Se eu não arranjasse uma parceira, ele ia ficar ao meu lado a noite inteira, bombardeando-me com perguntas como um promotor de justiça transtornado.

Portanto, ali estava eu, folheando as páginas na secção dos alunos do penúltimo ano, quando vi a fotografia de Jamie Sullivan. Detive-me durante apenas um segundo, depois virei a página, amaldiçoando-me por ter sequer pensado naquela hipótese. Passei a hora seguinte à procura de alguém de aspecto minimamente decente, mas, lentamente, cheguei à conclusão de que já não restava mais ninguém. Por fim, voltei à fotografia dela e olhei-a de novo. Não era feia, disse para comigo, e realmente é muito simpática. Provavelmente, diria que sim, pensei...

Fechei o anuário. Jamie Sullivan? A filha de Hegbert? Nem pensar. De maneira nenhuma. Os meus amigos iriam esfolar-me vivo.

Mas se comparássemos isso a ter de levar a minha mãe ou limpar o vomitado ou até, Deus me livre... Carey Dennison?

Passei o resto da tarde debatendo os prós e os contras do meu dilema. Acreditem, vacilei durante algum tempo, mas, no fim, a escolha era evidente, até para mim. Tinha de pedir a Jamie para ir ao baile comigo, e dei voltas ao quarto a pensar na melhor maneira de o fazer.

Foi então que me apercebi de algo terrível, algo absolutamente assustador. Carey Dennison, pensei de repente, estava talvez a fazer exatamente o mesmo que eu naquele preciso momento. Se calhar, estava também a folhear o anuário! Ele era esquisito, mas também não era o tipo de rapaz que gostasse de limpar vomitado, e se conhecessem a mãe dele, saberiam que essa escolha era ainda pior do que a minha. E se ele pedisse a Jamie primeiro? Jamie seria incapaz de lhe dizer que não e, de facto, era a única opção que ele tinha. Ninguém, a não ser ela, aceitaria ser vista com ele. Jamie ajudava toda a gente - era uma das santas da igualdade de oportunidades. Provavelmente, escutaria a voz esganiçada, detectaria a bondade irradiando do coração dele e aceitaria de uma assentada.

Assim, estava eu sentado no meu quarto, aflito com a possibilidade de Jamie não ir ao baile comigo. Mal dormi naquela noite, digo-vos, o que foi quase a coisa mais estranha por que já tinha passado. Não penso que alguém alguma vez tenha ficado tão ansioso por convidar Jamie para sair. Era a primeira coisa que tencionava fazer logo de manhã, enquanto ainda tivesse coragem, mas Jamie não estava na escola. Presumi que estivesse a trabalhar com os órfãos em Morehead City, como fazia todos os meses. Alguns de nós tínhamos tentado sair da escola usando também essa desculpa, mas Jamie era a única que conseguia ser convincente. O diretor sabia que ela estava a ler para os órfãos, ou a fazer trabalhos manuais, ou simplesmente a fazer jogos com eles. Não iria escapulir-se para a praia, ou para o Cecil's Diner, ou coisa do género. A idéia era completamente ridícula.

- Já tens par? - perguntou-me Eric num intervalo entre as aulas. Ele sabia muito bem que não, mas mesmo sendo o meu melhor amigo, gostava de me provocar de vez em quando.

- Ainda não - respondi - mas estou a tratar disso.

Ao fundo do corredor, Carey Dennison estava a abrir o seu cacifo. Juro que me lançou um olhar frio quando pensou que eu não estava a olhar para ele.

Foi assim esse dia.

Os minutos passaram lentamente durante a última aula. Do modo como via as coisas se eu e Carey saíssemos ao mesmo tempo, eu conseguia chegar a casa dela primeiro, tendo em conta as pernas desengonçadas dele. Comecei a preparar-me mentalmente e quando a campainha tocou saí da escola a correr a toda a velocidade. Voei durante cerca de cem metros, depois comecei a ficar meio cansado e, em seguida, tive uma câibra. Pouco depois, só conseguia andar, mas a câibra começou mesmo a magoar-me e tive de me dobrar e segurar

o flanco da perna enquanto andava. Ao caminhar pelas ruas de Beaufort parecia uma versão asmática do Corcunda de Notre Dame.

Atrás de mim pensei ouvir o riso estridente de Carey. Olhei para trás, segurando a barriga com força para abafar a dor, mas não o vi. Talvez estivesse a fazer corta-mato através do quintal de alguém'. Era um filho da mãe manhoso, aquele. Não se podia confiar nele nem um minuto.

Comecei a cambalear ainda mais depressa e pouco tempo depois chegava à rua de Jamie. Nessa altura já estava todo transpirado - a camisa completamente encharcada e ainda respirava com dificuldade. Alcancei a porta da frente da casa, esperei um segundo para recuperar o fôlego e

finalmente bati. Apesar da corrida febril até à casa dela, o meu lado pessimista dizia-me que seria Carey a abrir a porta. Imaginei-o a sorrir para mim com uma expressão vitoriosa, uma expressão que quereria essencialmente dizer "Desculpa lá, amigo, tarde de mais".

Mas não foi Carey quem abriu a porta, foi Jamie, e, pela primeira vez na vida, vi qual seria a sua aparência se ela fosse uma pessoa normal. Vestia calças de ganga e uma blusa vermelha, e embora o cabelo estivesse ainda apanhado, parecia mais informal do que era costume. Percebi que até podia ser gira se desse a si própria essa oportunidade.

- Landon - disse ao abrir a porta - que surpresa! - Jamie ficava sempre contente por ver alguém, eu inclusive, apesar de me ter parecido que o meu aspecto a sobressaltara um pouco. - Parece que estiveste a correr.

- Não propriamente - menti, limpando a testa. Felizmente, a cãibra estava a melhorar depressa.

- Tens a camisa toda transpirada.

- Ah, isso? - Olhei para a camisa. - Isso não é nada. É que às vezes transpiro muito.

- Se calhar, devias ir ao médico para ver o que é.

- Estou bem, tenho a certeza.

- De qualquer maneira, vou rezar por ti - ofereceu-se, sorrindo.

Jamie estava sempre a rezar por alguém. Já agora, juntava-me ao clube.

- Obrigado - disse eu.

Ela baixou o olhar e arrastou os pés por um momento.

- Bem, convidava-te a entrar, mas o meu pai não está e não autoriza que os rapazes entrem em nossa casa quando ele não está.

- Oh - disse eu, de um modo abatido - não faz mal. Podemos falar aqui, suponho. - Se tivesse escolha, teria preferido lá dentro.

- Queres uma limonada enquanto falamos? - perguntou. - Acabei de a fazer.

- Quero, sim - respondeu.

- Volto já. - Entrou em casa, mas deixou a porta aberta, o que me permitiu dar uma espreitadela rápida à sala. A casa, notei, era pequena mas arrumada, com um piano encostado a uma parede e um sofá junto à outra. Uma pequena ventoinha oscilava a um dos cantos. Sobre a mesa de café estavam livros com títulos como Escutando Jesus e A Fé é a Resposta. A Bíblia de Jamie também lá estava, aberta no Evangelho de São Lucas.

Pouco depois, Jamie voltou com a limonada e sentámo-nos em duas cadeiras a um canto da varanda. Ela e o pai sentavam-se ali ao fim da tarde, eu sabia disso, pois passava pela casa deles de vez em quando. Mal nos sentamos, reparei em Mrs. Hastings, avizinha do outro lado da rua, a fazendo adeus. Jamie acenou também enquanto eu dava um jeito à cadeira para que Mrs. Hastings não pudesse ver a minha cara. Embora fosse pedir a Jamie para ir ao baile comigo, não queria que ninguém

nem mesmo Mrs. Hastings me visse ali no caso de ela já ter aceitado o pedido de Carey. Uma coisa era ir, de fato, com Jamie ao baile, outra era ser rejeitado por ela a favor de uma pessoa como Carey.

- Que estás a fazer? - perguntou-me Jamie. - Estás a pôr a cadeira ao sol.

- Gosto do sol - disse eu. Contudo, ela tinha razão. Quase imediatamente pude sentir os raios solares a queimar-me através da camisa e a fazer-me suar de novo.

- Se é isso que queres - disse Jamie, sorrindo. - Então, de que é que querias falar comigo?

Jamie levou as mãos à cabeça e começou a arranjar o cabelo. Que eu reparasse, o cabelo não tinha mudado um centímetro. Respirei fundo, tentando ganhar coragem, mas não conseguia obrigar-me a fazer a pergunta ainda.

- Então - disse em vez disso - estiveste no orfanato hoje?

Jamie olhou-me curiosa.

- Não. Eu e o meu pai estivemos no consultório do médico.

- Ele está bem?

Ela sorriu.

- Não podia estar melhor.

Acenei com a cabeça e olhei de relance para o outro lado da rua. Mrs. Hastings tinha voltado para dentro de casa, e não vi mais ninguém nas proximidades. A costa finalmente estava livre, mas ainda não estava pronto.

- Está um belo dia - disse eu, ganhando tempo.

- Sim, está.

- Quente, também.

- Isso é porque estás ao sol.

Olhei em volta, sentindo a tensão a aumentar.

- Olha, aposto que não há uma única nuvem no céu.

Desta vez, Jamie não respondeu e permanecemos em silêncio durante alguns momentos.

- Landon - disse ela, por fim - não vieste aqui para falar do tempo, pois não?

- Na verdade, não.

- Então por que é que estás aqui?

O momento da verdade tinha chegado. Aclarei a garganta.

- Bem... queria saber se vais ao baile de regresso às aulas.

- Ah - disse ela. Pelo tom da voz até parecia que desconhecia a existência de tal coisa.

Mexi-me irrequieto na cadeira e aguardei a resposta.

- Na verdade, não tinha pensado em ir - disse Jamie finalmente.

- Mas se alguém te convidasse, irias talvez?

Levou um momento a responder.

- Não tenho a certeza - disse, pensando com cuidado.

- Suponho que sim, se tivesse oportunidade. Nunca fui a um baile de regresso às aulas.

- São divertidos - disse eu rapidamente. - Não muito divertidos, mas divertidos. - Especialmente quando comparado às minhas outras opções, não acrescentei.

Ela sorriu perante o meu recuo.

- Teria de falar com o meu pai, claro, mas se ele dissesse que não havia problema, então suponho que talvez fosse.

Na árvore junto à varanda, um pássaro começou a chilrear ruidosamente, como se soubesse que eu não deveria estar ali. Concentrei-me no som, tentando acalmar os nervos. Há dois dias apenas não me poderia ter imaginado a pensar naquilo sequer, mas de repente, ali estava, ouvindo-me a proferir as palavras mágicas.

- Bem, gostarias de ir ao baile comigo?

Percebi que tinha ficado surpreendida. Penso que ela julgara a pequena conversa que conduzira à pergunta um preâmbulo para o convite de outra pessoa. Por vezes, os adolescentes mandam os amigos "estudar o terreno", por assim dizer, para não terem de encarar uma possível rejeição. Apesar de Jamie não ser muito parecida com os outros adolescentes, tenho a certeza de que estava familiarizada com o conceito, pelo menos em teoria.

Em vez de responder imediatamente, todavia, Jamie virou a cara durante um longo momento. Senti uma sensação de vazio no estômago, porque presumi que ela iria dizer que não. Visões da minha mãe, vomitado e Carey inundaram-me a mente, e, de súbito, arrependi-me da maneira como me havia comportado em relação a ela durante todos aqueles anos. Lembrei-me de todas as vezes que tinha zombado dela, ou chamado fornecedor ao pai, ou simplesmente ter feito pouco dela atrás das costas. No preciso momento em que me estava a sentir pessimamente com tudo aquilo e a imaginar como é que iria conseguir evitar Carey durante cinco horas, ela voltou-se e olhou de novo para mim. Tinha um ligeiro sorriso nos lábios.

- Adoraria - disse ela, por fim. - Com uma condição.

Eu preparei-me, esperando não ser alguma coisa demasiado horrível.

-Sim?

- Tens de prometer que não te vais apaixonar por mim.

Sabia que estava a brincar pela maneira como se riu, e não pude deixar de suspirar de alívio. às vezes, tinha de admitir, Jamie revelava bastante sentido de humor.

Sorri e dei-lhe a minha palavra.

### CAPÍTULO 3

Embora Jamie nunca tivesse ido a um baile de regresso às aulas, já tinha ido a bailes da igreja. Não dançava mal - eu também já estivera em alguns desses bailes e tinha-a visto mas, para ser franco, era bastante difícil adivinhar como é que se sairia com alguém como eu. Nos bailes da igreja dançava sempre com pessoas mais velhas, porque ninguém da sua idade a convidava. E dançava muito bem aqueles estilos que tinham sido populares há cerca de trinta anos. Sinceramente, não sabia o que esperar dela.

Confesso que também estava um pouco preocupado com o que ela iria vestir, embora não fosse assunto do qual lhe fosse falar. Quando Jamie ia aos bailes da igreja vestia normalmente uma camisola velha e uma das saias de xadrez que víamos na escola todos os dias, mas o baile do regresso às aulas devia ser especial. A maioria das garotas compravam vestidos novos e os rapazes vestiam fatos e, naquele ano, íamos contratar um fotógrafo. Sabia que Jamie não ia comprar um vestido novo, porque não era propriamente rica. A profissão de sacerdote não dava muito dinheiro. Mas claro que os pastores não escolhiam essa ocupação por razões financeiras, escolhiam-na por vocação. Mas também não queria que ela vestisse a mesma coisa que levava para a escola todos os dias. Não tanto por mim - não sou assim tão insensível - mas por causa do que os outros pudesse dizer. Não queria que as pessoas trocassem dela ou algo do gênero.

As boas notícias, se é que havia boas notícias, foram que o Eric não me arreliou muito a propósito da minha escolha porque estava demasiado ocupado a pensar na sua própria parceira. Ele ia com Margaret Hays, a chefe da claque principal da nossa escola. Não era a mais esperta das meninas, mas era gira à sua maneira. Por gira refiro-me, claro, às pernas. Eric ofereceu-se para irmos trocando de par ao longo da noite, mas recusei porque não queria correr qualquer risco de ele troçar de Jamie. Era bom rapaz, mas podia ser um pouco cruel às vezes, especialmente depois de alguns copos de bourbon.

No dia do baile, estive bastante atarefado. Passei a maior parte da tarde ajudando a decorar o ginásio e tinha de estar em casa de Jamie cerca de meia hora mais cedo, porque o pai dela queria falar comigo, embora eu não soubesse porquê. Jamie surpreendera-me com esta exigência apenas na véspera, e não posso dizer que tenha ficado entusiasmado com a perspectiva. Imaginei que me fosse falar da tentação e do caminho pernicioso do pecado a que ela nos podia conduzir. Mas se viesse com a história da fornicação, eu sabia que ia cair morto ali mesmo. Rezei pequenas orações o dia inteiro na esperança de evitar aquela conversa, mas não tinha a certeza de que Deus fosse dar prioridade às minhas preces, por causa do modo como me havia comportado no passado. Ficava bastante nervoso só de pensar no assunto.

Depois de tomar um ducha, vesti o meu melhor fato, passei a correr pela florista para comprar flores para a Jamie e dirigi-me à casa dela. A minha mãe emprestou-me o carro e estacionei-o mesmo em frente à casa de Jamie. A hora ainda não tinha mudado, por isso havia ainda luz na rua quando cheguei e percorri o caminho esburacado em direção à porta. Bati e esperei um momento, depois bati novamente. Por trás da porta, ouvi Hegbert dizer "Já vou", mas não vinha propriamente a correr. Devo ter esperado ali mais ou menos dois minutos, a olhar para a porta, os ornatos, as pequenas fendas nos peitoris das janelas. A um canto, estavam as cadeiras onde eu e Jamie estivéramos sentados apenas alguns dias antes.

Aquela em que me havia sentado ainda estava virada na direção oposta. Supus que ninguém tinha estado ali durante os últimos dias.

Finalmente, a porta abriu-se, rangendo. A luz do candeeiro de dentro obscurecia ligeiramente o rosto de Hegbert e parecia refletir-se através do seu cabelo. Era velho, como já disse, setenta e dois anos pelos meus cálculos. Era a primeira vez que o via de tão perto, e conseguia ver-lhe todas as rugas no rosto. A pele era realmente translúcida, até mais do que eu tinha imaginado.

- Olá, Reverendo - disse eu, engolindo a minha ansiedade. - Estou aqui para levar a Jamie ao baile.
- Claro que está - disse ele. - Mas primeiro quero falar consigo.
- Sim, Reverendo, foi por isso que vim cedo.
- Entre.

Na igreja, Hegbert vestia-se de maneira muito elegante, mas naquele momento parecia um agricultor, com um fato-macaco e uma T-shirt. Fez-me sinal para me sentar na cadeira de madeira que trouxera da cozinha.

- Desculpe ter demorado um pouco a abrir a porta. Estava a trabalhar no sermão de amanhã - disse. Sentei-me.
- Não tem importância, Reverendo. - Não sei porquê, mas tínhamos mesmo de o tratar por "Reverendo". Era como se ele projetasse essa imagem.
- Muito bem, então, fale-me de si.

Achei que era um pedido um tanto ridículo, tendo ele estado envolvido há tanto tempo com a minha família. Foi também ele que me batizou, e desde que eu era bebê que me via na igreja todos os domingos.

- Bem, Reverendo - comecei, não sabendo bem o que dizer - Sou presidente da associação de estudantes. Não sei se Jamie lhe falou nisso.

Acenou que sim com a cabeça.

- Falou. Continue.

- E... bem, espero ir para a Universidade da Carolina do Norte no próximo Outono. Já recebi o formulário da candidatura.

Acenou novamente com a cabeça.

- Mais alguma coisa?

Tenho de admitir que estava a ficar sem nada para dizer depois daquilo. Uma parte de mim queria pegar no lápis ao canto da mesa e começar a equilibrá-lo, demonstrando-lhe o que podia fazer durante trinta segundos, mas ele não era o gênero de pessoa para apreciar tal coisa.

- Creio que não, Reverendo.

- Importa-se que lhe faça uma pergunta?

- Não, Reverendo.

Olhou-me durante um bom bocado, como se estivesse a meditar sobre a pergunta.

- Por que é que pediu à minha filha para ir ao baile consigo? - perguntou finalmente.

Fiquei surpreendido, e sabia que a minha expressão o demonstrava.

- Não percebo o que quer dizer, Reverendo.

- Não está a planejar fazer nada para... a embarcar, pois não?

- Não, Reverendo - disse rapidamente, chocado com a acusação. - De maneira nenhuma.

Precisava de alguém para me acompanhar, e pedi a Jamie. É tão simples quanto isso.

- Não tem nenhuma partida planeada?

- Não, Reverendo. Não faria isso com ela...

Isto continuou durante mais alguns minutos - ele a interrogar-me cerradamente acerca das minhas verdadeiras intenções, mas, por sorte, Jamie surgiu de um dos quartos das traseiras e o pai e eu viramo-nos para ela ao mesmo tempo. Hegbert finalmente parou de falar, e eu soltei um suspiro de alívio. Jamie vestia uma bonita saia azul e uma blusa branca que eu nunca tinha visto antes. Felizmente, tinha deixado a camisola no armário. Não estava mal, tinha de admitir, embora soubesse que, comparada com as outras, no baile, iria mesmo assim parecer mal vestida. Como sempre, tinha o cabelo apanhado. Por mim, achava que teria ficado melhor com ele solto, mas essa era a última coisa que queria dizer. Jamie parecia... Bem, Jamie parecia exatamente ela própria, mas pelo menos não fazia tensão de trazer a Bíblia consigo. Isso seria de mais para se agüentar.

- Não está a ser difícil com o Landon, pois não? - perguntou alegremente ao pai.

- Estábamos apenas a conversar - disse eu rapidamente antes de ele ter oportunidade de responder. Por alguma razão, não achava que ele tivesse falado com Jamie sobre o tipo de pessoa que ele pensava que eu era, e não considerava que aquela fosse boa altura para o fazer.

- Bem, se calhar, devíamos ir - sugeriu ela depois de um momento. Acho que pressentiu a tensão no ar. Dirigi-se ao pai e deu-lhe um beijo na face. - Não fique até muito tarde a trabalhar naquele sermão, está bem?

- Está bem - disse ele baixinho. Mesmo comigo ali na sala, pude perceber que ele a amava verdadeiramente e que não tinha medo de o mostrar. O problema era o que pensava a meu respeito.

Despedimo-nos e a caminho do carro entreguei a Jamie as flores, dizendo-lhe que lhe mostraria como colocá-las ao peito quando estivéssemos dentro do carro. Abri-lhe a porta e dirigi-me para o outro lado, entrando também. Nesse pequeno período de tempo, Jamie já tinha colocado as flores ao peito.

- Não sou propriamente uma imbecil, sabes. Sei como se prendem as flores ao peito.

Pus o carro a trabalhar e segui em direção à escola. A conversa que acabara de ter com Hegbert dava-me voltas à cabeça.

- O meu pai não gosta muito de ti - disse ela, como se adivinhasse o que eu estava a pensar.

Acenei com a cabeça sem dizer nada.

- Acha que és irresponsável.

Acenei de novo.

- Também não gosta muito do teu pai.

Acenei com a cabeça mais uma vez.

- Ou da tua família.

- Já percebi.

- Mas sabes o que eu acho? - perguntou de repente.

- Não. - Por esta altura já estava bastante abatido.

- Acho que tudo isto estava de alguma maneira nos desígnios de Deus. O que é que achas que é a mensagem?

Pronto, lá vamos nós, pensei para comigo.

Duvido que a noite pudesse ter sido muito pior, se querem saber a verdade. A maior parte dos meus amigos manteve-se à distância. Depois, Jamie não tinha muitos amigos, por isso passamos a maior parte do tempo sozinhos. Pior ainda, descobri que, afinal, a minha presença já não era necessária. Tinham alterado as regras devido ao fato de Carey não ter conseguido arranjar par, e isso fez-me sentir bastante incomodado. Mas, lá por causa do que o pai dela me dissera, não ia levá-la para casa mais cedo, não é verdade? E mais, ela estava mesmo a divertir-se; até eu podia perceber isso. Adorou as decorações que eu ajudara a montar, adorou a música, adorou tudo no baile. Dizia-me constantemente que achava tudo uma maravilha e perguntou-me se poderia ajudá-la a decorar a igreja um dia, para um dos bailes que viessem a organizar. Murmurei meio contrafeito que podia telefonar-me e, apesar de o ter dito sem nenhum indício de energia, Jamie agradeceu-me por ser tão atencioso. Para ser franco, senti-me deprimido durante pelo menos a primeira hora, embora ela parecesse não notar.

Jamie tinha de estar em casa às onze da noite, uma hora antes de o baile terminar, o que tornava as coisas um pouco mais fáceis de suportar. Logo que a música começou, fomos dançar e descobri que ela dançava bastante bem melhor até que algumas das outras meninas e isso ajudou um pouco a passar o tempo. Deixou-se conduzir bastante bem durante cerca de uma dúzia de canções e, depois disso, dirigimo-nos às mesas e tivemos o que se assemelhou a uma conversa normal. Claro, soltou palavras como "fé" e "júbilo" e até "salvação" no meio da conversa e falou sobre ajudar os órfãos e salvar animaizinhos da auto-estrada, mas parecia realmente tão alegre que era difícil sentir-me em baixo durante muito tempo.

Daí que as coisas não tivessem corrido assim tão mal ao princípio, e, realmente, não foi pior do que aquilo que eu já esperava. Só quando Lew e Angela apareceram é que tudo começou mesmo a azedar.

Entraram poucos minutos depois de nós termos chegado. Ele vestia aquela T-shirt estúpida, os Camels na manga e uma crista de gel no cabelo à frente. Angela colou-se toda a ele logo desde o princípio do baile, e não era preciso ser gênio para perceber que tinha bebido uns copos antes de ali

chegar. O seu vestido era verdadeiramente vistoso - a mãe dela trabalhava num salão de cabeleireira e estava a par das últimas modas e reparou que tinha adquirido aquele hábito elegante de mascar pastilhas elásticas. Moia mesmo aquela pastilha, mascando-a quase como um ruminante.

Ora bem, o bom do Lew acrescentou álcool à tigela do ponche e algumas pessoas começaram a ficar tontas. Quando os professores descobriram, grande parte do ponche já tinha desaparecido e muitos dos presentes começavam a ficar com aquela expressão vítreos nos olhos. Quando vi Angela a beber o segundo copo, senti que devia ficar atento a ela. Apesar de me ter trocado por outro, eu não queria que nada de mal lhe acontecesse. Foi a primeira menina que beijei com a língua e, apesar de os nossos dentes terem chocado com tanta força na primeira vez, de tal modo que até vi estrelas e tive de tomar uma aspirina quando cheguei a casa, ainda sentia alguma coisa por ela.

Ali estava eu, sentado ao lado de Jamie, mal ouvindo as suas descrições das maravilhas do campo de férias da igreja, observando Angela pelo canto do olho, quando Lew deu comigo a olhar para ela. Num gesto nervoso, agarrou Angela à volta da cintura e arrastou-a até à nossa mesa, lançando-me um daqueles olhares desafiadores e perigosos. Sabem do que estou a falar.

- Estavas a olhar para a minha namorada? - perguntou, retesando-se.

- Não.

- Estava, pois - disse Angela, arrastando as palavras. Ele estava a olhar fixamente para mim. - Este é o meu antigo namorado, aquele de que te falei.

Os olhos dele semicerraram-se, como acontecia com os de Hegbert. Parece que provoco esse efeito em muitas pessoas.

- Então és tu? - perguntou ele, sorrindo com desdém.

Pois é, eu não sou muito dado a lutas. A única luta em que me envolvi foi no terceiro ano, e parece que a perdi logo, pois comecei a chorar mesmo antes de o outro rapaz me bater. Normalmente, não tinha grande dificuldade em manter-me afastado desse género de situações devido à minha natureza passiva e, para além disso, ninguém se metia comigo quando Eric estava por perto. Mas agora Eric estava algures lá fora com Margaret, provavelmente por trás das bancadas, em lado nenhum que se pudesse ver.

- Não estava a olhar - respondi finalmente - e não sei o que é que ela te disse, mas duvido que tenha sido verdade.

Lew semicerrou de novo os olhos.

- Estás a chamar mentirosa à Angela? - perguntou desdenhosamente.

Acho que ele me teria dado um soco ali mesmo, mas Jamie, de súbito, meteu-se na conversa.

- Não te conheço de algum lado? - perguntou alegremente, olhando-o no rosto. às vezes, Jamie parecia não se aperceber de situações que estavam a ocorrer mesmo à sua frente. - Espera, sim, conheço! Trabalhas na oficina do centro. O teu pai chama-se Joe e a tua avó vive na Foster Road à saída da cidade, perto da passagem de nível.

Uma expressão confusa instalou-se no rosto de Lew, como se estivesse a tentar compor um puzzle com demasiadas peças.

- Como é que sabes tudo isso? O que é que ele fez, também esteve a falar de mim?

- Não - respondeu Jamie - que disparate! - Riu-se sozinha. Só Jamie conseguia encontrar motivo para rir numa altura daquelas. - Vi uma fotografia tua na casa da tua avó. Eu ia a passar, e ela precisava de ajuda para levar as compras para dentro de casa. A foto estava em cima da lareira.

Lew olhava para Jamie como se ela tivesse espias de milho a crescer-lhe nas orelhas.

Entretanto, Jamie abanava-se com a mão.

- Bem, viemos-nos sentar aqui para descansar um pouco depois de toda aquela dança. Faz mesmo calor ali. Querem juntar-se a nós? Temos duas cadeiras a mais. Adorava saber como tem passado a tua avó!

Ela parecia tão contente com tudo aquilo que Lew não sabia o que fazer. Ao contrário de nós, que estávamos habituados aquelas coisas, ele nunca conhecera ninguém como Jamie. Hesitou alguns momentos, tentando decidir se deveria esmurrar ou não o tipo que estava com a mulher que

tinha ajudado a sua avó. Se vos parece confuso, imaginem o que se estava a passar naquele cérebro danificado pelos vapores da gasolina de uma oficina.

Por fim, foi-se embora sem responder, covardemente, levando Angela consigo. De qualquer maneira, Angela já se devia ter esquecido de como tudo aquilo havia começado, devido ao que já tinha bebido. Jamie e eu vimo-lo partir, e quando ele estava a uma distância segura, eu respirei de alívio. Nem sequer me dera conta de que tinha estado a reter a respiração.

- Obrigado - murmurei timidamente, apercebendo-me de que fora Jamie, quem havia de dizer, que me tinha salvo de graves danos físicos.

Jamie olhou de modo estranho para mim.

- Porquê? - perguntou, e como eu não lhe explicasse tudo com exatidão, voltou logo para a sua história do campo de férias, como se nada tivesse acontecido. Mas, desta vez, dei por mim realmente a escutá-la, pelo menos com um dos ouvidos. Era o mínimo que eu podia fazer.

Acontece que aquela não foi a última vez que vimos Lew e Angela nessa noite. Os dois copos de ponche tinham mesmo dado volta à menina, que acabou por vomitar na casa de banho das senhoras. Lew, sendo o cavalheiro que era, foi-se embora quando a ouviu vomitar, saindo furtivamente por onde tinha entrado. Foi a última vez que o vi. Jamie, quis assim o destino, foi quem encontrou Angela na casa de banho, e era evidente que Angela não estava muito bem. A única coisa a fazer era limpá-la e levá-la para casa antes que os professores descobrissem. Apanhar uma bebedeira era um caso muito grave naqueles tempos e, se fosse apanhada, corria o risco de ser suspensa, talvez até expulsa.

Jamie, Deus a abençoe, não queria que isso acontecesse. Eu também não, ainda que pudesse ter pensado de outra maneira se me tivessem perguntado de antemão, dado Angela ser menor e estar a violar a lei. Também tinha quebrado outra das regras de conduta de Hegbert. Hegbert reprovava severamente a violação da lei<sup>1</sup> e o consumo de álcool, e apesar de isso o não arrebatar tanto como a fornicação, todos sabíamos que levava tais casos muito a sério. Calculávamos que Jamie pensasse da mesma maneira. E talvez pensasse, mas o seu instinto de ajuda deve ter-se apoderado dela. Provavelmente, olhou para Angela e pensou "animalzinho ferido" ou coisa parecida, tomando de imediato conta da situação. Então fui à procura de Eric e encontrei-o atrás das bancadas. Concordou em ficar de guarda à porta da casa de banho enquanto Jamie e eu a limpávamos. A Angela tinha feito um belo trabalho, digo-vos. O vomitado estava por tudo o que era sítio menos na retrete. Nas paredes, no chão, nos lavatórios, até no teto, mas não me perguntaram como é que ela conseguiu esse feito. Portanto, ali estava eu, de joelhos e mãos no chão, a limpar vomitado no baile de regresso às aulas no meu melhor fato azul, exatamente o que quisera evitar desde o princípio. E Jamie, o meu par, também estava de joelhos e mãos no chão, fazendo exatamente o mesmo.

Quase que podia ouvir o riso esganicado de Carey algures, ao longe.

- Por favor, não contes nada disto ao teu pai - pedi.

- Está bem - concordou ela. Continuava a sorrir quando, finalmente, se voltou para mim. - Diverti-me muito hoje à noite. Obrigado por me teres levado ao baile.

Ali estava ela, coberta de vomito, a agradecer-me por aquela noite. Jamie Sullivan, às vezes, era mesmo capaz de dar com um tipo em doido.

Acabamos por sair às escondidas pela porta das traseiras do ginásio, mantendo Angela equilibrada entre nós, segurando-a para que se mantivesse de pé. Estava sempre a perguntar por Lew, mas Jamie dizia-lhe para não se preocupar. Tinha uma maneira verdadeiramente tranqüilizadora de falar com Angela, apesar de esta se encontrar tão fora de si que duvido que soubesse sequer quem é que estava a falar. Levado para o banco de trás do meu carro, onde desmaiou logo a seguir, mas não antes de ter vomitado mais uma vez no chão do carro. O cheiro era tão horrível que tivemos de abrir as janelas para não sufocarmos, e o caminho para a casa de Angela parecia mais longo que o habitual. A mãe dela veio à porta, olhou para a filha e levou-a para dentro de casa sem dar sequer uma palavra de agradecimento. Penso que se sentia envergonhada, e nós, de qualquer maneira, não tínhamos muito para lhe dizer. A situação falava por si.

Quando a deixamos eram já dez e quarenta e cinco e seguimos diretamente para a

casa de Jamie. Fiquei bastante preocupado quando lá chegamos por causa da sua aparência e do cheiro, e rezei em silêncio para que Hegbert não estivesse acordado. Não queria ter de lhe explicar o que se tinha passado. Bem, por certo daria ouvidos a Jamie se fosse ela a contar, mas tinha um pressentimento de que, de qualquer maneira, ele arranjaria maneira de me culpar.

Acompanhei-a, então, até à porta e detivemo-nos no lado de fora sob a luz da varanda. Jamie cruzou os braços e esboçou um sorriso, dando a impressão de ter acabado de chegar de um calmo passeio noturno em que estivera a apreciar a beleza do mundo.

#### CAPÍTULO 4

Nas duas semanas a seguir ao baile, a minha vida regressou praticamente à normalidade. O meu pai estava de novo em Washington D.C., o que tornava as coisas muito mais divertidas em casa, sobretudo porque podia sair novamente às escondidas pela janela e ir para o cemitério nas minhas incursões noturnas. Não sei o que nos atraía tanto ao cemitério. Talvez tivesse alguma coisa que ver com os próprios túmulos porque, no que tocava a túmulos, até eram bastante confortáveis.

Normalmente, sentávamo-nos num pequeno lote onde a família Preston tinha sido enterrada havia cerca de cem anos. Havia oito pedras tumulares naquele sítio, todas dispostas em círculo, o que tornava fácil passar os amendoins entre nós. Uma vez, eu e os meus amigos decidimos investigar aquilo que fosse possível sobre os Preston e fomos à biblioteca ver se havia alguma coisa escrita a respeito desta família. Quer dizer, se nos vamos sentar no túmulo de alguém, já agora por que não saber alguma coisa sobre essa pessoa, certo!?

Não havia muita coisa sobre a família nos registros históricos, mas encontramos uma informação interessante. Henry Preston, o pai, tinha sido lenhador, maneta, acreditem ou não. Parece que era capaz de derrubar uma árvore tão depressa como qualquer outro com ambos os braços. Ora bem, a visão de um lenhador maneta é bastante forte, por isso falávamos muito sobre ele. Costumávamos imaginar que mais poderia ele fazer com apenas um braço e passávamos horas a discutir a que velocidade conseguiria lançar uma bola de basebol ou se seria capaz ou não de atravessar a nado a Intracoastal Waterway. As nossas conversas não eram propriamente eruditas, admito, mas, de qualquer maneira, eu gostava delas.

Bem, Eric e eu estávamos no cemitério numa noite de domingo com dois outros amigos, a comer amendoins e a falar de Henry Preston, quando o Eric me perguntou como tinha corrido a minha "saída" com a Jamie Sullivan. Desde o baile que não tínhamos estado muito tempo juntos, porque a época de futebol já entrara na fase das finais e Eric ausentara-se durante os últimos fins-de-semana com a equipa.

- Correu bem - respondi, encolhendo os ombros, esforçando-me o melhor que podia por parecer desinteressado.

Eric bateu-me amigavelmente com os cotovelos nas costelas, e eu gritei. Ele era, pelo menos, dez quilos mais pesado que eu.

- Deste-lhe um beijo de despedida?

- Não.

Bebeu um longo trago da sua lata de Budweiser enquanto eu respondia. Não sei como é que ele conseguia, mas Eric nunca tinha problemas em comprar cerveja, o que era estranho, uma vez que toda a gente na cidade sabia a idade dele.

Limpou os lábios com as costas da mão, lançando-me um olhar de soslaio.

- Pensava que depois de ela te ter ajudado a limpar a casa de banho lhe tivesses dado, pelo menos, um beijo de despedida.

- Pois, mas não dei.

- Tentaste ao menos?

- Não.

- Porquê?

- Ela não é desse tipo de garotas - retorqui e, apesar de todos sabermos que isso era verdade, ainda assim parecia que estava a defendê-la.

Eric agarrou-se a isso como uma sanguessuga.

- Acho que gostas dela - insistiu.

- Só dizes disparates - disse eu, e ele deu-me uma palmada nas costas com impacte suficiente para forçar a saída do ar dentro de mim. Andar com Eric implicava, normalmente, ficar com algumas nódoas negras no dia seguinte.

- Está bem, posso só dizer disparates - disse ele, piscando-me o olho - mas és tu que estás caidinho pela Jamie Sullivan.

Sabia que estávamos a trilhar terreno perigoso.

- Usei-a para impressionar a Margaret - disse eu. - E pelos bilhetes de amor que ela me tem enviado ultimamente, suponho que deve ter resultado.

Eric riu-se alto, dando-me de novo uma palmada nas costas.

- Tu e Margaret, ora aí está uma coisa engraçada...

Sabia que tinha acabado de me esquivar de boa e suspirei de alívio quando a conversa mudou de rumo. Participava de vez em quando, mas não estava realmente atento ao que eles diziam. Em vez disso, continuava a ouvir uma pequena voz dentro de mim que me fazia pensar no que Eric havia dito.

A verdade era que Jamie fora, provavelmente, o melhor par que eu poderia ter tido naquela noite, sobretudo tendo em conta como correu a noite. Pouquíssimas parceiras - raios, pouquíssima gente, ponto final - teria feito o que ela fez. Ao mesmo tempo, o fato de Jamie ter sido um bom par não queria dizer que eu gostasse dela. Não voltei a falar-lhe desde o baile, tirando as vezes que a vi na aula de teatro e, mesmo então, eram só algumas palavras de vez em quando. Se realmente gostasse dela, disse para comigo, teria sentido vontade de conversar com ela. Se gostasse dela, ter-me-ia oferecido para a acompanhar a casa. Se gostasse dela, teria querido levá-la ao Cecil's Diner para uma dose de hushpuppies e uma Cola. Mas não queria fazer nenhuma dessas coisas. Não queria mesmo. Quanto a mim, já tinha cumprido a minha penitência.

No dia seguinte, domingo, fiquei no meu quarto, a preencher o formulário de candidatura à UNC. Para além das cópias dos documentos da minha escola e de outras informações pessoais, eles pediam cinco composições do tipo normal. Se pudesses conhecer uma figura da história, quem seria essa figura e porquê? Qual a influência mais importante na tua vida e porquê? O que é que se procura num herói e porquê? Os temas das composições eram bastante previsíveis - o nosso professor de Inglês tinha-nos informado sobre o que esperar e eu já preparara duas ou três versões na aula como trabalho de casa.

O Inglês era, provavelmente, a minha melhor disciplina. Nunca tinha tido menos de dezesseis valores desde que comecei a escola, e fiquei contente por darem importância à escrita na candidatura. Se tivesse sido a Matemática, podia ter tido problemas, sobretudo se incluisse aqueles problemas de álgebra que falavam dos dois comboios que partiam com uma hora de diferença um do outro, viajavam em direções opostas a sessenta e cinco quilômetros por hora, etc. Não que fosse mau a Matemática - costumava ter pelo menos um doze - mas não era muito vocacionado para essa disciplina.

Pois bem, estava a escrever uma das minhas composições quando tocou o telefone. O único telefone que tínhamos encontrava-se na cozinha e tive de correr ao andar de baixo para atender. Respirava tão ruidosamente que não consegui distinguir bem a voz, embora se parecesse com a da Angela. Sorri logo para mim mesmo. Apesar de ter vomitado pela casa-de-banho toda, e de eu ter tido de a limpar, na verdade, ela era bastante divertida a maior parte do tempo. O seu vestido tinha sido mesmo um sucesso, pelo menos durante a primeira hora. Calculei que estivesse a telefonar para me agradecer, ou até para irmos juntos comer uma sandes de carne grelhada e hushpuppies ou outra coisa do gênero.

- Landon?

- Oh, olá - disse eu, fingindo indiferença - tudo bem?

Seguiu-se uma curta pausa do outro lado.

- Como estás?

Foi então que percebi que não estava a falar com Angela, mas sim com Jamie, e quase deixei o telefone cair. Não posso dizer que fiquei contente por ser ela. Por um instante, perguntei-me quem lhe teria dado o meu número de telefone, até que me lembrei que provavelmente estava nos registros da igreja.

- Landon?

- Estou bem - balbuciei por fim, ainda em estado de choque.

- Estás ocupado?

- Mais ou menos.

- Ah... Está bem... - disse ela, a sua voz sumindo-se. Fez outra pausa.

- Por que me estás a telefonar? - perguntei.

Levou alguns segundos para pôr as palavras cá fora.

- Bem... queria só saber se não te importavas de vir até aqui um pouco, lá mais para o fim da tarde.

- Ir até aí?

- Sim. A minha casa.

- A tua casa? - Nem sequer tentei disfarçar a crescente surpresa na minha voz. Jamie ignorou-a e continuou.

- Tenho de falar contigo sobre um assunto. Não te pediria se não fosse importante.

- Não podes dizer-me pelo telefone?

- Preferia não o fazer.

- Bem, estava a planejar escrever as composições para a candidatura à universidade esta tarde - disse, tentando esquivar-me.

- pronto... como disse, é importante, mas suponho que pode ficar para falar contigo na escola, na segunda-feira

Com isso percebi, de repente, que ela não me iria largar e que acabaríamos por falar de uma maneira ou de outra. Estudei rapidamente todos os cenários possíveis, tentando imaginar qual deles deveria escolher - falar com ela onde os meus amigos nos vissem ou falar em casa dela. Apesar de nenhuma das opções ser particularmente agradável, qualquer coisa no fundo da minha mente fazia-me lembrar que ela me havia ajudado quando fora mesmo preciso, e que o mínimo que podia fazer era ouvir o que ela tinha para dizer. Posso ser irresponsável, mas sou um irresponsável simpático, mesmo que seja eu a dizê-lo.

Claro que isso não significava que todo o mundo tivesse de ficar a saber.

- Não - disse eu - pode ser hoje

Combinamos encontrar-nos às cinco horas, e o resto da tarde passou devagar, lento como a tortura chinesa das gotas. Saí de casa vinte minutos antes das cinco para ter tempo suficiente para lá chegar. A minha casa ficava perto da praia, virada para a Intracoastal Waterway, na parte histórica da cidade, apenas a duas casas de distância do local onde o Blackbeard viveu. Jamie morava no outro lado da cidade, para lá da linha do comboio, por isso eu iria levar aquele tempo a chegar lá.

Estávamos em Novembro, e o ar começava a ficar mais fresco. Uma das coisas de que realmente gostava em Beaufort era o fato de as primaveras e os outonos durarem praticamente o ano todo. Podia fazer calor no Verão ou nevar de seis em seis anos, e podia haver um período de tempo muito frio que durava à volta de uma semana no mês de Janeiro, mas durante a maior parte do tempo precisávamos apenas de um casaco leve para suportar o Inverno. Aquele era um desses dias perfeitos - vinte e pouco graus, sem uma nuvem no céu.

Cheguei a casa de Jamie mesmo à hora e bati à porta. Ela veio abri-la, e uma espreitadela rápida revelou-me que Hegbert não se encontrava em casa. O tempo não estava suficientemente quente para um chá doce ou limonada, mas sentámo-nos de novo nas cadeiras da varanda, sem beber nada. O Sol começava a descer no céu, e não havia ninguém na rua. Desta vez não tive de mudar a posição da cadeira. Não tinham mexido nela desde a última vez que eu ali estivera.

- Obrigada por teres vindo, Landon - disse ela. - Sei que estás muito ocupado, mas agradeço teres

tirado algum tempo para vir cá.

- Então, o que há de tão importante? - perguntei, querendo despachar-me daquilo o mais depressa possível.

Jamie, pela primeira vez desde que a conhecera, parecia na verdade nervosa sentada ali ao meu lado. Juntava e afastava as mãos continuamente.

- Quero pedir-te um favor - disse ela com um ar sério.

- Um favor?

Acenou com a cabeça.

Primeiro, pensei que me fosse pedir para ajudá-la a decorar a igreja, tal como mencionara no baile, depois pensei que talvez precisasse que eu usasse o carro da minha mãe para levar algumas coisas para os órfãos. Jamie não tinha carta de condução e, de qualquer maneira, Hegbert precisava constantemente do carro, uma vez que havia sempre um funeral ou outra coisa qualquer a que ele tinha de ir. Mas foram precisos ainda alguns segundos para que ela começasse a falar.

Suspirou, juntando de novo as mãos.

- Queria perguntar-te se não te importarias de fazer de Tom Thornton na peça da escola.

Tom Thornton, como disse antes, era o homem que ia à procura de uma caixinha de música para a filha, aquele que se encontra com o anjo. Tirando o anjo, era de longe o papel mais importante.

- Bem... não sei - hesitei, confuso. - Pensei que Eddie Jones fosse fazer de Tom. Foi o que Miss Garber nos disse.

Eddie Jones era muito parecido com Carey Dennison. Era muito magro, com a cara cheia de borbulhas e, normalmente, falava às pessoas olhando-as de esguelha. Tinha um tique que o levava a semicerrar os olhos sempre que ficava nervoso, o que acontecia quase sempre. Provavelmente, acabaria a declamar o seu texto como um cego psicótico diante de uma multidão. Como se não bastasse, também gaguejava, demorando bastante tempo a dizer fosse o que fosse. Miss Garber dera-lhe o papel por ele ter sido o único a oferecer-se para representá-lo, mas, mesmo assim, era evidente que ela também não queria que fosse ele o intérprete. Os professores também eram humanos, mas ela não tinha alternativa, uma vez que ninguém mais se tinha oferecido.

- Miss Garber não disse isso exatamente. O que disse foi que Eddie poderia ficar com o papel se mais ninguém o quisesse tentar fazer.

- E não há outra pessoa para o fazer?

Mas, na verdade, não havia mais ninguém, e eu sabia disso. Por causa da exigência de Hegbert de que apenas os alunos do último ano podiam participar, a representação da peça estava comprometida naquele ano. No último ano do curso, havia cerca de cinqüenta rapazes, vinte e dois dos quais pertenciam à equipa de futebol e, com a equipa ainda em competição para o título estadual, nenhum deles iria ter tempo para ir aos ensaios. Dos cerca dos restantes trinta, mais de metade participava na banda e também tinham ensaios depois das aulas. Um cálculo rápido revelava que havia uma dezena de rapazes que poderiam candidatar-se ao papel na peça.

Ora bem, eu não queria mesmo participar na peça, e não apenas por ter acabado de descobrir que o teatro era a disciplina mais chata que alguma vez tinham inventado. O problema era que já levava Jamie ao baile e, com ela a fazer de anjo, não conseguia suportar a idéia de ter de passar as tardes com ela durante todo o mês. Ter sido visto com Jamie uma vez já me comprometia... Mas ser visto com ela todos os dias!. Que diriam os meus amigos?

Pude, no entanto, perceber que aquilo era realmente importante para ela. O simples fato de me ter feito o pedido tornava isso claro. Jamie nunca pedia um favor a ninguém. Penso que, lá no fundo, desconfiava que jamais alguém lhe faria um favor, por causa de quem ela era. A simples percepção desse fato fez-me sentir triste.

- E o Jeff Bangert? Ele talvez possa - sugeri.

Jamie abanou a cabeça. - Não pode. O pai dele está doente, e tem de trabalhar na loja depois das aulas até ele melhorar.

- E Darren Woods?

- Partiu o braço a semana passada quando escorregou no barco. Tem o braço engessado.

- A sério? Não sabia disso - retorqui, ganhando tempo, mas Jamie sabia o que eu estava a fazer.  
- Tenho rezado muito por isto, Landon - disse ela simplesmente, e suspirou uma vez mais. - Gostava mesmo que esta peça fosse especial este ano, não por mim, mas pelo meu pai. Quero que seja a melhor encenação de sempre. Eu sei o que significará para ele ver-me no papel de anjo, porque esta peça faz-lhe recordar-se da minha mãe ... - Fez uma pausa, organizando os pensamentos. - Seria horrível se fosse um fracasso este ano, especialmente porque eu estou envolvida.

Deteve-se de novo antes de continuar. A sua voz tornava-se mais emocionada à medida que prosseguia.

- Sei que Eddie daria o seu melhor, sei isso muito bem. E não tenho quaisquer problemas em fazer a peça com ele, não tenho mesmo. Na verdade, ele é muito boa pessoa, mas disse-me que já não tinha a certeza de querer fazê-la. às vezes, as pessoas na escola podem ser tão... tão... cruéis, e não quero que magoem o Eddie. Mas... - respirou fundo - mas a verdadeira razão por que te estou a pedir é o meu pai. É um homem tão bom, Landon. Se as pessoas fizerem troça das recordações que ele tem da minha mãe enquanto eu estiver a representar o papel... Bem, isso iria entristecer-me muito. E com Eddie e eu... Sabes o que iriam dizer.

Concordei com a cabeça, franzindo os lábios, sabendo que eu teria sido uma dessas pessoas de quem ela estava a falar. Na verdade, já era uma delas. Jamie e Eddie, o duo dinâmico, como lhe chamávamos, depois de Miss Garber ter anunciado que seriam eles a interpretar aqueles papéis. O simples fato de ter sido eu a começar essa brincadeira fez-me sentir pessimamente, quase até à náusea.

Ela endireitou-se na cadeira e olhou para mim com um ar triste, como se já soubesse que eu ia dizer que não. Suponho que não sabia como eu me estava a sentir. Continuou.

- Sei que os desafios são sempre parte dos desígnios de Deus, mas não quero crer que Deus seja cruel, especialmente para alguém como o meu pai. Ele dedica a sua vida a Deus, entrega-se à comunidade. E já perdeu a mulher e teve de me criar sozinho. E amo-o muito por isso  
Jamie virou a cabeça, mas pude ver lágrimas nos seus olhos. Era a primeira vez que a via chorar.  
Penso que parte de mim queria chorar também.

- Não estou a pedir que o faças por mim - disse baixinho - A sério que não e, se recusares, continuarei a rezar por ti. Prometo. Mas se quiseres fazer algo de simpático por um homem maravilhoso que é tão importante para mim... Podes só pensar no assunto?

Os olhos dela pareciam os de um cocker spaniel que tinha acabado de fazer porcaria no tapete. Olhei para os pés.

- Não preciso pensar no assunto - disse, por fim. - Aceito. Realmente não tinha escolha, pois não?  
**CAPÍTULO 5**

No dia seguinte, falei com Miss Garber, prestei provas e fiquei com o papel. Eddie não ficou nada aborrecido. Na verdade, percebi que tinha ficado verdadeiramente aliviado com tudo aquilo. Quando Miss Garber lhe perguntou se estaria disposto a deixar-me interpretar o papel de Tom Thornton, o seu rosto descontraiu-se de imediato e um dos seus olhos voltou a abrir-se. - S-s-sim, c-c-com c-c-certeza - disse gaguejando. - E-e-eu com-com-compreendo. - Levou quase dez segundos para conseguir dizer aquilo.

Pela sua generosidade, porém, Miss Garber deu-lhe o papel do vagabundo e todos sabíamos que ele iria sair-se bastante bem nesse papel. O vagabundo, estão a ver, era completamente mudo, mas o anjo sabia sempre o que ele estava a pensar. A certa altura da peça, o anjo tem de dizer ao vagabundo mudo que Deus olhará sempre por ele, porque Deus se preocupa especialmente com os pobres e os oprimidos. Esse era um dos sinais para a assistência de que o anjo tinha sido enviado por Deus. Como disse antes, Hegbert queria que ficasse bem claro quem concedia a redenção e a salvação, e por certo, não iriam ser uns quantos fantasmas raquíticos que surgiam subitamente do nada.

Os ensaios começaram na semana seguinte. Ensaiávamos na sala de aulas, porque a Playhouse não nos abria as portas até termos superado todos as "pequenas falhas" na nossa

representação. Por pequenas falhas, quero referir-me à nossa tendência para derrubar accidentalmente os adereços. Estes tinham sido feitos por Toby Bush, cerca de quinze anos antes, quando a peça foi encenada pela primeira vez. Toby Bush era uma espécie de biscoateiro errante que tinha realizado alguns projetos para a Playhouse no passado. Era um biscoateiro errante porque bebia cerveja o dia inteiro enquanto trabalhava, e por volta das duas horas, mais ou menos, já estava nas nuvens. Suponho que não via bem, porque magoava os dedos com o martelo pelo menos uma vez por dia. Sempre que isso acontecia, atirava o martelo para o chão e desatava aos pulos, segurando os dedos e amaldiçoando toda a gente desde a mãe até ao Diabo. Quando, por fim, se acalmava, bebia outra cerveja para aliviar as dores antes de regressar ao trabalho. Tinha os nós dos dedos do tamanho de amêndoas, permanentemente inchados devido a anos e anos de marteladas, e ninguém estava disposto a contratá-lo a tempo inteiro. A única razão por que Hegbert o havia contratado foi por ele cobrar os preços mais baixos da cidade

Mas Hegbert não permitia a bebida ou palavrões e Toby, realmente, não sabia como trabalhar num ambiente tão severo. Como resultado, o trabalho ficou meio desengonçado, embora não fosse, na verdade, assim tão mau. Alguns anos depois, os adereços começaram a desconjuntar-se e Hegbert assumiu a tarefa de manter as coisas juntas. Mas embora Hegbert fosse bom a pregar a Bíblia, não o era a pregar pregos, e os adereços tinham pregos torcidos e ferrugentos espetados por todo o lado, de tal modo que tínhamos de ter o cuidado de andar exatamente pelo sítio certo. Se fossemos de encontro a eles seguindo um trajeto errado, ou se nos magoássemos e os adereços tombassem, os pregos faziam pequenos buracos no chão do palco. Alguns anos mais tarde, o palco da Playhouse teve de levar um novo revestimento e, embora não pudessem fechar as suas portas a Hegbert, fizeram um acordo com ele para que tivesse mais cuidado no futuro. Isso queria dizer que devíamos ensaiar na sala de aula até superarmos as "pequenas falhas".

Felizmente, Hegbert não se envolvia na produção da peça, devido a todos os seus deveres de pastor. A tarefa cabia a Miss Garber, e a primeira coisa que ela nos disse foi para memorizarmos os nossos textos o mais depressa possível. Não tínhamos tanto tempo quanto o que normalmente era concedido para os ensaios, porque o Dia de Ação de Graças calhava no último dia de Novembro, e Hegbert não queria que a peça fosse representada muito próximo do Natal, de modo a não interferir com "o seu verdadeiro significado". Isso deixava-nos apenas três semanas para a conseguirmos montar, uma semana menos do que era habitual.

Os ensaios começavam às três, e Jamie sabia todo o seu texto de cor logo no primeiro dia, o que não era realmente surpreendente. O surpreendente era que ela sabia todo o meu texto também, assim como o texto de todos os outros. Quando estávamos a ensaiar uma cena, ela fazia-o sem o guião, e eu tinha de olhar para uma pilha de folhas, tentando descobrir qual seria a minha próxima deixa. Sempre que olhava para Jamie ela parecia verdadeiramente radiante, como se o brilho de uma chama a iluminasse. As únicas deixas que eu sabia naquele primeiro dia eram as do vagabundo mudo e, de repente, fiquei mesmo com inveja do Eddie, pelo menos nesse aspecto. Aquilo ia dar muito trabalho, não era bem o que tinha esperado quando me inscrevera na disciplina de teatro.

Os sentimentos nobres que nutria pela minha participação na peça haviam-se desvanecido logo no segundo dia de ensaios. Embora soubesse que estava a fazer a "coisa certa", os meus amigos não compreendiam nada daquilo, e andavam a chatear-me desde que descobriram que eu ia entrar.

- Vais fazer o quê? - perguntou Eric quando soube. - Vais entrar na peça com a Jamie Sullivan? Estás doido ou és simplesmente estúpido? - Resmunguei que tinha uma boa razão, mas ele não largava o assunto e disse a todos do nosso grupo que eu tinha um fraquinho por ela. Neguei-o, claro, o que só fez com que ficassem a pensar que era verdade; riam-se ainda mais alto e contavam à pessoa que encontrassem a seguir. As histórias começavam a tornar-se mais disparatadas também - à hora do almoço já tinha ouvido a Sally dizer que eu estava a pensar em ficar noivo. Com efeito, penso que Sally ficou com ciúmes. Ela tivera um fraquinho por mim durante anos, e o sentimento poderia ter sido recíproco se não fosse o fato de ela ter um olho de vidro, e isso era coisa que eu simplesmente não conseguia ignorar. O olho de vidro lembrava-me algo que podíamos ver enfiado na cabeça de um mocho embalsamado numa loja de antiguidades

pirosa e, para ser franco, isso causava-me arrepios.

Suponho que foi então que comecei de novo a sentir rancor por Jamie. Sei que a culpa não era dela, mas era eu quem estava a sacrificar-me por Hegbert, que na noite do baile não se esforçara para que eu me sentisse bem-vindo. Comecei a encalhar nas deixas durante os ensaios dos dias seguintes, na verdade nem sequer tentando decorá-las, e, de vez em quando, saía-me com uma piada ou duas, de que todos se riam menos Jamie e Miss Garber. Depois de terminados os ensaios, ia para casa esquecer a peça, e nem me dava ao trabalho de pegar no texto. Em vez disso, gozava com os meus amigos sobre as coisas esquisitas que Jamie fazia e contava mentiras sobre como tinha sido Miss Garber a forçar-me a entrar na peça.

A Jamie, porém, não me ia largar tão facilmente. Não, atingiu-me mesmo onde dói, mesmo em cheio no meu ego.

Cerca de uma semana após o início dos ensaios, eu saí com Eric um sábado à noite para assistir a um jogo do campeonato estadual de futebol de Beaufort. Após o jogo, encontrávamo-nos à beira do mar junto ao Ceci's Diner a comer hushpuppies e a ver as pessoas a passearem de carro de um lado para o outro, quando vi Jamie a descer a rua. Vinha ainda a uns cem metros de distância, voltando a cabeça de um lado para o outro, vestindo aquela velha camisola castanha de novo e com a Bíblia na mão. Deviam ser mais ou menos nove horas, o que era tarde para ela andar na rua e, mais estranho ainda, era vê-la naquela zona da cidade. Voltei-lhe as costas e puxei a gola do casaco para cima, mas até a Margaret - que tinha pudim de banana no lugar do cérebro - era suficientemente esperta para perceber de quem é que ela andava à procura.

- Landon, vem ali a tua namorada.

- Ela não é a minha namorada - resmunguei. - Não tenho namorada.

- A tua noiva, então.

Imagino que também tivesse falado com a Sally.

- Não estou noivo - disse. - Parem já com isso.

Olhei por cima do ombro para ver se ela já me tinha visto, e imagino que sim. Caminhava na nossa direção. Fingi não reparar.

- Ái vem ela - disse Margaret, soltando umas risadinhas.

- Eu sei - disse eu.

Vinte segundos depois, repetiu o aviso.

- Continua a vir. - Já vos tinha dito que ela era inteligente.

- Eu sei - resmunguei entre dentes. Se não fossem as pernas dela, podia quase irritar-nos tanto como a Jamie.

Olhei de novo em volta e, desta vez, Jamie sabia que eu a tinha visto. Sorriu e acenou para mim. Voltei-me para o lado, e um momento depois ela estava ali mesmo à minha frente.

- Olá, Landon - disse, sem reparar no meu desdém. - Olá, Eric, Margaret... - Cumprimentou o grupo todo. Toda a gente murmurou uma espécie de "olá" e tentou não olhar para a Bíblia.

Eric tinha uma cerveja na mão e escondeu-a atrás das costas. Até mesmo Eric, Jamie era capaz de o fazer sentir-se culpado se estivesse bem perto dele. Tinham sido vizinhos em tempos, e Eric já ouvira as suas conversas antes. Nas costas dela, chamava-lhe "a Senhora da Salvação", numa referência óbvia ao Exército de Salvação. - Ela teria dado um bom general de brigada - gostava de dizer. Mas quando ela estava mesmo à sua frente, a história era outra. Na mente de Eric, Jamie tinha um acordo com Deus, e ele não queria deixar de estar nas suas boas graças.

- Como estás, Eric? Não te tenho visto muito ultimamente. Disse isto como se ainda falasse com ele todos os dias.

Eric passava o peso de um pé para o outro e olhava para os sapatos, fazendo aquele seu ar de culpado. Não que isso lhe valesse de muito.

- Bem, não tenho ido à igreja ultimamente - disse ele.

Jamie fez aquele sorriso brilhante:

- Bem, não faz mal, julgo eu, desde que não se torne um hábito.

- Não.

- Ora bem, já ouvi falar da confissão, aquela coisa quando os católicos se sentam atrás de uma cortina e contam ao padre todos os seus pecados - e era assim que Eric agia quando estava perto de Jamie. Por um segundo, pensei que a fosse tratar por "minha senhora".

- Queres uma cerveja? - perguntou Margaret. Acho que estava a tentar ser engraçada, mas ninguém se riu.

Jamie levou a mão ao cabelo, mexendo levemente no carapito.

- Oh... não... Mas obrigada, de qualquer maneira.

Olhou diretamente para mim com um brilho muito carinhoso, e soube de imediato que estava metido em sarilhos. Pensei que me fosse pedir que nos afastássemos para conversar ou coisa parecida, o que para ser franco achava melhor, mas suponho que isso não estava nos seus planos.

- Estiveste realmente muito bem esta semana nos ensaios - disse-me. - Sei que tens muito texto para decorar, mas tenho a certeza de que vais conseguir decorá-lo todo não tarda nada.

E queria só agradecer-te por te teres oferecido como o fizeste. És um verdadeiro cavalheiro.

- Obrigado - disse eu, um pequeno nó formando-se no meu estômago. Tentei agir à maneira, mas todos os meus amigos olhavam para mim, a questionarem-se subitamente se eu lhes havia dito a verdade sobre Miss Garber me ter forçado para o papel. Esperava que não tivessem reparado.

- Os teus amigos devem estar orgulhosos de ti - acrescentou Jamie, anulando essa hipótese.

- Mas é claro que estamos - disse Eric, continuando a espicaçar-me. - Muito orgulhosos. E um bom rapaz, o Landon, oferecendo-se como voluntário.

Jamie sorriu para ele; depois, voltou-se de novo para mim, sempre da mesma maneira alegre.

- Também queria dizer-te que se precisares de alguma ajuda podes ir visitar-me a qualquer altura. Podemos sentar-nos na varanda como fizemos antes e ensaiar o teu texto, se precisares.

Vi Eric pronunciar as palavras "como fizemos antes" a Margaret. As coisas realmente não estavam a correr nada bem. Nessa altura, o buraco no meu estômago já estava tão grande como uma bola de boliche gigante.

- Não é preciso - murmuriei, perguntando a mim mesmo como poderia escapar daquela situação. - Posso decorá-lo em casa.

- Bem, às vezes ajuda se houver alguém para o ler contigo, Landon - sugeriu Eric.

Eu disse-vos que ele me trairia, apesar de ser meu amigo.

- Não, a sério - disse-lhe - Decoro o texto sozinho.

- Se calhar - sugeriu Eric, sorrindo - vocês deviam era ensaiar em frente dos órfãos, quando já souberem o texto um pouco melhor. Uma espécie de ensaio geral, sabem? Tenho a certeza de que eles adorariam ver a peça.

Quase se podia ver a mente de Jamie começar a tremeluzir à menção da palavra órfãos. Toda a gente sabia qual era o seu ponto sensível.

- Achas que sim? - perguntou.

Eric acenou com a cabeça com ar sério.

- Tenho a certeza. foi Landon que pensou nisso primeiro, mas sei que se fosse órfão, adoraria uma coisa assim, mesmo que não fosse exatamente a representação no palco.

- Eu também - ajudou Margaret.

Enquanto falavam, a única coisa em que eu conseguia pensar era naquela cena de Júlio César em que Brutus o apunhalava pelas costas. E tu, Eric?

- Foi idéia de Landon? - perguntou Jamie, franzindo as sobrancelhas. Ela olhou para mim, e eu podia ver que ela ainda estava com dúvidas.

Mas Eric não me ia deixar escapar do anzol assim tão facilmente. Agora que me tinha a estrebuchar no convés, a única coisa que lhe restava fazer era estripar-me.

- Gostavas de fazer isso, não gostavas, Landon? - perguntou. - Ajudar os órfãos?

Não era propriamente algo a que se pudesse responder que não.

- Suponho que sim - disse baixinho, olhando furioso para o meu melhor amigo. Eric, apesar

das lições dadas por um explicador a que tinha de recorrer, teria dado um grande jogador de xadrez.

- ótimo, então, está tudo combinado. Isto é, se não te importares, Jamie. - O sorriso dele era tão doce que teria chegado para dar sabor a metade das RC Colas de todo o distrito.

-Bem... sim, suponho que terei de falar com a Miss Garber e o diretor do orfanato mas, se eles concordarem, penso que será uma ótima idéia.

E a verdade é que se podia perceber que ela estava realmente contente com aquilo.

Xequem-mate.

No dia seguinte, passei catorze horas a memorizar o meu texto, amaldiçoando os meus amigos, e perguntando-me como é que a minha vida tinha descarrilado daquela maneira. O meu último ano na escola secundária, decididamente, não estava a correr como eu imaginara, mas se tinha de representar para um grupo de órfãos, certamente não queria fazer figura de idiota.

## CAPÍTULO 6

A primeira coisa que fizemos foi falar com Miss Garber sobre os nossos planos para os órfãos. Achou que a idéia era maravilhosa. Essa era mesmo a sua palavra preferida, depois de nos cumprimentar com um "Olááááá". Na segunda-feira, quando se apercebeu de que eu sabia o meu texto todo de cor, disse - É maravilhoso! - e durante as duas horas seguintes, sempre que eu terminava uma cena, dizia-o de novo. Quando chegamos ao fim do ensaio já a tinha ouvido quatro milhões de vezes.

Mas Miss Garber, na verdade, teve uma idéia ainda melhor do que a nossa. Disse à turma o que íamos fazer e perguntou aos outros membros do elenco se estariam dispostos a representar também os seus papéis, para que os órfãos pudessem desfrutar da peça completa. O modo como fez a pergunta significava que eles, na realidade, não tinham alternativa. Olhou em redor da sala, à espera que alguém acenasse afirmativamente com a cabeça para poder tornar a decisão oficial. Ninguém mexeu um músculo, excetuando Eddie. Não sei bem como foi, mas um inseto que se introduziu pelo nariz dele naquele preciso momento fê-lo espirrar violentamente. O bicho saiu a voar do nariz do Eddie, projetando-se sobre a carteira dele e foi cair no chão mesmo ao lado da perna de Norma Jean. Ela saltou da cadeira e deu um grito, e os que estavam ao lado dela exclamaram

-Fuu... que nojo! - O resto da turma começou a olhar em volta e a esticar os pescoços para tentar perceber o que tinha acontecido e, durante os dez segundos seguintes, o pandemônio na sala foi geral. Para Miss Garber essa era a resposta de que precisava.

- Maravilhoso! - exclamou, pondo fim aquela desordem.

Jamie, entretanto, estava a ficar verdadeiramente entusiasmada com a idéia de representar para os órfãos. Durante um intervalo nos ensaios, puxou-me para o lado e agradeceu-me por ter pensado neles.

- Não o podias saber de maneira nenhuma - disse ela quase em tom de conspiração - mas eu tinha andado a pensar no que fazer para o orfanato este ano. Tenho rezado por isso há meses, porque quero que este Natal seja o mais especial de todos.

- Porque é que este Natal é tão importante? - perguntei-lhe, e ela sorriu pacientemente, como se fosse uma pergunta que não tivesse grande importância.

- Porque sim - respondeu, apenas.

O passo seguinte era falar do assunto com Mr. Jenkins, o diretor do orfanato. Ora, eu não conhecia Mr. Jenkins, uma vez que o orfanato ficava em Morehead City, do outro lado da ponte que saía de Beaufort, e nunca tivera qualquer motivo para lá ir. Quando, no dia seguinte, Jamie me surpreendeu com a notícia de que nos iríamos encontrar com ele naquela tarde, fiquei meio preocupado pensando que não estaria vestido à altura. Sei que era um orfanato, mas gostamos sempre de causar uma boa impressão. Apesar de não estar tão entusiasmado com a idéia como Jamie (ninguém se entusiasmava tanto pelas coisas como ela), também não queria ser visto como o Grinch que tinha estragado o Natal dos órfãos.

Antes de irmos ao orfanato para o nosso encontro, tivemos de ir a pé até minha casa buscar o carro

da minha mãe e, uma vez lá, planeava mudar de roupa e vestir qualquer coisa melhor. A caminhada durou cerca de dez minutos, e Jamie pouco falou, pelo menos até chegarmos ao meu bairro. As casas que ficavam junto da minha eram todas grandes e bem conservadas, e ela quis saber quem vivia nelas e há quantos anos tinham sido construídas. Respondi às suas perguntas sem prestar muita atenção, mas quando abri a porta da frente da minha casa, percebi, de repente, como aquele mundo era tão diferente do dela. Jamie tinha uma expressão de espanto no rosto enquanto olhava em volta da sala de estar, absorvendo aquilo que a rodeava.

Aquela era, com certeza, a casa mais luxuosa que ela alguma vez conhecera. No instante seguinte, reparei nos seus olhos a viajarem pelos quadros que ornavam as paredes. Eram retratos dos meus antepassados. Como em muitas famílias do Sul, toda a minha ascendência completa podia ser seguida através da dezena de rostos que ladeavam as paredes. Jamie examinou-os demoradamente, procurando parecenças, penso eu; depois, voltou a sua atenção para a mobília, que parecia ainda praticamente nova, mesmo passados vinte anos. Os móveis tinham sido fabricados e esculpidos à mão, em mogno e cerejeira, e concebidos especificamente para cada divisão da casa. Eram bonitos, tinha de admitir mas, na realidade, eu não lhes prestava muita atenção. Para mim, era apenas uma casa. A minha parte preferida era a janela do meu quarto que dava para a varanda do primeiro andar. Essa era a janela das minhas escapadelas.

De qualquer maneira, mostrei-lhe a casa, conduzindo-a numa pequena excursão à sala de visitas, biblioteca, escritório e sala de estar. Os olhos de Jamie iam ficando cada vez mais arregalados com cada divisão da casa que ia vendo. A minha mãe estava lá fora no solário, bebericando um chá de hortelã-pimenta e a ler. Ouviu-nos a espiolhar pela casa, e veio para dentro para nos cumprimentar. Acho que já disse que todos os adultos na cidade adoravam Jamie, incluindo a minha mãe. Apesar de Hegbert fazer sempre aquele gênero de sermões em que o nome da nossa família estava fortemente implícito, a minha mãe nunca tomara isso contra Jamie, por ela ser tão amorosa. Assim, elas ficaram a conversar enquanto eu subi ao meu quarto no andar de cima para vasculhar o armário à procura de uma camisa limpa e de uma gravata. Naquele tempo, os rapazes usavam gravata, especialmente quando se iam encontrar com alguém com autoridade. Quando desci as escadas vestido a rigor, Jamie já tinha contado o plano à minha mãe.

- É uma idéia maravilhosa - disse Jamie, sorrindo alegremente para mim. - O Landon tem mesmo um coração especial.

A minha mãe - depois de se certificar de que tinha ouvido bem o que Jamie dissera - olhou para mim com as sobrancelhas erguidas, como se eu fosse um extraterrestre.

- Então isto foi idéia tua? - perguntou-me. Como toda a gente na cidade, ela sabia que Jamie não mentia.

Pigarreei, pensando em Eric e no que ainda lhe queria fazer. Havia de me vingar com melaço e formigas.

- Mais ou menos - respondi.

- Espantoso. - Foi a única palavra que conseguiu atirar para fora. Não conhecia os pormenores, mas sabia que eu devia ter sido encurrulado para fazer uma coisa daquelas. As mães sabem sempre essas coisas e reparei nela a fitar-me com atenção tentando descortinar o que se tinha passado. Para fugir ao seu olhar inquiridor, olhei para o meu relógio, fingi surpresa e, despreocupadamente, disse a Jamie que era melhor irmos andando. A minha mãe foi buscar as chaves do carro à sua carteira e entregou-mas, continuando a olhar-me de cima a baixo enquanto nos dirigíamos para a porta. Suspirei de alívio, imaginando que de uma maneira ou de outra me havia livrado de qualquer coisa, mas enquanto acompanhava Jamie até ao carro, ouvi de novo a sua voz.

- Aparece quando quiseres, Jamie - gritou a minha mãe. - Serás sempre bem-vinda.

Até as mães, por vezes, podem apunhalar-nos pelas costas. Estava ainda a abanar a cabeça quando entrei no carro.

- A tua mãe é uma senhora encantadora - disse Jamie.

Liguei o motor.

- E - disse eu - suponho que sim.

- E a tua casa é linda.

- Ahá!

- Devias sentir-te grato.

- Oh - disse eu - Sinto-me, pois! Sou o tipo com mais sorte no mundo.

Mas ela não detectou o tom sarcástico na minha voz.

Chegamos ao orfanato mesmo quando começava a escurecer. Chegamos alguns minutos antes, e o diretor falava ao telefone. Era uma chamada importante, e não nos podia receber de imediato, por isso sentámo-nos num banco no corredor junto à sua porta. Estávamos ali à espera, quando Jamie se virou para mim. Tinha a Bíblia no colo. Suponho que a queria para apoio mas, por outro lado, podia ser só um hábito.

- Saíste-te muito bem hoje - disse ela. - Isto é, com o teu texto.

- Obrigado - disse, sentindo-me orgulhoso e deprimido ao mesmo tempo. - Mas ainda não consegui aprender os movimentos - concedi. Não havia maneira de podermos ensaiar isso na varanda, e esperava que ela não o fosse sugerir.

- Vais aprender. É fácil depois de se saber o texto todo.

- Espero que sim.

Jamie sorriu e passado um momento mudou de assunto, apanhando-me mais ou menos desprevenido.

- Costumas pensar no futuro, Landon? - perguntou.

Fiquei surpreendido com a pergunta, pois parecia... tão banal.

- Sim, claro. Suponho que sim - respondi com cuidado.

- Então, o que é que queres fazer da tua vida?

Encolhi os ombros, um pouco receoso com o rumo da conversa.

- Ainda não sei. Não resolvi essa parte. No Outono, vou para a UNC, pelo menos espero ir. É preciso que me aceitem primeiro.

- Vão aceitar-te - disse ela.

- Como é que sabes?

- Porque também rezei por isso.

Quando ela disse aquilo, pensei que fôssemos entrar numa conversa sobre o poder da oração e da fé, mas Jamie atirou-me outra pergunta inesperada.

- E depois da universidade? O que é que pensas fazer então?

- Não sei - respondi, encolhendo os ombros. - Se calhar vou ser um lenhador maneta.

Ela não achou graça.

- Acho que deverias ser sacerdote - disse ela seriamente. - Acho que és bom a lidar com as pessoas, e elas respeitariam o que tu tivesses para dizer.

Embora a idéia fosse completamente ridícula, eu sabia que lhe vinha diretamente do coração e que o dizia como um elogio.

- Obrigado - disse. - Não sei se farei isso, mas tenho a certeza de que encontrarei qualquer coisa. - Levou-me um momento a perceber que a conversa tinha estagnado e que era a minha vez de fazer uma pergunta.

- Eu? Que queres fazer no futuro?

Jamie desviou o rosto, agora com um olhar distante, fazendo com que me interrogasse sobre o que ela estaria a pensar. Mas o olhar desapareceu quase tão subitamente como tinha surgido.

- Quero casar-me - disse baixinho. - E quando casar, quero que o meu pai me leve até ao altar ao longo da nave da igreja e quero que toda a gente que conheço esteja lá. Quero a igreja a abarrotar de pessoas.

- Só isso? - Embora não fosse adverso à idéia de me casar, parecia-me algo absurdo desejar isso como o objetivo da minha vida.

- Sim - respondeu. - É tudo o que quero.

O modo como respondeu fez-me suspeitar que ela pensava que acabaria como Miss Garber. Tentei fazer com que ela se sentisse melhor, apesar de continuar a achar aquilo ridículo.

- Bem, hás-de casar-te um dia. Vais conhecer um rapaz, vão dar-se bem e ele há-de pedir-te em casamento. E tenho a certeza de que o teu pai terá muito prazer em te acompanhar até ao altar.

Não incluí a parte da igreja cheia de gente. Suponho que era a única coisa que até eu não conseguia imaginar.

Jamie refletiu atentamente na minha resposta, ponderando no modo como eu a havia proferido, embora eu não percebesse porquê.

- Espero que sim - disse ela por fim.

Percebi que ela já não queria mais falar naquilo, não me perguntaram como, por isso mudei de assunto.

- Há quanto tempo é que vens aqui ao orfanato? - perguntei em tom de conversa.

- Há sete anos. Tinha dez anos quando vim pela primeira vez. Era mais nova do que muitas das crianças daqui.

- Gostas de o fazer, ou entristece-te?

- As duas coisas. Algumas destas crianças vieram de situações realmente horríveis.

Ficamos de coração partido quando ouvimos as suas histórias. Mas quando nos vêem chegar com alguns livros da biblioteca ou um jogo novo, os seus sorrisos afastam toda a tristeza. É a melhor sensação do mundo.

Jamie como que resplandecia enquanto falava. Embora não estivesse a contar aquilo para me fazer sentir culpado, era exatamente assim que me sentia. Era uma das razões por que se tornava tão difícil aturá-la, mas, por aquela altura, estava já a habituar-me bastante bem aquilo. Eu começava a perceber que ela conseguia dar-nos a volta de forma invulgar.

Naquele momento, Mr. Jenkins abriu a porta e convidou-nos a entrar. O escritório parecia quase um quarto de hospital, com chão de azulejos pretos e brancos, paredes e teto brancos, um armário de metal encostado à parede. Onde normalmente estaria a cama, havia uma secretária de metal que parecia acabada de sair da linha de montagem. Estava obsessivamente arrumada, sem um único objeto pessoal. Não havia uma única fotografia ou algo semelhante.

Jamie apresentou-me e cumprimentei Mr. Jenkins com um aperto de mão. Depois de nos sentarmos, foi Jamie quem se encarregou da maior parte da conversa. Eram velhos amigos, percebia-se isso de imediato e Mr. Jenkins abraçou-a efusivamente logo que ela entrou. Depois de alisar a saia, Jamie expôs o nosso plano. Mr. Jenkins já tinha visto a peça há alguns anos e soube desde o inicio do que ela estava a falar. Mas apesar de gostar muito de Jamie e de saber que as suas intenções eram boas, não achou que fosse uma boa idéia.

- Não acho que seja boa idéia - disse ele.

Foi assim que soube o que ele estava a pensar.

- Porque não? - perguntou Jamie, franzindo o sobrolho. Parecia verdadeiramente perplexa com a falta de entusiasmo dele.

Mr. Jenkins pegou num lápis e começou a bater levemente com ele na secretária, como que a pensar na explicação a dar. Passado algum tempo, pousou o lápis e suspirou.

- Apesar de ser uma oferta maravilhosa, e eu sei que gostarias de fazer algo de especial, a peça é sobre um pai que no final se apercebe de como ama a filha. - Deixou que pensássemos nisso durante um momento e pegou de novo no lápis. - O Natal aqui já é difícil que chegue sem termos de lembrar às crianças aquilo que elas não têm. Penso que se as crianças vissem alguma coisa assim... Nem sequer precisou terminar. Jamie levou as mãos à boca.

- Céus - disse ela, de repente - tem razão. Não tinha pensado nisso.

Nem eu, para dizer a verdade. Mas era evidente logo ali que o que Mr. Jenkins dissera fazia sentido.

Agradeceu-nos, apesar de tudo, e conversou durante algum tempo sobre o que planeava fazer como alternativa.

- Vamos ter uma pequena árvore e alguns presentes - alguma coisa que todos eles possam partilhar.

Vocês serão bem-vindos se nos quiserem visitar na véspera de Natal...

Depois de nos despedirmos, Jamie e eu caminhamos em silêncio. Reparei que ela estava triste. Quanto mais tempo passava com Jamie, mais me apercebia de que ela tinha muitas e diferentes emoções - não estava sempre bem disposta e alegre. Acreditem ou não, mas aquela foi a primeira vez que reconheci que em algumas coisas ela era exatamente como todos nós.

- Lamento que não tenha resultado - disse eu baixinho.

- Também eu.

Tinha de novo uma expressão distante nos olhos e demorou algum tempo antes de prosseguir.

- Queria apenas fazer algo diferente para eles este ano. Alguma coisa especial de que eles se lembressem para sempre. Pensei ter a certeza de que seria isto... - Suspirou. - Deus parece ter um desígnio que eu ainda não conheço.

Permaneceu calada durante muito tempo, e eu observei-a. Ver Jamie sentir-se mal era quase pior do que nos sentirmos mal por causa dela. Ao contrário de Jamie, eu merecia sentir-me mal em relação a mim mesmo - sabia que tipo de pessoa eu era. Mas com ela...

- Já que estamos aqui, não queres entrar e ver as crianças? - perguntei ao silêncio. Foi a única coisa que me ocorreu que talvez a fizesse sentir-se melhor. - Posso esperar aqui fora enquanto tu falas com eles, ou espero no carro se quiseres.

- Não queres ir comigo? - perguntou, de repente.

Para dizer a verdade, não tinha a certeza se seria capaz de lidar com aquilo, mas sabia que ela queria muito que eu fosse. E ela estava tão em baixo que as palavras saíram-me automaticamente.

- Está bem, vou contigo.

- Devem estar na sala de recreio agora. É onde costumam estar a esta hora - disse.

Percorremos os corredores até ao fundo do vestíbulo, onde duas portas davam para uma sala grande. Numa parede mais distante estava suspenso um pequeno televisor com cerca de trinta cadeiras articuladas colocadas em volta. As crianças estavam em volta do televisor, sentados, e percebia-se que apenas os da fila da frente tinham uma boa visão do ecrã.

Olhei em redor. No canto, havia uma velha mesa de pingue-pongue. A superfície estava rachada e suja, a rede não estava em lado algum que se visse. Em cima da mesa, estavam dois copos vazios de plástico, e concluí que não era usada há meses, talvez anos. Ao longo da parede a seguir à mesa de pingue-pongue havia um conjunto de prateleiras, com alguns brinquedos aqui e ali - blocos e puzzles, alguns jogos. Não eram muitos e pareciam já estar naquela sala há muito tempo. Ao longo das paredes mais próximas, encontravam-se pequenas secretárias individuais com pilhas de jornais rabiscados a lápis.

Detivemo-nos à entrada apenas por um segundo. Ainda não tinham reparado em nós, e perguntei para que serviam os jornais.

- Eles não têm livros para colorir - murmurou - por isso, usam os jornais. - Não olhou para mim enquanto falava. A sua atenção estava voltada para as crianças. Começara a sorrir de novo.

- Estes são os únicos brinquedos que eles têm? - perguntei. Confirmou com a cabeça.

- Sim, tirando os animais de peluche. Podem guardá-los nos quartos. Aqui, guardam o resto das coisas.

Suponho que ela já estava habituada aquilo. Para mim, no entanto, o vazio da sala tornava tudo tão deprimente. Não conseguia imaginar-me a crescer num lugar daqueles.

Jamie e eu entramos finalmente na sala e uma das crianças voltou-se ao som dos nossos passos. Teria perto de oito anos, cabelo ruivo e sardas e faltavam-lhe os dois dentes da frente.

- Jamie! - gritou alegremente quando a viu, e, de repente, todas as outras cabeças se voltaram. As crianças tinham entre os cinco e os doze anos, mais rapazes do que garotas. Depois dos doze anos tinham de sair para viver com pais adotivos temporários, como mais tarde me disseram.

- Olá, Roger - respondeu Jamie -, como estás?

Roger e alguns dos outros começaram a reunir-se à nossa volta. Outras crianças ignoraram-nos e

aproximaram-se do televisor, agora que havia lugares vagos nos bancos da frente. Jamie apresentou-me a um dos mais velhos, que viera ter com ela para lhe perguntar se eu era o namorado dela. Pelo seu tom de voz, penso que ele tinha de Jamie a mesma opinião que a maior parte das crianças da nossa escola.

- É só um amigo - disse ela. - Mas é muito simpático.

Durante a hora seguinte, conversamos com as crianças. Fizeram-me muitas perguntas sobre o sítio onde eu vivia e se a minha casa era grande ou que carro é que tinha e, quando finalmente tivemos de ir embora, Jamie prometeu que voltaria em breve. Reparei que não prometeu que eu viria com ela.

No caminho para o carro, eu disse:

- São crianças simpáticas. - Encolhi os ombros desajeitadamente. - Fico contente por quereres ajudá-los.

Jamie voltou-se para mim e sorriu. Ela sabia que não havia muito mais a acrescentar depois daquilo, mas percebi que ainda estava a pensar no que fazer para eles naquele Natal.

## CAPÍTULO 7

Num dos primeiros dias de Dezembro, pouco mais de duas semanas após o começo dos ensaios, o céu estava escuro e invernoso quando Miss Garber nos deixou sair e Jamie perguntou se eu não me importava de a acompanhar a casa. Não sei por que razão queria que eu a acompanhasse. Beaufort não era propriamente um foco de criminalidade na altura. O único homicídio de que alguma vez ouvira falar tinha acontecido seis anos antes quando um homem foi esfaqueado à saída da Maurice's Tavern, por acaso um lugar freqüentado por pessoas como Lew. Foi um momento difícil, esse. Durante cerca de uma hora, houve grande agitação e os telefones retiniam por toda a cidade, enquanto as mulheres dominadas pelo nervosismo se interrogavam sobre a possibilidade de um lunático desvairado começar a rondar as ruas atacando vítimas inocentes. Trancaram-se as portas, carregaram-se as armas, os homens sentaram-se às janelas da frente procurando alguém fora do normal que pudesse estar a aproximar-se sorrateiramente da sua rua. Mas tudo terminara ao fim da noite quando o homem entrou na esquadra da polícia para se entregar, explicando que aquilo tinha sido uma briga de taberna que fora longe de mais. Aparentemente, a vítima tinha saído do bar sem pagar uma aposta. O homem foi acusado de homicídio não premeditado e condenado a seis anos na penitenciária estadual. Os polícias da nossa cidade tinham o emprego mais aborrecido do mundo, mas, ainda assim, gostavam de se passear com ar empertigado ou sentar-se nos cafés a falar dos "crimes a sério", como se tivessem resolvido o caso do bebê dos Lindbergh.

Mas a casa de Jamie ficava a caminho da minha e não podia recusar sem magoá-la. Não era que gostasse dela ou isso, não me interpretem mal, mas quando somos obrigados a passar algumas horas por dia com alguém, tendo de continuar a fazê-lo durante pelo menos uma semana, não queremos fazer nada que possa tornar o dia seguinte difícil para qualquer um de nós.

A peça ia ser representada na sexta-feira e no sábado seguintes, e muita gente andava já a falar no assunto. Miss Garber tinha ficado tão bem impressionada com Jamie e comigo que dizia a todos que aquele ia ser o melhor espetáculo que a escola alguma vez apresentara. Descobrimos que ela também tinha um verdadeiro talento para a publicidade. Havia uma estação de rádio na cidade, e eles entrevistaram-na, não uma, mas duas vezes. - Vai ser maravilhoso - declarou - uma autêntica maravilha. - Também tinha telefonado para o jornal local e eles, especialmente devido à relação Jamie-Hegbert, concordaram em escrever um artigo sobre a peça, embora toda a gente na cidade já soubesse da sua realização. Mas Miss Garber era implacável e, naquele mesmo dia, dissera-nos que a Playhouse ia arranjar mais cadeiras para acomodar a enorme multidão que se esperava. A turma fez várias exclamações de espanto e aprovação, como se fosse uma coisa de grande importância, e acho que para alguns até era. Não nos podemos esquecer que tínhamos pessoas como o Eddie na turma. Ele devia pensar que aquela seria talvez a única vez na sua vida em que alguém iria mostrar algum interesse por ele. A triste verdade era que, provavelmente, ele tinha razão.

Poder-se-ia pensar que eu também estaria a ficar entusiasmado com tudo aquilo, mas, na verdade,

não estava. Os meus amigos continuavam a troçar de mim na escola, e não tinha uma tarde livre há muito tempo. A única coisa que me fazia continuar era o fato de estar a fazer o que era "correto". Sei que não é muito, mas, sinceramente, era tudo o que tinha. De vez em quando, até me sentia um pouco satisfeito com aquilo também, embora jamais o admitisse perante alguém. Podia quase imaginar os anjos no Céu, reunidos a olhar melancolicamente para mim das alturas, com pequenas lágrimas enchendo-lhes os cantos dos olhos, dizendo como eu era maravilhoso por todos os sacrifícios que estava a fazer.

Assim estava eu a acompanhá-la até casa naquela primeira noite, a pensar nessas coisas, quando Jamie me fez uma pergunta.

- É verdade que tu e os teus amigos às vezes vão para o cemitério à noite?

Fiquei meio surpreendido por ela mostrar sequer algum interesse por aquilo. Embora não fosse propriamente um segredo, não parecia de todo ser o gênero de coisa por que ela se interessasse.

- Sim - disse, encolhendo os ombros. - às vezes.

- O que é que fazem lá, além de comer amendoads?

Suponho que sabia isso também.

- Sei lá - respondi. - Conversamos... Dizemos piadas. É apenas um sítio onde gostamos de ir.

- Alguma vez tiveste medo?

- Não - respondi. - Porquê? Terias medo?

- Não sei - disse ela. - Talvez.

- Porquê?

- Porque teria medo de fazer alguma coisa de errado.

- Não fazemos nada de mal lá. Quer dizer, não derrubamos as lápides ou deixamos lá o nosso lixo - expliquei. Não lhe queria contar as nossas conversas sobre Henry Preston porque sabia que isso não era coisa que Jamie pudesse gostar de ouvir. Na semana anterior, Eric tinha pensado em voz alta sobre quanto tempo um tipo como aquele podia estar deitado na cama e... bem... vocês sabem.

- Nunca se sentam só a escutar os sons? - perguntou. - Como os grilos a cantar ou o sussurrar das folhas quando o vento sopra? Ou, simplesmente, deitarem-se de costas e olhar para as estrelas?

Embora fosse uma adolescente, e já o era há alguns anos, Jamie não entendia absolutamente nada de adolescentes, e tentar compreender rapazes adolescentes para ela era como tentar decifrar a teoria da relatividade.

- Não propriamente - respondi.

Acenou ligeiramente com a cabeça.

- Acho que era isso que faria se estivesse lá, se alguma vez fosse, quero dizer. Olharia apenas em volta para ver bem o lugar, ou sentava-me em silêncio e escutava, simplesmente.

Toda aquela conversa me parecia estranha, mas não o revelei, e caminhamos em silêncio durante algum tempo. E uma vez que ela quis saber um pouco sobre mim, senti-me meio obrigado a perguntar alguma coisa sobre ela. Quer dizer, ela não mencionara os desígnios de Deus nem nada disso, por isso era o mínimo que eu podia fazer.

- Então, o que é que tu fazes? - perguntei. - Quer dizer, além de trabalhar com os órfãos, ou ajudar os animaizinhos, ou ler a Bíblia? - Parecia ridículo, até para mim, admito, mas era isso o que ela fazia.

Sorriu para mim. Penso que ficou surpreendida com a minha pergunta, e até mais surpreendida com o meu interesse por ela.

- Faço muitas coisas. Estudo, faço companhia ao meu pai. De vez em quando, jogamos ao gin rummy. Coisas dessas gênero.

- Nunca sais com amigos para te divertires?

- Não. - Percebi pela maneira como respondeu que, mesmo para ela, era evidente que

ninguém a queria por perto.

- Aposto que estás entusiasmada com a perspectiva de ir para a universidade para o ano - disse, mudando de assunto.

Demorou um pouco a responder.

- Acho que já não vou - disse, prosaicamente. A sua resposta apanhou-me desprevenido. Jamie tinha algumas das notas mais altas do nosso ano e, dependendo de como corresse o último semestre, podia até acabar por fazer o discurso de despedida na cerimônia de formatura. Tínhamos uma tabela de apostas a correr sobre quantas vezes ela iria mencionar os desígnios de Deus. O meu palpite era catorze, uma vez que ela teria apenas cinco minutos para discursar.

- E Mount Sermon? Pensei que fosse para aí que planeavas ir. Ias adorar um sítio como aquele - aventurei.

Olhou para mim com um tremeluzir nos olhos.

- Queres dizer que é mesmo o sítio ideal para mim, não é?

Aquelas perguntas inesperadas que ela às vezes me lançava deixavam-me completamente zonzo.

- Não quis dizer isso - emendei depressa. - Só que tinha ouvido dizer que estavas muito entusiasmada por ires para lá para o ano.

Encolheu os ombros sem me responder e, para ser franco, não sabia o que pensar do assunto. Nessa altura, tínhamos já chegado à casa dela e parado no passeio em frente. De onde estava, podia vislumbrar a sombra de Hegbert através das cortinas. A luz estava acesa, e ele encontrava-se sentado no sofá junto à janela. Tinha a cabeça inclinada, como se estivesse a ler qualquer coisa. Imaginei que fosse a Bíblia.

- Obrigada por me teres acompanhado até casa, Landon - disse ela, erguendo o olhar para mim por um instante antes de, finalmente, começar a dirigir-se para a porta.

Ao vê-la partir, não pude deixar de pensar que, de todas as vezes que tinha falado com ela, aquela fora a conversa mais esquisita que tínhamos tido. Apesar da estranheza de algumas das suas respostas, ela parecia quase normal.

Na noite seguinte, quando a acompanhava a casa, perguntou pelo meu pai.

- Está bem, suponho - respondi. - Mas nunca fica muito tempo por cá.

- Sentes falta disso? Crescer sem tê-lo por perto.

- às vezes.

- Sinto a falta da minha mãe, também - disse ela - apesar de nem sequer a ter conhecido.

Pela primeira vez, considerei que Jamie e eu podíamos ter algo em comum. Pensei nisso durante algum tempo.

- Deve ser difícil para ti - disse eu com sinceridade. - Mesmo que o meu pai seja como um estranho, pelo menos ainda anda por aí.

Olhou para mim enquanto caminhávamos, depois voltou-se de novo para a frente. Mexeu delicadamente no cabelo outra vez. Começava a reparar que ela fazia isso sempre que estava nervosa ou não sabia bem o que dizer.

- Por vezes é. Não me interpretes mal - amo o meu pai do fundo do coração - mas, às vezes, há alturas em que me pergunto como teria sido ter uma mãe. Acho que eu e ela poderíamos ter conversado sobre coisas de uma maneira que eu e o meu pai não podemos.

Imaginei que estivesse a falar de rapazes. Só mais tarde é que soube como estava errado.

- Como é que é viver com o teu pai? Ele é como quando está na igreja?

- Não. Na verdade, até tem um bom sentido de humor.

- Hegbert? - deixei escapar. Nem sequer conseguia imaginar tal coisa.

Penso que ela ficou chocada por ouvir referir-me a ele pelo primeiro nome, mas deixou passar e não respondeu ao meu comentário. Então,

continuou: - Não estejas tão surpreendido. Gostarias dele, se o conhecesses melhor.

- Duvido que alguma vez o venha a conhecer melhor.
- Nunca se sabe, Landon - disse ela, sorrindo - quais são os desígnios de Deus.

Detestava quando Jamie dizia coisas daquelas. Com ela, só se sabia que falava com Deus todos os dias e nunca se sabia o que é que o "Chefe lá em cima" lhe tinha dito. Jamie podia até ter uma entrada reservada para o céu, sendo uma pessoa tão boa.

- E como é que poderia vir a conhecê-lo melhor? - perguntei.

Não respondeu, mas sorriu para consigo, como se soubesse de algum segredo que me estava a esconder. Como disse, detestava quando ela fazia aquilo.

Na noite seguinte, falamos sobre a Bíblia com que ela andava sempre.

- Porque é que a trazes sempre contigo? - perguntei.

Eu julgava que ela andava com a Bíblia só porque era a filha do Reverendo. Não era uma suposição assim tão difícil, tendo em conta a opinião de Hegbert sobre as Escrituras. Mas a Bíblia que ela tinha era velha e a capa estava já meia esfarrapada; eu imaginava-a o tipo de pessoa que comprava um exemplar novo todos os anos só para ajudar a indústria editorial da Bíblia, ou para demonstrar a sua dedicação renovada a Deus, ou outra coisa qualquer.

Deu alguns passos antes de responder.

- Era da minha mãe - respondeu simplesmente.

- Ah... - Disse-o sentindo-me como se tivesse pisado na tartaruga de estimação de alguém, esmagando-a debaixo do meu sapato.

Olhou para mim.

- Não faz mal, Landon. Como é que podias saber?

- Desculpa ter perguntado...

- Não tens de pedir desculpa. Não fizeste mal nenhum em perguntar. - Fez uma pausa. - Ofereceram esta Bíblia aos meus pais quando se casaram, mas foi a minha mãe que a utilizou primeiro. Lia-a o tempo todo, especialmente quando estava a atravessar um período difícil na vida. Pensei nos abortos espontâneos. Jamie continuou.

- Gostava muito de a ler à noite, antes de dormir, e tinha-a consigo no hospital quando eu nasci. Quando o meu pai soube que ela tinha morrido, pegou na Bíblia e em mim e levou-nos para fora do hospital ao mesmo tempo.

- Sinto muito - disse eu. Sempre que alguém nos conta uma coisa triste, é a única coisa que conseguimos pensar para dizer, mesmo que já o tenhamos dito antes.

- É apenas uma maneira de... de me sentir parte dela. Compreendes? - Não o disse com um ar contristado, mas mais para que eu ficasse a saber a resposta à minha pergunta. De alguma maneira, isso piorou as coisas.

Depois de me contar a sua história, pensei de novo nela a crescer com Hegbert e, na verdade, não sabia o que dizer. Enquanto ponderava a minha resposta, porém, ouvi um carro apitar atrás de nós, e tanto eu como Jamie paramos e voltámo-nos ao mesmo tempo quando o ouvimos encostar junto à berma.

Eric e Margaret estavam dentro do carro. Eric no lado do condutor, Margaret no lado mais próximo de nós.

- Ora vejam quem temos aqui - disse Eric debruçando-se sobre o volante para que eu pudesse ver-lhe a cara. Não lhe tinha dito que andava a acompanhar Jamie a casa e, segundo a maneira curiosa como a mente adolescente funciona, este novo acontecimento tornou-se mais importante do que tudo o que estava a sentir em relação à história de Jamie.

- Olá, Eric. Olá, Margaret - disse Jamie animadamente.

- A acompanhar Jamie a casa, Landon? - Podia ver o diabinho por detrás do sorriso de Eric.

- Olá, Eric - disse, desejando que ele nunca me tivesse visto.

- Está uma linda noite para se passear, não está? - perguntou Eric. Acho que por Margaret estar entre ele e Jamie Eric se sentia um pouco mais atrevido do que habitualmente na presença

desta. E, de modo nenhum, ia deixar escapar aquela oportunidade para me picar.

Jamie olhou em volta e sorriu.

- Sim, está.

Eric olhou em volta também, com uma expressão melancólica nos olhos, depois respirou fundo. Percebi logo que estava a fingir.

- Caramba, está-se mesmo bem aqui. - Suspirou e olhou para nós, encolhendo os ombros. - Oferecia-vos uma boleia, mas não seria tão agradável como passear sob as estrelas, e não queria que vocês perdessem isso. - Disse isto como se estivesse a fazer-nos um favor.

- ó, estamos quase em minha casa, de qualquer maneira- disse Jamie. - Ia oferecer a Landon um copo de sidra. Não querem ir lá ter? Temos bastante.

Um copo de sidra? Em casa dela? Não tinha falado disso...

Enfiei as mãos nos bolsos, perguntando-me se aquilo podia ainda piorar.

- Ah, não... não é preciso. íamos a caminho do Cecil's Diner.

- Em noite de semana? - perguntou ela ingenuamente.

- Oh, não vamos ficar até muito tarde - prometeu Eric - mas, se calhar, é melhor irmos andando. Divirtam-se os dois.

- Obrigado por terem parado - disse Jamie, acenando.

Eric pôs o carro de novo em andamento, mas devagar. Jamie pensou, provavelmente, que ele era um condutor cuidadoso. Na verdade, não era, embora fosse bom a esquivar-se de problemas quando chocava contra alguma coisa. Lembro-me de uma vez em que ele disse à mãe que uma vaca tinha saltado à frente do carro e que era por isso que a grelha e o guarda-lamas estavam danificados. - Aconteceu tão depressa, mãe, a vaca apareceu do nada. Surgiu de repente à minha frente, e não pude travar a tempo. Bem, toda a gente sabe que as vacas não surgem de repente de lado algum, mas a mãe acreditou nele. Na verdade, ela também havia sido chefe de claque na escola.

Depois de terem desaparecido de vista, Jamie voltou-se para mim.

- Tens amigos simpáticos, Landon.

- Com certeza que tenho. - Recordo-me da maneira cuidadosa como expressei a minha resposta.

Depois de deixar Jamie - não, não fiquei para tomar sidra - dirigi-me rapidamente para casa, resmungando o tempo todo. Agora a história de Jamie já tinha desaparecido da minha mente e quase podia ouvir os meus amigos no Cecil's Diner a rirem-se de mim.

Vêem o que acontece quando se é bom rapaz?

Na manhã seguinte, já toda gente sabia que eu acompanhava Jamie a casa, e isso deu origem a outra onda de especulação sobre nós os dois. Dessa vez, foi ainda pior do que da primeira. Foi tão mau que tive de passar o intervalo do almoço na biblioteca só para fugir daquilo tudo.

Nessa noite, o ensaio teve lugar na Playhouse. Era o último antes de o espetáculo estrear e tínhamos muito que fazer. Logo depois da escola, os rapazes da aula de teatro tinham de carregar todos os adereços da sala de aulas para a camioneta alugada a fim de os transportar para a Playhouse. O único problema era que Eddie e eu éramos os dois únicos rapazes, e ele não é propriamente o indivíduo mais coordenado deste mundo. Ao passarmos por uma porta, carregando uma das coisas mais pesadas, o seu corpo à Hooville atrapalhava-o. Em todos os momentos críticos em que realmente eu precisava da sua ajuda para equilibrar a carga, ele tropeçava num bocado de pó ou num inseto no chão, e o peso do adereço caia-me nas mãos, entalando-as contra o umbral da porta da maneira mais dolorosa possível.

- D-d-desculpa - dizia ele. - M-m-magoaste-te?

Abafava os palavrões que me subiam à garganta e dizia irritado:

- Não, mas não faças isso outra vez.

Mas ele não conseguia evitar andar aos tropeções, tal como não conseguia evitar que chovesse. Quando acabamos de carregar e descarregar tudo, os meus dedos pareciam os de Toby, o biscoiteiro errante. O pior de tudo foi que nem sequer tive hipóteses de comer antes de o ensaio começar. O transporte dos adereços demorou três horas, e só os acabamos de montar alguns

minutos antes de os outros chegarem para o inicio do ensaio. Com tudo o resto que tinha acontecido naquele dia, escusado será dizer que eu estava mesmo de muito mau humor.

Deitei o meu texto sem sequer pensar nele e Miss Garber não pronunciou a palavra maravilhoso durante toda a noite. No final, tinha uma expressão inquieta nos olhos, mas Jamie sorria apenas e dizia-lhe que não se preocupasse, que tudo iria correr bem. Sabia que Jamie estava a tentar ajudar-me, mas quando me pediu que a acompanhasse a casa, eu disse-lhe que não. A Playhouse ficava no centro da cidade e para a acompanhar teria de me desviar um bom bocado do meu caminho. Além disso, não queria que me vissem nenhuma vez a acompanhá-la. Mas Miss Garber ouviu o pedido de Jenie e adiantou, muito firmemente, que eu teria muito prazer em fazê-lo.

- Podem falar sobre a peça - sugeriu. - Talvez pudessem trabalhar os pontos fracos. - Por pontos fracos, claro, referia-se especificamente a mim.

Então, mais uma vez, acabei por acompanhar Jamie a casa, mas ela percebeu que eu não estava realmente com disposição para conversar, porque caminhava uns passos à sua frente, as mãos nos bolsos, sem sequer me voltar para ver se ela vinha atrás de mim. Procedi assim durante os primeiros minutos, sem dizer uma palavra.

- Não estás lá muito bem disposto hoje, pois não? - disse ela finalmente. - Esta noite nem sequer tentaste.

- Não deixas escapar nada, pois não? - resmunguei sarcasticamente sem olhar para ela.

- Talvez possa ajudar - ofereceu-se. Disse-o num tom animado, o que me irritou ainda mais.

- Duvido - retorqui asperamente.

- Talvez, se me disseses o que se passa.

Não a deixei terminar.

- Olha - disse eu, parando, virando-me para encará-la. - Passei o dia inteiro a carregar a porcaria dos adereços, não como desde o almoço e agora tenho de me desviar quase dois quilômetros do meu caminho para te levar a casa, quando ambos sabemos que nem sequer precisas que eu o faça.

Foi a primeira vez que lhe levantei a voz. Para dizer a verdade, senti-me bem. Há muito tempo que aquilo se andava a acumular. Jimie ficou demasiado surpreendida para reagir, e eu prossegui.

- E a única razão por que estou a fazer isto é por causa do teu pai, que nem sequer gosta de mim. Tudo isto é uma estupidez, e desejava que nunca tivesse aceite fazê-lo.

- Estás a dizer isso só porque estás nervoso com o espetáculo.

Interrompi-a abanando a cabeça. Quando começava a desbobinar, por vezes era-me difícil parar. Só conseguia suportar o otimismo e a jovialidade dela até certo ponto, e aquele não era dia para se meterem comigo.

- Não percebes? - perguntei, exasperado. - Não estou nervoso por causa do espetáculo, simplesmente não quero estar aqui. Não te quero acompanhar a casa, não quero que os meus amigos continuem a falar de mim, e não quero passar o tempo contigo. Estás sempre a comportar-te como se fossemos amigos, mas não somos. Não somos nada. Só quero que tudo isto acabe para que possa voltar à minha vida normal.

Ela parecia magoada com a minha explosão e, para ser franco, não lhe podia levar a mal.

- Compreendo - foi tudo o que disse. Esperei que ela me fosse levantar a voz, que se defendesse, que expusesse de novo o seu caso, mas não o fez. Tudo o que fez foi olhar para o chão. Penso que parte dela queria chorar, mas não chorou, e eu, por fim, afastei-me em silêncio, deixando-a sozinha. Pouco depois, porém, ouvi-a começar também a andar. Manteve-se cerca de cinco metros atrás de mim o resto do trajeto e não tentou falar comigo outra vez até começar a subir a ladeira da sua casa. Afastava-me já ao longo do passeio quando ouvi a voz dela.

- Obrigada por me teres acompanhado a casa, Landon - gritou.

Estremeci assim que ela disse aquilo. Mesmo quando era mau para ela e dizia as piores

coisas, Jamie conseguia encontrar uma razão para me agradecer. Era mesmo desse gênero de mulheres, e penso que a odiava realmente por isso.

Ou melhor, penso eu, odiava-me a mim próprio.

## CAPÍTULO 8

A noite do espetáculo estava fresco e seco, o céu completamente limpo sem sinal de nuvens. Tínhamos de estar no teatro uma hora mais cedo, e eu sentira-me mal durante todo o dia devido à maneira como falara com Jamie na noite anterior. Ela nunca fora outra coisa senão simpática comigo, e eu sabia que tinha agido como um idiota. Vi-a nos corredores entre as aulas, e queria ir ter com ela, e pedir-lhe desculpa pelo que dissera, mas ela acabava por desaparecer no meio da multidão antes de eu ter oportunidade para o fazer.

Jamie já estava na Playhouse quando finalmente cheguei. Vi-a a conversar com Miss Garber e Hegbert a um canto, junto às cortinas. Toda a gente andava de um lado para o outro, tentando atenuar o nervosismo com energia, mas ela parecia estranhamente apática. Ainda não vestira o seu fato - deveria usar um vestido branco flutuante para lhe dar aquela aparência angélica - e trazia ainda a mesma camisola que levara para a escola. Apesar da minha incerteza em relação ao modo como ela iria reagir, fui ter com os três.

- Olá, Jamie - disse eu. - Olá, Reverendo... Miss Garber.

Jamie voltou-se para mim.

- Olá, Landon - disse ela baixinho. Percebi que Jamie também estivera a pensar na noite anterior, porque não me sorriu como sempre fazia quando me via. Perguntei se podia falar com ela a sós, e pedimos licença para nos retirarmos. Reparei em Hegbert e Miss Garber a observar-nos quando nos afastamos alguns passos para onde não nos pudessem ouvir.

Olhei nervoso em volta do palco.

- Peço desculpa pelas coisas que disse ontem à noite - comecei. - Sei que provavelmente te magoaram, e fiz mal em tê-las dito.

Olhou-me como se estivesse a pensar se deveria ou não acreditar em mim.

- Estavas a falar a sério quando dissesse aquelas coisas? - perguntou por fim.

- Estava apenas de mau humor, só isso. às vezes, perco as estribelhas. - Sabia que, na verdade, não tinha respondido à sua pergunta.

- Compreendo - retorqui. Disse-o como o dissera na noite anterior, depois voltou o olhar para os assentos vazios na platéia. Tinha novamente aquela expressão triste nos olhos.

- Olha - exclamei, pegando-lhe na mão. - Prometo compensar-te pelo que fiz. - Não me perguntuem por que disse aquilo

-pareceu-me simplesmente que era o que devia fazer naquele momento.

Pela primeira vez naquela noite, ela começou a sorrir.

- Obrigada - disse ela, virando-se para me olhar.

- Jamie?

Jamie voltou-se.

- Sim, Miss Garber?

- Acho que estamos prontos para começar contigo. - Miss Garber fazia-lhe sinais com a mão.

- Tenho de ir - disse-me ela.

- Eu sei.

- Parte uma perna - disse eu. Dizem que dá azar desejar boa sorte antes de um espetáculo. É por isso que toda a gente diz "parte uma perna".

Larguei-lhe a mão.

- Havemos de partir os dois. Prometo.

Depois disto, tínhamos de nos aprontar e cada um seguiu para seu lado. Dirigi-me para o camarim dos homens. A Playhouse era razoavelmente sofisticada, tendo em conta que se situava em

Beaufort, com camarins separados que nos faziam sentir como se fôssemos verdadeiros atores, em vez de meros estudantes.

O meu fato, que ficava guardado na Playhouse, já estava no camarim. No começo dos ensaios tinham-nos tirado as medidas para que os fatos pudessem ser ajustados. Estava a vestir-me quando Eric irrompeu pela porta sem se anunciar. Eddie estava ainda no camarim a vestir o seu fato de vagabundo mudo e, quando o viu, uma expressão de terror surgiu-lhe nos olhos. Uma vez por semana, pelo menos, Eric atacava-o por trás e puxava-lhe as cuecas para cima, e Eddie escapuliu-se dali o mais depressa possível, uma perna ainda a enfiar-se no fato ao sair pela porta. Eric ignorou-o e sentou-se no toucador frente ao espelho.

- Então - disse Eric com um sorriso malandro no rosto - o que é que vais fazer?

Olhei para ele, curioso.

- Que queres dizer?

- No espetáculo, estúpido. Vais dizer mal o teu texto ou qualquer coisa assim?

Abanei a cabeça.

- Não.

- Vais deitar os adereços abaiixo? - Toda a gente sabia dos adereços.

- Não tinha planejado fazer isso - respondi estoicamente.

- Quer dizer que vais fazer isto direitinho?

Fiz sinal que sim com a cabeça. Pensar de outro modo nem sequer me tinha ocorrido.

Ele olhou para mim durante muito tempo, como se estivesse a examinar alguém que nunca tinha visto antes.

- Parece que estás finalmente a crescer, Landon - disse, por fim. Vindo de Eric, não tinha a certeza se era um elogio.

Fosse como fosse, porém, sabia que ele tinha razão.

Na peça, Tom Thornton fica espantado quando vê o anjo pela primeira vez, e é por isso que o segue e o ajuda quando ele sai para partilhar o Natal com os menos favorecidos. As primeiras palavras proferidas por Tom são "És bela" e eu tinha de dizê-las como se as sentisse do fundo do coração. Era o momento crucial de toda a peça, estabelecendo o tom de tudo o que acontecia depois. O problema, porém, era que eu ainda não tinha agarrado aquela frase. Claro, dizia as palavras, mas elas não saíam de maneira muito convincente, uma vez que as proferia como provavelmente qualquer outra pessoa ao olhar para Jamie, com a exceção de Hegbert. Era a única cena durante a qual Miss Garber nunca dissera a palavra maravilhoso, por isso sentia-me nervoso e preocupado com isso. Tentava sempre imaginar outra pessoa no papel de anjo para que pudesse dizer o texto como deve ser, mas com todas as outras coisas em que tentava concentrar-me, perdia-se sempre na confusão.

Jamie estava ainda no camarim quando o pano finalmente abriu. Não a vira antes disso, mas não fazia mal. De qualquer maneira, não entrava nas primeiras cenas que eram principalmente sobre Tom Thornton e a sua relação com a filha.

Eu achava que não iria ficar demasiado nervoso quando entrasse em palco, uma vez que tinha tido tantos ensaios, mas quando isso de fato acontece atinge-nos em cheio. A Playhouse estava a abarrotar e, tal como Miss Garber previra, tinham instalado mais duas filas de cadeiras a todo o comprimento ao fundo da sala. Normalmente, o teatro tinha capacidade para quatrocentas pessoas, mas com aqueles assentos havia pelo menos outras cinqüenta sentadas. Além disso, havia gente de pé encostada às paredes, amontoada como sardinhas em lata.

Mal pus os pés no palco, fez-se silêncio absoluto. A assistência reparei, era composta principalmente por senhoras idosas de cabelo meio azulado, daquelas que jogam bingo e bebem Bloody Marys nos lanches de domingo, embora pudesse ver Eric com todos os meus amigos sentado perto da última fila. Era francamente arrepiante estar ali diante deles enquanto todos esperavam que eu dissesse alguma coisa.

Assim, à medida que representava as primeiras cenas da peça, fiz o melhor que pude para

não pensar nisso. Sally, o prodígio zarolho, fazia o papel de minha filha, pois era baixa, e representamos as nossas cenas tal como as tínhamos ensaiado. Nenhum de nós se atrapalhou com as deixas, apesar de não termos sido espetaculares, ou coisa do gênero. Quando baixamos o pano para o segundo ato, tivemos de recolocar rapidamente os adereços. Desta vez, todos ajudaram e os meus dedos escaparam incólumes porque evitei Eddie a todo o custo.

Ainda não tinha visto Jamie - julgo que estava dispensada de ir carregar os adereços, porque o fato dela era feito de um tecido muito leve e rasgar-se-ia se ficasse preso num dos pregos - mas não tive muito tempo para pensar nela por causa de tudo o que tínhamos para fazer. Quando dei por mim, o pano estava a subir de novo e eu regressava ao mundo de Hegbert Sullivan, passeando diante das lojas e a espreitar pelas vitrinas à procura da caixa de música que a minha filha queria para o Natal. Tinha as costas voltadas para onde Jamie deveria entrar e ouvi a assistência suster a respiração em conjunto logo que ela fez a sua aparição em palco. Antes, achava que a assistência estava silenciosa, mas agora estava completamente queda e muda. Nesse instante, do canto do olho e a um dos lados do palco, vi o queixo de Hegbert estremecer. preparei-me para me voltar, e quando o fiz, percebi, finalmente, o que é que se passava.

Pela primeira vez desde que a conhecera, o seu cabelo cor de mel não estava apanhado. Em vez disso, caía solto, mais comprido do que imaginara, chegando-lhe abaixo dos ombros. Apresentava vestígios de um pó brilhante, que refletia as luzes do palco, cintilando como uma auréola de cristal. Contrastando com o vestido branco flutuante, feito exatamente à sua medida, era absolutamente espantoso de se ver. Não parecia a menina com quem eu havia crescido ou a menina que tinha vindo a conhecer recentemente. Tinha também um leve toque de maquiagem - não muito, apenas o suficiente para fazer realçar a suavidade das suas feições. Sorria docemente, como se estivesse a guardar um segredo junto ao coração, tal como o papel exigia.

Parecia mesmo um anjo.

O meu queixo descaiu um pouco e fiquei ali a olhar para ela durante o que me pareceu ser muito tempo, silenciado pelo choque, até, de repente, me lembrar que tinha uma frase para dizer. Respirei fundo, depois deixei sair lentamente.

- És bela - pronunciei por fim, e penso que toda a gente no auditório, desde as senhoras de cabelo azul, que estavam à frente, até aos meus amigos na fila de trás, sabia que eu estava realmente a Falar a sério.

Pela primeira vez, tinha agarrado aquela frase.

## CAPÍTULO 9

Dizer que o espetáculo foi um êxito estrondoso é dizer pouco. O público riu e o público chorou, o que, na verdade, era o que se esperava que fizesse. Mas devido à presença de Jamie, a peça tornou-se, de fato, algo especial - e penso que todos no elenco ficaram tão espantados como eu com o sucesso de tudo aquilo. Ficaram todos com a mesma expressão com que eu fiquei quando vi Jamie pela primeira vez, e isso fez com que a peça tivesse muito mais força enquanto cada um representava o seu papel. Chegamos ao fim do primeiro espetáculo sem uma falha, e na noite seguinte apareceu ainda mais gente. Até Eric veio ter comigo após o espetáculo para me felicitar, o que, depois do que me dissera antes, foi um tanto surpreendente.

- Estiveram os dois muito bem - disse simplesmente. - Estou orgulhoso de ti, amigo.

Enquanto ele dizia isto, Miss Garber exclamava "É maravilhoso!" a qualquer pessoa que a quisesse ouvir ou que por acaso passasse por ela, repetindo-o tantas vezes que eu continuei a ouvi-la muito tempo depois de ter ido para a cama naquela noite. Quando baixamos o pano pela última vez, fui à procura de Jamie. Descobri-a num dos cantos do palco, com o pai. Ele tinha lágrimas nos olhos - era a primeira vez que eu o via chorar - e Jamie correu para os seus braços e estiveram abraçados durante muito tempo. Ele afagava-lhe o cabelo e murmurava, "Meu anjo", enquanto ela mantinha os olhos fechados. Até eu me senti com um nó na garganta.

Fazer o que estava certo, percebi então, não era assim tão mau.

Depois de, por fim, se terem desprendido, Hegbert fez-lhe sinal orgulhosamente para que

fosse confraternizar com o resto do elenco, e ela recebeu uma enxurrada de felicitações de todos nós nos bastidores. Jamie sabia que se tinha saído bem, mas dizia sempre às pessoas que não percebia para que era todo aquele estardalhaço. Era a mesma menina alegre de sempre, mas como estava tão bonita, isso revelava-se de uma maneira totalmente diferente. Mantive-me afastado, deixando-a desfrutar o seu momento de sucesso, e admito que em parte me sentia como o velho Hegbert. Não podia deixar de me sentir feliz por ela, um pouco orgulhoso também. Quando, finalmente, me viu à parte num dos cantos do palco, pediu licença e veio ter comigo.

Olhando-me, sorriu.

- Obrigada, Landon, pelo que fizeste. Fizeste o meu pai muito feliz.

- De nada - disse, falando a sério.

O estranho é que quando ela disse aquilo percebi que Hegbert ia levá-la de carro para casa e, pela primeira vez, desejei ter tido a oportunidade de acompanhá-la.

Na segunda-feira seguinte começava a nossa última semana de aulas antes das férias de Natal e estavam programados testes finais para todas as turmas. Além disso, tinha de acabar as composições para a minha candidatura à UNC, trabalho que tive de adiar por causa dos ensaios. Planeava agarrar-me aos livros seriamente naquela semana, trabalhando na candidatura à noite antes de me deitar. Mesmo assim, não conseguia evitar pensar em Jamie.

A transformação de Jamie durante o espetáculo tinha sido espantosa, no mínimo, e imaginei que isso assinalasse uma mudança nela. Não sei por que pensei isso, mas pensei, e daí que tenha ficado surpreendido quando ela apareceu na primeira manhã de regresso às aulas vestida como de costume: camisola castanha, cabelo apanhado, saia de xadrez.

Basta olhá-la uma vez, e não pude deixar de sentir pena dela. Durante o fim-de-semana, Jamie tinha sido encarada como normal - especial até - ou assim me parecera, mas ela, de alguma forma, desaproveitara isso. Sim, as pessoas eram um pouco mais simpáticas para ela e os que ainda não lhe tinham falado iam dizer-lhe que ela se tinha saído muito bem, também, mas percebi logo que aquilo não ia durar muito tempo. As atitudes forjadas desde a infância são difíceis de quebrar e interrogava-me em parte se as coisas não poderiam piorar para ela depois daquilo. Agora que as pessoas sabiam que ela podia ter um aspecto normal, podiam até tornar-se mais cruéis.

Queria falar com Jamie sobre as minhas impressões, queria mesmo, mas planeava fazê-lo quando terminasse a semana. Não só tinha muito que fazer, como queria um pouco de tempo para pensar na melhor maneira de lhe dizer o que tinha para dizer. Para ser franco, ainda me sentia um pouco culpado por causa das coisas que lhe havia dito no nosso último passeio, mas não era só porque a peça tinha sido um êxito. Tinha mais que ver com o fato de durante todo o tempo em que estivéramos juntos, Jamie não ter sido outra coisa senão amável, e eu sabia que tinha agido mal.

Também não achava que ela quisesse falar comigo, para dizer a verdade. Sabia que me podia ver com os meus amigos ao almoço enquanto ela se sentava a um canto a ler a sua Bíblia, mas nunca deu sinal de querer vir ter conosco. Mas quando eu ia a sair da escola naquele dia, ouvi a voz dela atrás de mim, perguntando-me se não me importava de a acompanhar até casa. Apesar de ainda não estar preparado para lhe falar dos meus pensamentos, aceitei. Em nome dos velhos tempos.

Um minuto depois, Jamie foi direta ao assunto.

- Lembras-te daquelas coisas que dissesse da última vez que me acompanhaste a casa? - perguntou.

Acenei com a cabeça, desejando que ela não tivesse abordado o assunto.

- Prometeste que me irias compensar - disse ela.

Por um momento, fiquei confuso. Pensei que já o tivesse feito com a minha participação na peça. Jamie continuou.

- Tenho andado a pensar no que é que poderias fazer - continuou sem deixar que eu metesse uma palavra pelo meio - e o que eu proponho é isto.

Perguntou-me então se não me importava de ir recolher os frascos de picles e latas de café que ela distribuía em estabelecimentos comerciais por toda a cidade no princípio do ano.

Encontravam-se em cima dos balcões, normalmente perto das caixas registradoras para que as pessoas pudessem lá deixar os trocos. O dinheiro destinava-se aos órfãos. Jamie nunca queria pedir dinheiro diretamente às pessoas, queria que elas o dessem de livre vontade. Essa na sua opinião, era a maneira cristã de fazer as coisas.

Lembro-me de ver os recipientes em lugares como o Cecil's Diner e o Crown Theater. Os meus amigos e eu costumávamos atirar lá para dentro clipes e fichas metálicas quando os caixeiros não estavam a olhar, pois o barulho que faziam ao cair era mais ou menos parecido com o de uma moeda. Depois riímos entre nós por estarmos a pregar uma partida a Jamie. Gracejávamos imaginando Jamie a abrir uma das suas latas, esperando uma boa coleta por causa do peso, a esvaziá-las e a encontrar apenas fichas e clipes. Às vezes, quando nos lembramos das coisas que costumamos fazer, arrepiamo-nos, e foi precisamente isso que me aconteceu.

Jamie reparou na expressão no meu rosto.

- Não tens de o fazer - disse, evidentemente decepcionada. - Estava só a pensar que uma vez que o Natal está a aproximar-se tão depressa, e como não tenho carro, vai levar-me demasiado tempo a recolhê-las todas.

- Não - interrompi-a - eu faço isso. Não tenho muito que fazer, de qualquer maneira.

Então foi isso que fiz começando na quarta-feira, apesar de ter de estudar para os testes e precisar acabar as composições para a candidatura. Jamie deu-me uma lista de todos os sítios onde tinha deixado uma lata. Pedi o carro emprestado à minha mãe e, no dia seguinte, comecei num extremo da cidade. Ela distribuirá cerca de sessenta latas e imaginei que precisaria de apenas um dia para recolhê-las todas. Comparado com a tarefa de ter de distribuí-las, ia ser fácil. Jamie precisara de quase seis semanas para o fazer, porque teve primeiro de arranjar sessenta frascos e latas vazias e depois só podia distribuir duas ou três por dia, pois não tinha carro e só podia transportar esse número de cada vez. Quando comecei, senti-me meio esquisito por ser a pessoa que ia recolher os frascos e as latas, uma vez que aquilo tinha sido um projeto de Jamie, mas dizia constantemente a mim próprio que fora ela quem me havia pedido para a ajudar.

Fui de estabelecimento em estabelecimento, recolhendo os frascos e as latas e, ao fim do primeiro dia, percebi que aquilo ia demorar um pouco mais do que havia previsto. Tinha recolhido apenas cerca de vinte recipientes, porque me esquecera de uma simples realidade da vida em Beaufort. Numa cidade pequena como aquela, era completamente impossível entrar numa loja e pegar na lata sem ter uma conversa com o dono ou cumprimentar outra pessoa qualquer que se conhecesse. Pura e simplesmente, não se fazia. Assim, tinha de ficar ali sentado enquanto um tipo qualquer me contava a história do espadim que tinha pescado no Outono anterior, ou perguntavam-me como estava a correr a escola e diziam que precisavam de uma mãozinha nas traseiras para descarregar umas caixas, ou, então, queriam a minha opinião sobre se deveriam mudar o expositor das revistas para o outro lado da loja. Jamie sabia-o, teria lidado muito bem com este tipo de coisas, e tentei comportar-me como pensava que ela queria que eu me comportasse. Afinal de contas, era o projeto dela.

Para acelerar as coisas não parava entre cada estabelecimento para verificar o dinheiro recolhido. Depositava apenas o conteúdo dos frascos ou das latas dentro de outro recipiente juntando tudo. Ao fim do primeiro dia, tinha os trocos todos reunidos em dois frascos grandes, e levei-os para cima para o meu quarto. Reparei algumas notas através do vidro - não muitas - mas só fiquei realmente nervoso quando esvaziei o conteúdo dos frascos no chão e vi que os trocos consistiam, sobretudo de moedas de um centavo. Apesar de não haver tantas fichas e clipes como imaginara, ainda assim fiquei desapontado quando contei o dinheiro todo. Havia vinte dólares e trinta e dois centavos. Mesmo em 1958, isso não era muito dinheiro, especialmente quando dividido por trinta crianças.

Não desanimei, porém. Pensando tratar-se de algum engano, saí no dia seguinte, recolhi duas dúzias de latas e frascos e cavaqueei com outros proprietários de estabelecimentos. A receita recolhida: vinte e três dólares e oitenta e nove centavos.

O terceiro dia foi ainda pior. Depois de contar o dinheiro, nem eu conseguia acreditar. Havia apenas

onze dólares e cinqüenta e dois cêntimos. Estes vinham dos estabelecimentos junto ao mar, freqüentados principalmente por turistas e adolescentes. Éramos realmente incríveis, não pude deixar de pensar.

Vendo que ao todo tinha sido recolhido tão pouco dinheiro cinqüenta e cinco dólares e setenta e três cêntimos senti-me pessimamente, sobretudo tendo em conta que os frascos e as latas tinham estado lá fora durante quase um ano e que eu próprio as vira vezes sem conta. Naquela noite, devia telefonar a Jamie e dizer-lhe quanto é que tinha recolhido, mas simplesmente não o conseguia fazer. Ela falara-me de como queria algo de muito especial para aquele ano, e aquele dinheiro não ia dar para nada, até eu sabia isso. Então, decidi mentir-lhe e dizer-lhe que não ia contar o dinheiro até que nós dois o pudéssemos fazer junto, porque o projeto era dela, não meu. Era, na verdade, deprimente de mais. Prometi levar-lhe o dinheiro na tarde seguinte, depois das aulas.

O dia seguinte era o 21 de Dezembro, o dia mais curto do ano. Faltavam apenas quatro dias para o Natal.

- Landon - disse ela depois de contar o dinheiro - isto é um milagre!

- Quanto é que está aí? - perguntei. Sabia exatamente quanto era.

- São quase duzentos e quarenta e sete dólares! - Estava absolutamente radiante enquanto olhava para mim. Como Hegbert estava em casa, foi-me permitido sentar na sala de estar. Fora aí que Jamie tinha contado o dinheiro. Estava disperso pelo chão em montinhos bem ordenados, quase tudo em moedas de vinte e cinco e dez cêntimos. Hegbert encontrava-se sentado à mesa da cozinha, a escrever o seu sermão, e até ele virou a cabeça quando ouviu a voz dela.

- Achas que isso é suficiente? - perguntei inocentemente.

Pequenas lágrimas escorriam-lhe pela face enquanto olhava em redor da sala, não acreditando ainda no que estava a ver ali mesmo à sua frente. Mesmo depois do espetáculo, não tinha demonstrado tamanha felicidade. Então olhou diretamente para mim.

- É... Fantástico! - exclamou sorrindo. Jamais ouvira tanta emoção na sua voz. - O ano passado consegui apenas setenta dólares.

- Fico feliz por este ano as coisas terem corrido melhor - disse através do caroço que se me havia formado na garganta. - Se não tivesses distribuído esses frascos tão cedo este ano, talvez não tivesses conseguido tanto.

Sei que estava a mentir, mas não me importava. Por uma vez, estava a fazer aquilo que era certo.

Não ajudei Jamie a escolher os brinquedos de qualquer maneira, imaginei que ela soubesse melhor do que eu o que as crianças queriam, mas ela insistiu que a acompanhasse ao orfanato na véspera do Natal de modo a poder estar presente quando as crianças abrissem as prendas. Por favor, Landon proferira, e estando ela tão entusiasmada, não tive coragem de recusar.

Assim, três dias depois, tendo o meu pai e a minha mãe ido a uma festa na casa do presidente da câmara, vesti um casaco de pied-de-poule, pus a minha melhor gravata e dirigi-me para o carro da minha mãe com o presente de Jamie debaixo do braço. Gastara os meus últimos dólares numa bonita camisola, porque foi tudo o que pude pensar em comprar para lhe oferecer. Fazer compras para ela não era propriamente a coisa mais fácil deste mundo.

Tinha de estar no orfanato às sete horas, mas a ponte junto ao porto de Morehead City encontrava-se içada e tive de esperar que um cargueiro que partia para um porto estrangeiro deslizasse lentamente canal abaixo. Por causa disso, cheguei alguns minutos atrasado. A porta principal já estava trancada e tive de bater com força até Mr. Jenkins finalmente me ouvir. Remexeu no seu molho de chaves para encontrar a chave certa e, um instante depois, abriu a porta. Entrei, dando palmadinhas nos braços para afastar o frio.

- Ah... Estás aqui - disse ele alegremente. - Estivemos à tua espera. Anda, vou levar-te para onde está toda a gente.

Conduziu-me ao longo do vestíbulo até à sala de recreio, o mesmo sítio onde eu estivera antes. Parei apenas um momento para respirar fundo antes de, por fim, entrar.

Estava tudo melhor do que eu imaginara.

Ao centro da sala, vi uma árvore de Natal gigantesca, decorada com fitas brilhantes e luzes coloridas e uma centena de diferentes ornamentos feitos à mão. Por baixo da árvore, espalhados em todas as direções, havia presentes embrulhados de todos os tamanhos e feitios. Encontravam-se amontoados bem alto e as crianças no chão, sentadas muito juntas umas das outras num grande semicírculo. Vestiam as suas melhores roupas, presumi - os rapazes de calças azul-marinho e camisas brancas de colarinho, as garotas com saias azul-marinho e blusas de manga comprida. Estavam todos com o aspecto de se terem lavado e arranjado antes do grande acontecimento, e a maioria dos rapazes tinha o cabelo cortado.

Na mesa ao lado da porta, havia uma grande taça de ponche e travessas com bolinhos, com a forma de árvores de Natal e salpicados de açúcar verde. Reparei nalguns adultos que estavam sentados com as crianças; algumas das crianças mais novas encontravam-se ao colo dos adultos, os rostos muitos concentrados enquanto escutavam a leitura de A Véspera de Natal.

Não vi Jamie, pelo menos naquele preciso momento. Mas foi a voz dela que reconheci primeiro. Era ela quem lia a história e, por fim, localizei-a, sentada no chão à frente da árvore, apoiada sobre as pernas.

Para surpresa minha, vi que trazia o cabelo solto, tal como na noite do espetáculo. Em vez do velho casaco de lã castanho que eu já tinha visto tantas vezes, vestia uma camisola vermelha com decote em V que, de certa maneira, acentuava a cor dos seus olhos azuis-claros. Mesmo sem o pó brilhante no cabelo nem o comprido vestido flutuante, a visão dela era fascinante. Sem sequer me aperceber, tinha estado a conter a respiração e pelo canto do olho vi Mr. Jenkins a sorrir para mim. Expirei e sorri, tentando recuperar o controle.

Jamie fez uma pausa apenas para erguer os olhos do livro. Reparou que eu estava à porta, depois voltou a ler para as crianças. Levou mais um minuto ou dois para terminar e, quando o fez, levantou-se e endireitou a saia, depois contornou as crianças para vir ter comigo. Não sabendo para onde ela queria que eu fosse, fiquei onde me encontrava.

Mr. Jenkins já se havia retirado de ao pé de mim.

- Desculpa termos começados sem ti - disse quando se aproximou - mas as crianças estavam mesmo muito entusiasmadas.

- Não faz mal - retorqui, sorrindo, pensando em como ela estava bonita.

- Estou muito contente por poderes ter vindo.

- Também eu.

Jamie sorriu e levou-me pela mão.

- Vem comigo disse. Ajuda-me a distribuir os presentes.

Passamos a hora seguinte a fazer exatamente isso, observando as crianças a abrir os presentes um por um. Jamie fizera as compras pela cidade inteira e escolhera duas ou três coisas para cada criança do orfanato, presentes individuais que nunca tinham recebido antes. Os presentes que Jamie comprara não eram os únicos que as crianças recebiam, tanto o orfanato como os que ali trabalhavam tinham também comprado alguma coisa. À medida que os papéis voavam pela sala num frenesi intenso, ouviam-se gritinhos de satisfação por todo o lado. A mim, pelo menos, parecia que todas as crianças tinham recebido muito mais do que aquilo que tinham esperado e não se cansavam de agradecer a Jamie.

Quando a poeira finalmente assentou, e todas as prendas estavam abertas, o ambiente começou a acalmar. Mr. Jenkins e uma mulher que eu nunca tinha visto antes arrumaram a sala e algumas das crianças menores começavam a adormecer debaixo da árvore. Alguns dos mais velhos tinham já regressado aos seus quartos com os presentes e, ao saírem diminuíram a intensidade das luzes. As luzes da árvore de Natal projetaram um brilho etéreo, enquanto a música Noite Feliz tocava baixinho no fonógrafo que tinha sido colocado a um canto. Eu estava ainda sentado no chão ao lado de Jamie, que segurava uma rapariguinha que adormecera no seu colo. Por causa de toda aquela confusão, ainda não tivéramos verdadeiramente uma oportunidade para conversar. Não que qualquer de nós se tivesse importado. Estávamos ambos a olhar para as luzes na árvore, e

perguntava a mim mesmo em que é que Jamie estaria a pensar. Para dizer a verdade, não sabia, mas estava com uma expressão terna. Achava não, sabia que ela estava satisfeita pela maneira como a noite tinha corrido, e lá no fundo, eu também estava. Até àquele momento, fora a melhor véspera de Natal que eu já tinha tido.

Olhei-a de relance. Com as luzes a brilhar no seu rosto, estava bonita como ninguém.

- Comprei-te uma coisa - disse-lhe, por fim. - Quero dizer, um presente. - Falei baixinho para não acordar a menina e esperava que isso escondesse o nervosismo na minha voz.

Ela desviou o olhar da árvore para mim, sorrindo docemente.

- Não precisavas fazer isso. - Manteve baixa a voz, que parecia quase musical.

- Eu sei - disse-lhe. - Mas apeteceu-me. - Tinha mantido a prenda junto a mim. Peguei no embrulho e entreguei-la.

- Podes abri-lo por mim? Tenho as mãos meio ocupadas neste momento. - Olhou para a menina, depois para mim.

- Não precisas de abri-lo agora, se não quiseres - disse, encolhendo os ombros - na verdade, não é nada de muito especial.

- Não sejas tolo - adiantou ela. - Só o abriria à tua frente.

Para clarear a minha mente, olhou para o presente e comecei a abri-lo, descolando a fita-cola para que não fizesse muito barulho, em seguida desembrulhando o papel até chegar a caixa. Depois de pôr o papel de lado, levantei a tampa e tirei a camisola para fora, erguendo-a para lha mostrar. Era castanha, como as que ela normalmente usava. Mas achei que pudesse usar uma nova.

Tendo em conta a alegria que tinha visto antes, não esperava grande reação da parte dela.

- Estás a ver? É só isto. Disse-te que não era nada de especial avisei. Esperava que ela não ficasse desapontada.

- É linda, Landon - comentou ela com sinceridade. - Vou usá-la da próxima vez que estiver contigo. Obrigada.

Permanecemos em silêncio durante um momento, e uma vez mais comecei a olhar para as luzes.

- Também te trouxe uma coisa - murmurou Jamie por fim. Olhou para a árvore e os meus olhos seguiram os dela. O seu presente estava ainda debaixo da árvore, parcialmente escondido pela base, e estendi o braço para o retirar. Era retangular, flexível e um pouco pesado. Pousei-o no colo e deixei-o aí sem sequer tentar abri-lo.

- Abre-o - disse ela, fixando-me com o olhar.

- Não me podes dar isto - disse, sem fôlego. Já sabia o que estava lá dentro e não conseguia acreditar no que ela tinha feito. As minhas mãos começaram a tremer.

- Por favor - insistiu Jamie com a voz mais bondosa que jamais ouvira - abre-o. Quero que fiques com ela.

Com relutância abri lentamente o embrulho. Quando estava finalmente livre do papel, segurei-a com cuidado, com medo de a estragar. Olhei para ela, hipnotizado, e passei lentamente a mão pela capa, os dedos roçando pela pele bem gasta enquanto os olhos se me enchiam de lágrimas. Jamie estendeu o braço e pousou a mão sobre a minha. Estava quente e macia.

Olhei para ela, não sabendo o que dizer.

Jamie oferecera-me a sua Bíblia.

- Obrigada por teres feitos o que fizeste - sussurrou-me. - Foi o melhor Natal que já tive.

Virei a cabeça sem responder e estendi o braço para o lado onde pousara o meu copo de ponche. O coro de Noite Feliz ouvia-se ainda, e a música enchia a sala. Bebi um gole de ponche, tentando aliviar a secura repentina na minha garganta. Enquanto bebia, as vezes todas em que tinha estado com Jamie inundaram-me a mente. Pensei no baile, e no que ela fizera por mim naquela noite. Pensei na peça, e na sua aparência tão Angelical. Pensei nas vezes em que a acompanhara a casa, e em como a tinha ajudado a recolher os frascos e as latas cheios de cêntimos para os órfãos.

Enquanto estas imagens passavam pela minha cabeça, a minha respiração acalmou-se de repente.

Olhei para Jamie, depois para o teto e em redor da sala, esforçando-me por manter a compostura, depois novamente para Jamie. Ela sorriu para mim, e eu sorri para ela, e tudo o que conseguia fazer era perguntar a mim mesmo como é que me havia apaixonado por uma menina como a Jamie Sullivan.

## CAPÍTULO 10

Mais tarde, naquela noite, levei Jamie a casa. A princípio não tinha a certeza se deveria tentar o velho truque de bocejar e estender o braço sobre os seus ombros mas, para ser sincero, não sabia exatamente o que ela sentia por mim. Certo, oferecera-me o mais admirável presente que jamais recebera e, apesar de, provavelmente, nunca o ir abrir e ler como ela fazia, sabia que era como se ela me tivesse oferecido parte de si mesma. Mas Jamie era o tipo de pessoa capaz de doar um rim a um estranho que conhecesse na rua, se ele realmente precisasse. Por isso, não sabia exatamente o que pensar.

Jamie dissera-me uma vez que não era nenhuma imbecil, e suponho que, finalmente chegara à conclusão de que, de fato, não era. Ela podia ser... Bem, diferente... Mas descobrira o que eu tinha feito pelos órfãos e, olhando para trás, penso que já o sabia mesmo quando estávamos sentados no chão da sua sala de estar Quando ela disse que aquilo era um milagre, suponho que estava a referir-se a mim especificamente.

Hegbert lembro-me, entrou na sala quando eu e Jamie falávamos no assunto, mas, na verdade, não tivera muito que dizer. O velho Hegbert não andava bem nos últimos tempos, pelo menos tanto quanto eu conseguia perceber. Os seus sermões ainda falavam de dinheiro, e ainda se referia aos fornecedores, mas ultimamente eram mais curtos do que o habitual e de vez em quando parava a meio de um apoderando-se dele uma expressão estranha, como se estivesse a pensar noutra coisa, em algo triste.

Eu não sabia o que pensar daquilo, uma vez que, na realidade, não o conhecia assim tão bem. E Jamie, quando falava dele, parecia descrever outra pessoa completamente diferente. Era-me tão difícil imaginar Hegbert com sentido de humor como era imaginar duas luas no céu.

Bem, prosseguindo, ele entrou na sala quando estávamos a contar o dinheiro. Jamie levantou-se com lágrimas nos olhos, e Hegbert parece nem ter percebido que eu estava presente. Disse a Jamie que se sentia orgulhoso dela e que a amava, mas depois arrastou os pés de volta para a cozinha para continuar a trabalhar no seu sermão. Nem sequer me cumprimentou. Bem, eu sabia que não era propriamente o moleque mais religioso da comunidade, mas, ainda assim, achei o seu comportamento algo estranho.

Enquanto pensava em Hegbert, observava Jamie sentada a meu lado. Olhava pela janela com uma expressão tranqüila no rosto, quase a sorrir, mas muito distante ao mesmo tempo. Sorri. Se calhar, estava a pensar em mim. A minha mão começou a fugir ao longo do assento para mais próximo da dela, mas, antes de a poder alcançar, Jamie quebrou o silêncio.

- Landon - perguntou, finalmente, virando-se para mim - Costumas pensar em Deus?

Retirei a mão.

Bem, quando eu pensava em Deus, normalmente imaginava-o como naquelas pinturas antigas que tinha visto nas igrejas - um gigante pairando sobre a paisagem, trajando vestes brancas, com cabelo comprido e flutuante, apontando o dedo - mas sabia que ela não se referia a isso. Estava a falar dos desígnios de Deus. Levei algum tempo para responder.

- Claro - respondi. - às vezes, suponho.

- Nunca te perguntas por que é que as coisas têm de ser da maneira como são?

Fiz que sim com a cabeça, hesitante.

- Tenho pensado muito nisso ultimamente.

Mais até do que o costume? Quis perguntar, mas não o fiz. Percebi que ela tinha mais para dizer e fiquei calado.

- Eu sei que Deus tem um plano para todos nós, mas, às vezes, não consigo perceber a mensagem. Isso nunca te acontece?

Disse aquilo como se fosse algo em que eu pensasse o tempo todo.

- Bem - disse, tentando fingir que pensava no assunto - não creio que tenhamos sempre de a compreender. Acho que, às vezes, precisamos apenas de ter fé.

Foi uma resposta bastante boa, admito. Suponho que os meus sentimentos por Jamie estavam a fazer com que o meu cérebro trabalhasse um pouco mais depressa do que o habitual. Vi que ela estava a refletir na minha resposta.

- Sim - disse ela, por fim - tens razão.

Sorri para mim mesmo e mudei de assunto, uma vez que falar de Deus não era coisa que fizesse uma pessoa sentir-se romântica.

- Sabes - disse, descontraidamente - foi mesmo boa esta noite, sentada ao pé da árvore.

- Sim, foi - confirmou ela. A sua mente estava ainda noutro lado.

- E tu também estavas muito bonita.

- Obrigada.

Aquilo não estava a resultar muito bem.

- Posso fazer-te uma pergunta? - questionei por fim, na esperança de a trazer de volta para mim.

- Claro - respondeu ela.

Respirei fundo.

- Depois da missa amanhã, e, bem... Depois de teres passados algum tempo com o teu pai...

Quer dizer... - Fiz uma pausa e olhei para ela. - Gostarias de vir a minha casa para o jantar de Natal?

Apesar de ter ainda o rosto virado para a janela, pude vislumbrar os vagos contornos de um sorriso.

- Sim, Landon, gostaria muito.

Suspirei de alívio, não acreditando que lhe tivesse mesmo perguntado aquilo e ainda a interrogar-me sobre como tudo tinha acontecido. Conduzi por ruas com montras decoradas com luzes de Natal e atravessei a Beaufort City Square. Alguns minutos mais tarde, quando estendi o braço ao longo do assento, consegui finalmente segurar na mão dela, e para completar uma noite perfeita, ela não a retirou.

Quando estacionamos em frente da casa dela, as luzes da sala de estar ainda estavam acesas e reparei em Hegbert atrás das cortinas. Suponho que estava à espera de Jamie para saber como tinha corrido a noite no orfanato. Ou era isso, ou queria certificar-se de que eu não beijaria a sua filha na soleira da porta. Sabia que ele não via estas coisas com bons olhos.

Pensava nisso no que fazer quando finalmente nos despedíssemos, quero dizer quando saímos do carro e nos dirigimos para a porta. Jamie parecia calma e satisfeita ao mesmo tempo, e penso que estava feliz por eu a ter convidado a ir a minha casa no dia seguinte. Como ela tinha sido suficientemente esperta para descobrir o que eu tinha feito pelos órfãos, imaginei que talvez o fosse também para compreender a situação presente. Na mente de Jamie, penso que ela percebeu que aquele fora a primeira vez que eu lhe pedira de livre vontade para estar comigo.

Mesmo quando chegávamos aos degraus da porta, vi Hegbert espreitar pelas cortinas e depois recuar. Como alguns pais, os de Ângela, por exemplo, isso queria dizer que eles sabiam que tínhamos chegado e que dispúnhamos de uns breves momentos até eles abrirem a porta. Normalmente, isso dava-nos tempo para fazer olhinhos um ao outro enquanto ganhávamos coragem para nos beijarmos.

Ora bem, eu não sabia se Jamie me beijaria; na verdade, duvidava que o fizesse. Mas tão bonita como ela estava, com o cabelo solto e com tudo o que tinha acontecido naquela noite, eu não queria perder a oportunidade se ela surgesse. Sentia já pequenas tremuras quando Hegbert abriu a porta.

- Ouvi-os chegar - disse ele baixinho. A sua pele estava amarelada, como de costume, mas parecia cansado.

- Boa noite, Reverenda Sullivan - disse eu, desapontado.

- Olá, Papá - disse Jamie alegremente, um segundo depois. - Quem me dera que pudesse ter vindo hoje à noite. Foi maravilhoso.

- Fico muito feliz por ti. - Ele pareceu recompor-se então e pigarreou. - Dou-te um tempinho para te despedires. Deixo-te a porta aberta.

Deu meia volta e regressou à sala de estar. De onde se tinha sentado, eu sabia que ele ainda nos podia ver. Fingia estar a ler, embora eu não conseguisse ver o que ele tinha nas mãos.

- Tive uma noite maravilhosa, Landon - disse Jamie.

- Eu também - respondi, sentindo os olhos de Hegbert em mim. Perguntava a mim mesmo se ele sabia que eu tinha segurado a mão dela no carro.

- A que horas devo estar em tua casa amanhã? - perguntou. A sobrancelha de Hegbert ergueu-se apenas um pouco.

- Eu venho buscar-te. Cinco horas, está bem?

Olhou por cima dos ombros.

- Papá, importa-se que vá jantar com Landon e os pais dele amanhã?

Hegbert levou a mão aos olhos e começou a esfregá-los. Suspirou.

- Se é importante para ti, podes ir - respondeu.

Não foi o voto de confiança mais entusiasmado que já ouvira, mas para mim chegava.

- Que devo levar? - perguntou ela. No Sul, era tradição fazer sempre essa pergunta.

- Não precisas de levar nada - respondi. Venho buscar-te as cinco menos um quarto.

Ficamos ali parados por um momento sem dizer nada, e pude perceber que Hegbert estava a ficar algo impaciente. Não tinha virado uma página do livro desde que se sentara.

- Vemo-nos amanhã - disse ela por fim.

- Está bem - retorqui.

Olhou para os pés durante um instante, depois de novo para mim.

- Obrigada por me teres trazido a casa.

Com isso, voltou-se e entrou. Mal pude ver o ligeiro sorriso docemente esboçado nos seus lábios quando espreitou pela porta mesmo antes de a fechar.

No dia seguinte, fui buscá-la à hora combinada e fiquei contente por ver que ela tinha novamente o cabelo solto. Vestia a camisola que eu lhe oferecera, tal como havia prometido.

Tanto a minha mãe como os meus pais ficaram um pouco surpreendidos quando lhes perguntei se não se importavam que Jamie viesse para jantar. Não era um problema de maior sempre que o meu pai estava em casa, a minha mãe pedia a Helen, a cozinheira, que fizesse comida suficiente para um pequeno exército.

Suponho que não tenha falado dela antes, da cozinheira. Em casa tínhamos uma empregada de limpeza e uma cozinheira, não só porque a minha família tinha dinheiro para tal, mas também porque a minha mãe não era lá muito boa dona de casa. Conseguia fazer uns sanduíches para o meu almoço de vez em quando, mas havia alturas em que a mostarda lhe manchava as unhas e precisava de pelo menos três ou quatro dias para se restabelecer. Sem Helen, eu teria sido criado a purê de batata queimado e bifes estorricados.

O meu pai, felizmente, percebera-se disso logo após o casamento e tanto a cozinheira como a empregada estava conosco desde antes de eu ter nascido.

Apesar de a nossa casa ser maior do que a maioria, não era um palácio, e nem a cozinheira, nem a empregada viviam conosco porque não tínhamos alojamentos separados nem nada disso.

O meu pai tinha comprado a casa devido ao seu valor histórico. Embora não fosse a casa onde Blackbeard vivera em tempos, o que teria sido mais interessante para alguém como eu, pertencera de fato a Richard Dobbs Spaight, que participara na assinatura da Constituição. Spaight também possuira uma quinta nos arredores de New Bern, que ficava a cerca de sessenta quilômetros dali estrada acima, e aí tinha sido sepultado. A nossa casa podia não ser tão famosa como aquela onde Dobbs Spaight estava sepultado, mas, ainda assim, proporcionava ao meu pai alguma legitimidade para se gabar nos corredores do Congresso e, sempre que ele dava passeios pelo jardim, podia vê-lo a sonhar com o legado que queria deixar. De certa maneira, isso me entristecia, pois, por mais que ele fizesse, nunca chegaria aos calcanhares do velho Richard Dobbs Spaight. Acontecimentos

históricos como a assinatura da Constituição dão-se apenas uma vez em algumas centenas de anos e, por mais voltas que se dê, debater subsídios agrícolas para os agricultores de tabaco ou discutir o "perigo vermelho" nunca seria suficiente. Até alguém como eu sabia isso.

A casa estava mencionada no Registro Nacional de Monumentos Históricos ainda está, presumo e embora Jamie já a tivesse visitado, ficou ainda meio espantada quando lá entrou. A minha mãe e o meu pai estavam ambos muito bem vestidos, tal como eu, e a minha mãe cumprimentamos Jamie com um beijo na face. A minha mãe, não pôde evitar pensá-lo enquanto a observava, tinha-o conseguido antes de mim.

Tivemos um jantar agradável, bastante formal, com quatro pratos, embora não enfadonho, nem nada disso. Os meus pais e Jamie conversaram maravilhosamente isto faz-nos lembrar Miss Garber , e embora eu tentasse injetar na conversa o meu estilo particular de humor, na verdade, não tive grande êxito, pelo menos no que diz respeito aos meus pais. Jamie, contudo, ria-se, e tomei isso como um bom sinal.

Depois do jantar, convidei-a para dar um passeio pelo jardim, apesar de ser Inverno e de nada estar em flor. Depois de vestirmos os casacos, saímos para o ar frio de Dezembro. O ar da nossa respiração saia em pequenas baforadas.

- Os teus pais são pessoas maravilhosas - disse-me ela. Deduzi que não tinha levado os sermões de Hegbert muito a peito.

- São simpáticos - respondi à sua maneira. - A minha mãe é particularmente amorosa. - Disse isto não apenas porque era verdade, mas também porque era a mesma coisa que as crianças diziam de Jamie. Esperei que ela percebesse a indireta.

Deteve-se para olhar as roseiras. Pareciam paus retorcidos, e não percebi que interesse eles lhe podiam despertar.

- É verdade aquilo que dizem do teu avô? - perguntou-me. - As histórias que as pessoas contam? Calculei que não percebera a minha indireta.

- Sim - respondi, tentando não mostrar a minha deceção.

- Isso é triste - disse ela simplesmente. - Há coisas mais importantes na vida do que o dinheiro.

- Eu sei.

Ela olhou para mim.

- Sabes mesmo?

Não a olhei nos olhos quando respondi. Não me perguntaram porquê.

- Eu sei que aquilo que o meu avô fez estava errado.

- Mas não queres devolver o que ele tirou aos outros, pois não?

- Para ser franco, nunca pensei nisso.

- Mas serias capaz de o fazer?

- Não - respondi de imediato, e Jamie virou a cara. Estava a olhar de novo para as roseiras com os seus paus retorcidos e percebi, de repente, que ela teria querido que eu respondesse que sim. Era o que ela faria sem pensar duas vezes.

- Porque é que fazes isso? - deixei escapar antes de me conseguir deter. O sangue inundou-me depressa a face. - Fazer-me sentir culpado, quero dizer. Não fui eu que o fiz. Aconteceu simplesmente nascer nesta família.

Estendeu o braço e tocou num galho.

- Isso não quer dizer que não possas reparar o mal feito - disse suavemente - quando tiveres oportunidade.

A sua posição era evidente, até mesmo para mim, e eu lá no fundo sabia que ela tinha razão. Mas essa decisão, se alguma vez fosse tomada, vinha ainda muito longe. Do meu ponto de vista, tinha coisas mais importantes em mente. Mudei o assunto para algo com que me pudesse relacionar melhor.

- O teu pai gosta de mim? - perguntei. Queria saber se Hegbert me permitiria vê-la de novo.

Levou um momento para responder.

- O meu pai - disse ela devagar - preocupa-se comigo.

- Não o fazem todos os pais? - perguntei.

Olhou para os pés, depois de novo para o lado antes de se voltar para mim.

- Penso que com ele é diferente da maioria. Mas o meu pai gosta de ti e sabe que fico feliz quando posso estar contigo. É por isso que me deixou vir a tua casa jantar hoje à noite.

- Fico feliz por isso - disse, sinceramente.

- Também eu.

Olhamos um para o outro sob o luar de um quarto crescente, e quase a beijei logo ali, mas ela virou a cara um momento antes e pronunciou algo que me deixou um pouco perplexo.

- O meu pai também se preocupa contigo, Landon.

O modo como disse aquilo baixinho e triste ao mesmo tempo fez-me perceber que não era só por ele achar que eu era irresponsável, ou porque costumava esconder-me atrás das árvores e chamar-lhe nomes, ou até por eu pertencer à família Carter.

- Porquê? - perguntei.

- Pela mesma razão por que eu me preocupo contigo - respondeu. Não desenvolveu mais o assunto e eu soube imediatamente que ela estava a esconder-me alguma coisa, alguma coisa que não me podia contar, alguma coisa que também a entristecia. Mas foi só mais tarde que soube do seu segredo.

Estar apaixonado por uma menina como Jamie Sullivan era, sem dúvida, a coisa mais estranha por que tinha passado. Não só era uma menina em quem nunca tinha pensado até àquele ano apesar de termos crescido juntos, como havia alguma coisa de diferente na maneira como os meus sentimentos por ela tinham desabrochado. Não era como estar com Angela, que eu beijei logo na primeira vez que nos encontráramos a sós. Ainda não tinha beijado Jamie. Nem sequer a tinha abraçado, ou levado ao Cecil's Diner, ou até a um cinema. Não tinha feito nenhuma das coisas que normalmente fazia com as meninas e, no entanto, de alguma maneira, havia-me apaixonado. O problema era que ainda não sabia o que ela sentia por mim.

Havia, obviamente, alguns sinais que não me tinham passado despercebidos. A Bíblia fora, claro, o grande sinal, mas havia também a maneira como ela olhara para mim quando fechou a porta na véspera de Natal e me deixou segurar-lhe a mão quando regressávamos do orfanato. Na minha opinião, havia definitivamente alguma coisa ali, só não tinha a certeza de como dar o passo seguinte.

Depois de finalmente a ter levado a casa após o jantar de Natal, perguntei-lhe se não se importava que eu aparecesse lá em casa de vez em quando, e ela disse que estava bem. Fora exatamente assim que o dissera: "Está bem". Não levei a mal a falta de entusiasmo.

Jamie tinha a tendência de falar como um adulto, e penso que era também por isso que se dava tão bem com pessoas mais velhas.

No dia seguinte, fui a pé a casa dela e a primeira coisa em que reparei foi que o carro de Hegbert não estava à entrada da garagem. Quando ela abriu a porta, sabia o suficiente para não lhe perguntar se podia entrar.

- Olá, Landon - disse ela como sempre dizia, como se fosse uma surpresa ver-me. Tinha novamente o cabelo solto e vi isso como um bom sinal.

- Olá, Jamie - retorqui descontraidamente.

Ela apontou para as cadeiras.

- O meu pai não está em casa, mas podemos sentar-nos na varanda se quiseres...

Nem sequer me perguntaram como aconteceu, porque ainda hoje não o consigo explicar. Num momento estava ali diante dela, esperando dirigir-me para o canto da varanda e, no momento seguinte, não estava. Em vez de me encaminhar para as cadeiras, avancei um passo para mais perto dela e dei por mim a pegar-lhe na mão. Tomei-a na minha e fixei-a com o olhar, aproximando-me só mais um pouco. Ela não recuou propriamente, mas os seus olhos dilataram-se, apenas um pouco e, durante um pequeníssimo, intermitente instante, pensei que tivesse feito mal e ponderei se deveria ir mais além. Parei e sorri, inclinando a cabeça para o lado e, logo a seguir, vi que ela tinha

fechado os olhos e estava também a inclinar a cabeça e que os nossos rostos se estavam a aproximar um do outro.

Não demorou assim tanto tempo e, certamente, não foi o beijo que se vê nos cinemas hoje em dia, mas foi maravilhoso à sua maneira, e tudo o que consigo recordar daquele momento foi que, quando os nossos lábios se tocaram pela primeira vez, eu sabia que a recordação iria durar para sempre.

## CAPÍTULO 11

- Fostes o primeiro rapaz que beijei - confidenciou-me. Faltavam apenas uns dias para o Ano Novo nós estávamos no pontão de Iron Steamer em Pine Knoll Shores. Para lá chegar, tivemos de atravessar a ponte sobre a Intracoastal Waterway e descer um pouco ao longo da ilha. Hoje em dia, o lugar tem algumas das casas de praia mais caras de todo o estado, mas, naquela altura, havia, sobretudo dunas de areia perto da Floresta Nacional Marítima.

- Calculei que fosse - disse eu.

- Porquê? - perguntou ingenuamente. - Beijei mal?

Não me parecia que ficasse muito aborrecida se lhe dissesse que sim, mas isso não teria sido verdade.

- Beijas muito bem - disse, apertando-lhe a mão.

Acenou com a cabeça e voltou-se para o mar, os olhos ganhando de novo aquela expressão distante. Ultimamente, isso acontecia com muita freqüência. Deixei-a continuar assim antes de o silêncio começar a inquietar-me.

- Sentes-te bem, Jamie? - perguntei, por fim. Em vez de responder, mudou de assunto.

- Já alguma vez estiveste apaixonado? - perguntou-me.

Passei a mão pelo cabelo e fixei-a com o olhar.

- Queres dizer antes de agora?

Disse-o como James Dedam o teria dito, da maneira como Eric me indicara para dizer se alguma vez uma garota me fizesse essa pergunta. Eric era bastante astuto com as mulheres.

- Estou a falar a sério, Landon - disse ela, olhando-me de soslaio.

Suponho que também tinha visto aqueles filmes. Com Jamie, começava a ter consciência disso, eu parecia estar sempre a ir de cima para baixo e de novo para cima em menos tempo do que leva a matar um mosquito. Ainda não tinha bem a certeza se gostava dessa parte da nossa relação embora, para ser franco, isso me obrigasse a estar sempre atento. Sentia-me ainda meio tonto enquanto pensava na sua pergunta.

- Por acaso, já - disse, por fim.

Ela tinha ainda os olhos fixados no oceano. Acho que pensou que eu estava a falar de Angela, mas, olhando para trás, julgo que me apercebi então de que o que tinha sentido por Angela era completamente diferente do que estava a sentir naquele momento.

- Como é que sabes que era amor? - perguntou-me.

Observei a brisa a levantar-lhe levemente os cabelos, e sabia que não era altura de fingir ser uma coisa que na verdade não era.

- Bem - afirmei num tom sério -, sabe-se que é amor quando tudo o que nos apetece fazer é estar com a outra pessoa, e sabemos mais ou menos que a outra pessoa sente o mesmo.

Jamie pensou na minha resposta antes de sorrir vagamente.

- Estou a ver - disse ela baixinho. Esperei que acrescentasse mais alguma coisa, mas não o fez e cheguei subitamente a outra conclusão.

Jamie podia não ter muita experiência com rapazes, mas, para vos dizer a verdade, parecia estar a manipular muito bem os meus sentimentos.

Durante os dois dias seguintes, por exemplo, voltou a usar o cabelo apanhado.

Na véspera do Ano Novo levei Jamie a jantar fora. Era a primeira vez que ela tinha um encontro para jantar fora e fomos a um pequeno restaurante chamado Flautem's junto ao canal em

Morehead City. O Flautem's era daqueles restaurantes com toalhas de mesa e velas e cinco talheres de prata diferentes por pessoa. Os empregados de mesa vestiam-se de preto e branco, como mordomos, e quando olhávamos pelas janelas gigantescas que se estendiam ao longo de toda a parede, podíamos contemplar o luar a reflectir-se nas águas tranqüilas.

Tinha também um pianista e uma cantora, não todas as noites ou mesmo todos os fins-de-semana, mas aos feriados, quando pensavam que o restaurante ia encher. Tive de fazer uma reserva e, da primeira vez que telefonei, disseram-me que já não havia mesas disponíveis. Mas pedi à minha mãe que telefonasse e, de repente, surgiu uma mesa vaga. Suponho que o dono precisasse de um favor do meu pai ou coisa parecida, ou talvez apenas não quisesse aborrecê-lo, sabendo que o meu avô nessa altura ainda estava vivo.

Na verdade, foi a minha mãe que teve a idéia de eu levar Jamie a um sítio especial. Dois dias antes, num daqueles dias em que Jamie resolveu usar o cabelo apanhado, conversei com a minha mãe sobre aquilo por que estava a passar.

- Não consigo pensar noutra coisa senão nela, mãe - confessei. - Quer dizer, eu sei que ela gosta de mim, mas não sei se sente o mesmo que eu sinto.

- Ela é assim tão importante para ti? - perguntou.

- É - respondi baixinho.

- Bem, o que é que tentaste até agora?

- Que quer dizer?

A minha mãe sorriu.

- Quero dizer que as mulheres, mesmo a Jamie, gostam que as façam sentir-se especiais.

Pensei nisso durante um momento, um pouco confuso. Não era o que andava a tentar fazer?

- Bem, tenho ido a casa dela todos os dias - disse eu.

A minha mãe pousou-me a mão no joelho. Apesar de não ser uma grande dona de casa e, de por vezes, me provocar, como já referi, era mesmo uma senhora amorosa.

- Ir a casa dela é bom, mas não é a coisa mais romântica do mundo. Devias fazer alguma coisa que lhe mostrasse realmente o que sentes por ela.

A minha mãe sugeriu que comprasse um perfume e, embora soubesse que Jamie provavelmente ficaria contente por o receber, não me pareceu bem. Primeiro porque uma vez que Hegbert não a deixava usar maquiagem - a única exceção foi no espetáculo de Natal - tinha a certeza de que ela não podia usar perfume. Disse isso à minha mãe, e foi então que ela sugeriu que a levasse a jantar fora.

- Já não tenho dinheiro - disse-lhe, desanimado. Embora a minha família fosse rica e eles me dessem uma mesada, nunca me davam extras se a gastasse demasiado depressa.

- Ajuda-te a ser responsável - disse o meu pai, explicando-me uma vez.

- Que aconteceu ao teu dinheiro no banco?

Suspirei, e a minha mãe ouviu-me em silêncio enquanto lhe expliquei o que tinha feito. Quando terminei, uma expressão de satisfação tranqüila atravessou-lhe o rosto, como se também ela soubesse que eu estava finalmente a tornar-me adulto.

- Deixa que eu trato disso - disse baixinho. - Tu tratas apenas de saber se ela gostaria de ir e se o Reverendo Sullivan o permite. Se ela puder ir, arranjaremos maneira de fazer com que isso aconteça. Prometo.

No dia seguinte, fui até à igreja. Sabia que Hegbert estaria no seu gabinete. Ainda não tinha perguntado a Jamie porque calculei que precisasse da autorização dele e, por uma razão ou por outra, queria ser eu a perguntar-lhe. Julgo que tinha a ver com o fato de Hegbert não me receber propriamente de braços abertos quando eu aparecia lá em casa. Sempre que me via subir a ladeira tal como Jamie, tinha um sexto sentido no que dizia respeito a isso espreitava pelas cortinas, recuando depois rapidamente, pensando que eu não o tinha visto. Quando eu batia à porta, levava muito tempo a abri-la, como se tivesse de vir da cozinha. Olhava para mim durante um bom bocado,

depois suspirava profundamente e abanava a cabeça antes de me cumprimentar.

A porta estava entreaberta e vi-o sentado à secretária, os óculos apoiados sobre o nariz. Estava a examinar uns papéis tinha quase a certeza de que tinham que ver com finanças e imaginei que estivesse a calcular o orçamento da igreja para o ano seguinte. Até os reverendos tinham contas para pagar.

Bati à porta, e ele ergueu o olhar com interesse, como se estivesse à espera de outro membro da congregação, depois franziu o sobrolho quando viu que era eu.

- Bom dia, Reverendo Sullivan - disse educadamente. - Tem um momento?

Parecia ainda mais cansado do que o costume, e calculei que não estivesse a sentir-se bem.

- Olá, Landon - disse ele com um ar fatigado.

Tinha-me vestido com muito cuidado para a ocasião, de casaco e gravata.

- Posso entrar?

Acenou levemente com a cabeça e eu entrei no gabinete. Fez-me sinal para me sentar na cadeira em frente da secretária.

- Que posso fazer por ti? - perguntou.

Endireitei-me nervosamente na cadeira.

- Bem, Reverendo, queria fazer-lhe uma pergunta.

Fitou-me, estudando-me, e por fim falou.

- Tem que ver com Jamie? - perguntou.

Respirei fundo.

- Sim, Reverendo. Queria perguntar se o senhor não se importaria que eu levasse Jamie a jantar fora na véspera do Ano Novo.

Ele suspirou.

- É só isso?

- Sim, Reverendo - respondi. - Trago-a de volta a casa a qualquer hora que o senhor achar conveniente.

Tirou os óculos e limpou-os com o lenço antes de voltar a colocá-los no nariz. Percebi que estava a aproveitar o momento para pensar no assunto.

- Os teus pais também vão? - perguntou.

- Não, Reverendo.

- Então não penso que seja possível. Mas obrigado por teres pedido a minha autorização primeiro. - Voltou o olhar para os papéis, tornando claro que era altura de eu partir. Levantei-me da cadeira e dirigi-me para a porta. Prestes a sair, enfrentei-o de novo.

- Reverendo Sullivan?

Ergueu o olhar, surpreendido por eu ainda ali estar.

- Peço desculpa por aquelas coisas que costumava fazer quando era mais novo e peço desculpa também por nem sempre ter tratado Jamie da maneira como ela merecia. Mas, a partir de agora, vai tudo mudar, prometo-lhe.

Parecia atravessar-me com o olhar. Não era o suficiente.

- Eu amo-a - disse por fim e, quando o disse, a sua atenção centrou-se novamente em mim.

- Eu sei que amas - respondeu num tom triste - mas não quero vê-la magoada. - Devia ser imaginação minha, mas pareceu-me ver os seus olhos encherem-se de lágrimas.

- Não lhe faria isso - disse eu.

Virou-me a cara e olhou pela janela, observando o sol de Inverno tentar forçar o seu caminho através das nuvens. Estava um dia cinzento, frio e triste.

- Traga a de volta às dez - disse ele por fim, como se soubesse que tinha tomado a decisão errada. Sorri e quis agradecer-lhe, mas não o fiz. Vi que queria ficar sozinho. Quando olhei por cima do ombro ao sair pela porta, fiquei perplexo ao vê-lo cobrir o rosto com as mãos.

Uma hora depois, fiz o convite a Jamie. A primeira coisa que disse foi que achava que não poderia ir, mas informei-a que já falara com o pai. Pareceu surpreendida, e penso que isso teve

influência na maneira como me começou a encarar a partir dali. O que não lhe contei foi que quase parecera que Hegbert estava a chorar quando saí do seu gabinete. Não só não compreendia inteiramente aquela situação, como não queria que ela se preocupasse. Naquela noite, porém, depois de falar novamente com a minha mãe, ela deu-me uma explicação possível que, para ser franco, fazia todo o sentido para mim. Hegbert deve ter-se apercebido de que a filha estava finalmente a crescer e de que aos poucos estava a perdê-la para mim. De certa maneira, esperava que isso fosse verdade.

Fui buscá-la exatamente à hora combinada. Embora não lhe tivesse pedido para usar o cabelo solto, ela fizera-o por mim. Atravessamos a ponte em silêncio, seguindo ao longo do canal até ao restaurante. Quando chegamos à recepção, o próprio dono apareceu e acompanhou-nos até à nossa mesa. Era uma das melhores no restaurante.

Estava cheio quando chegamos e por toda a sala as pessoas pareciam bem dispostas. Na véspera de Ano Novo todos se vestiam elegantemente e nós éramos os únicos adolescentes no restaurante. Contudo, não me pareceu que destoássemos muito.

Jamie nunca estivera antes no Flautem's, e só precisou de alguns minutos para absorver tudo aquilo. Parecia feliz e nervosa ao mesmo tempo. Percebi logo que a minha mãe tinha feito a sugestão certa.

- É maravilhoso - comentou. - Obrigada por me teres convidado.
- O prazer é todo meu - disse, sinceramente.
- Já aqui estiveste antes?
- Algumas vezes. Os meus pais gostam de vir cá de vez em quando, quando o meu pai não está em Washington.

Ela olhou pela janela e observou um barco que passava diante do restaurante com as luzes a brilhar. Por um momento, parecia maravilhada.

- Isto é muito bonito.
- Também és muito bonita - disse eu.
- Jamie corou.
- Não estás a falar a sério.
- Claro que estou - balbuciei.

Demos as mãos enquanto esperamos pelo jantar e conversamos sobre algumas das coisas que tinham acontecido nos últimos meses. Ela riu-se quando falamos do baile, e eu finalmente contei-lhe a verdadeira razão por que lhe pedira para ir comigo. Não levou muito a mal - riu-se do assunto e eu sabia que ela já tinha percebido isso sozinha.

- Levavas-me outra vez? - perguntou a brincar.
- Claro.

O jantar estava delicioso - ambos pedimos perca-do-mar e saladas, e quando o empregado, por fim, retirou os nossos pratos, a música começou a tocar. Ainda tínhamos uma hora antes de eu ter de a levar a casa, e ofereci-lhe a minha mão.

A princípio, éramos os únicos na pista de dança. Toda a gente olhava para nós enquanto deslizávamos na pista. Penso que sabiam o que estávamos a sentir um pelo outro, e isso fazia-os recordarem-se de quando eram jovens também. A pista estava pouco iluminada e quando a cantora iniciou uma melodia lenta, segurei Jamie mais perto de mim com os meus olhos fechados, perguntando-me se alguma coisa na minha vida fora assim tão perfeita, sabendo ao mesmo tempo em que não.

Estava apaixonado, e a sensação era ainda mais profunda do que alguma vez eu imaginara ser possível.

Depois do Ano Novo passamos a semana e meia seguinte juntos, a fazer o que os casais jovens faziam naqueles tempos, embora de vez em quando ela parecesse cansada e apática. Passamos algum tempo à beira do rio Neuse, a lançar pedras à água, observando a ondulação enquanto conversávamos, ou íamos à praia perto de Fort Macon. Apesar de ser Inverno e do oceano

estar da cor do ferro, era algo que gostávamos de fazer. Passada mais ou menos uma hora, Jamie pedia-me para a levar a casa e dávamos as mãos no carro. às vezes, parecia-me, ela quase adormecia antes mesmo de chegarmos, enquanto noutras ocasiões tagarelava o caminho todo, de tal modo que eu mal conseguia meter uma palavra pelo meio.

Claro, passar o tempo com Jamie também implicava fazer as coisas de que ela gostava. Embora não fosse às suas aulas de estudo da Bíblia não queria fazer figura de idiota diante dela fizemos mais duas visitas ao orfanato e, de cada vez que lá íamos, ia-me sentindo mais em casa. Uma vez, porém, tivemos de partir mais cedo, porque ela estava a ficar ligeiramente febril. Até para os meus olhos inexperientes, era evidente que o seu rosto estava ruborizado.

Tornamo-nos a beijar, também, embora não todas as vezes em que estivemos juntos, e nem sequer pensei em tentar ir mais longe. Não havia necessidade de o fazer. Havia algo de agradável quando a beijava, algo delicado e bom, e isso era suficiente para mim. Quanto mais o fazia, mais me apercebia de que Jamie tinha sido incompreendida a vida inteira, não apenas por mim, mas por toda a gente.

Jamie não era apenas a filha do Reverendo, alguém que lia a Bíblia e se esforçava por ajudar os outros. Jamie era também uma menina de dezessete anos com as mesmas esperanças e dúvidas que eu. Pelo menos, era isso que pensava, até ela finalmente me contar.

Nunca me esquecerei desse dia, porque ela esteve muita calada, e eu tivera durante o dia inteiro a sensação estranha de que ela estava a pensar em algo de importante.

Vínhamos do Cecil's Diner no sábado antes de as aulas começarem de novo, e acompanhava-a a casa. Era um dia de temporal com um vento de nordeste violento e cortante, que soprava desde a manhã anterior. Enquanto caminhávamos, tínhamos de nos encostar muito um ao outro para nos mantermos quentes. Jamie tinha o braço preso em torno do meu, e caminhávamos devagar, ainda mais devagar do que habitualmente, quando reparei que ela não se estava a sentir bem outra vez. Na verdade, ela não tinha querido ir comigo por causa do tempo, mas eu insisti por causa dos meus amigos. Estava na altura, lembro-me de pensar, de eles finalmente saberem de nós. O único problema era que mais ninguém estava no Cecil's Diner. Como em muitos centros costeiros, não havia muita animação à beira-mar a meio do inverno.

Jamie caminhava em silêncio e eu sabia que ela estava a pensar na melhor maneira de me dizer qualquer coisa. Mas não esperava que começasse a conversa do modo como o fez.

- As pessoas acham que eu sou estranha, não acham? - disse ela finalmente, quebrando o silêncio.

- Que queres dizer? - perguntei, apesar de saber a resposta.

- As pessoas na escola.

- Não, não acham nada - menti.

Beiei-lhe a face enquanto apertava ligeiramente o seu braço um pouco mais junto de mim. Ela encolheu-se, e percebi que, de alguma forma, a tinha magoado.

- Sentes-te bem? - inquiri, preocupado.

- Estou bem - disse ela, recompondo-se e persistindo no assunto. - Mas fazes-me um favor?

- O que quiseres - respondi.

- Prometes-me dizer só a verdade a partir de agora? Ou seja, sempre?

- Está bem.

De súbito, ela deteve-me e olhou-me fixamente.

- Estás a mentir-me neste preciso momento?

Não respondi na defensiva, perguntando-me onde ela quereria chegar.

- Prometo que a partir de agora vou dizer-te sempre a verdade.

De certo modo, quando o disse, sabia que me havia de arrepender.

Recomeçamos a andar. Enquanto descíamos a rua, olhei para a mão dela, que estava presa em volta da minha, e vi uma grande contusão mesmo por debaixo do seu dedo anelar. Não fazia a mínima idéia de onde vinha aquilo, uma vez que não existia no dia anterior. Por um segundo, pensei

que pudesse ter sido causada por mim, mas depois percebi que nem sequer a tinha tocado naquele sítio.

- As pessoas acham que eu sou estranha, não acham? - perguntou de novo.

A minha respiração saía em pequenas baforadas.

- Sim - respondi por fim. Custou-me ter de dizê-lo. - Porquê? Parecia quase desanimada.

Pensei no assunto.

- As pessoas têm razões diferentes - disse vagamente, esforçando-me para não ir mais longe.

- Mas porquê, exatamente? É por causa do meu pai? Ou é porque eu tento ser boa para as pessoas?

Não queria estar ali.

- Suponho que sim - foi tudo o que consegui responder. Senti-me um pouco agoniado.

Jamie parecia desapontada e caminhamos um pouco mais em silêncio.

- Também pensas que eu sou estranha? - perguntou-me.

A maneira como o disse magoou-me mais do que eu imaginara possível. Estávamos quase a chegar a casa dela quando lhe cortei o passo e a abracei com força. Beijei-a e, quando nos separamos, ela olhou para o chão.

Coloquei o meu dedo por baixo do queixo dela, levantando-lhe a cabeça e fazendo com que olhasse de novo para mim.

- Tu és uma pessoa maravilhosa, Jamie. És linda, és generosa, és delicada... És tudo o que eu gostaria de ser. Se os outros não gostam de ti, ou pensam que és estranha, o problema é deles.

Sob o brilho acinzentado de um dia frio de Inverno, reparei que o seu lábio inferior tremia. Com o meu acontecia o mesmo, e percebi subitamente que o meu coração também estava a acelerar. Olhei-a nos olhos, sorrindo com toda a emoção que consegui reunir, sabendo que não conseguia manter as palavras dentro de mim por mais tempo.

- Amo-te, Jamie - disse-lhe. - És a melhor coisa que já me aconteceu.

Era a primeira vez que dizia aquelas palavras a alguém. Quando imaginava pronunciá-las pensava sempre que iria ser difícil, mas não foi. Nunca antes tivera tanta certeza de qualquer coisa.

Mal disse aquelas palavras, porém, Jamie baixou a cabeça e começou a chorar, encostando o seu corpo ao meu. Envolvi-a nos meus braços, perguntando-me o que se passava. Ela estava magra e percebi, pela primeira vez, que os meus braços a envolviam completamente. Tinha emagrecido, mesmo na última semana e meia, e lembrei-me que mal tocara na sua comida naquele dia. Continuou a chorar encostada ao meu peito durante o que me pareceu muito tempo. Não sabia bem o que pensar, ou até se ela sentia o mesmo que eu. Ainda assim, não lamentei as minhas palavras. A verdade é sempre a verdade e tinha acabado de lhe prometer que nunca mais lhe mentiria.

- Por favor, não digas isso - disse-me ela. - Por favor...

- Mas é verdade - contrapus, pensando que ela não acreditara em mim.

Começou a chorar ainda mais.

- Desculpa - sussurrou-me entre soluços rasgados. - Peço imensa desculpa...

Senti a garganta secar de repente.

- Por que é que pedes desculpa? - perguntei, subitamente ansioso por perceber o que estava a incomodá-la. - É por causa dos meus amigos e do que eles vão dizer? Já não me importo com isso, a sério que não. - Apegava-me a qualquer coisa, confuso e com medo.

Passou-se outro longo momento até ela deixar de chorar. Por fim, ergueu os olhos para mim. Beijou-me suavemente, quase como a respiração de um transeunte na rua de uma cidade, depois passou o dedo pela minha face.

- Não podes estar apaixonado por mim, Landon - disse ela de olhos vermelhos e inchados. - Podemos ser amigos, podemos encontrar-nos... Mas não podes amar-me.

- Por que não? - gritei roucamente, não percebendo nada daquilo.

- Porque - disse ela, por fim, baixinho - estou muito doente, Landon.

A idéia era-me tão absolutamente estranha que não conseguia compreender o que ela estava

a tentar dizer.

- E depois? Daqui a alguns dias...

Um sorriso triste atravessou-lhe o rosto e soube imediatamente o que ela estava a tentar dizer-me. Os seus olhos nunca deixaram os meus quando, finalmente, disse as palavras que me entorpeceram a alma.

- Estou a morrer, Landon.

## CAPÍTULO 12

Jamie tinha leucemia e sabia disso desde o Verão passado.

No momento em que ela me falou da doença, o sangue escoou-se-me do rosto e um feixe de imagens vertiginosas percorreu trepidante a minha mente. Foi como se, naquele breve instante, o tempo tivesse subitamente parado e eu compreendesse tudo o que tinha acontecido entre nós. Compreendi por que quisera que eu participasse na peça: compreendi por que razão, depois de termo representado naquela primeira noite, Hegbert lhe sussurrara com lágrimas nos olhos, chamando-a seu anjo; compreendi por que razão parecia sempre tão cansado e porque se afligia com as minhas idas constantes lá a casa. Tudo se tornou absolutamente claro.

Por que quisera que o Natal no orfanato fosse tão especial...

Por que pensava que não iria para a universidade...

Por que me havia dado a sua Bíblia...

Tudo fazia perfeito sentido e, ao mesmo tempo, nada parecia fazer qualquer sentido.

Jamie Sullivan tinha leucemia...

Jamie, a querida Jamie, estava a morrer...

A minha Jamie...

- Não, não - murmurei-lhe - tem de haver algum engano... Mas não havia e, quando ela me falou de novo, o meu mundo esvaziou-se. A minha cabeça começou a andar à roda, e agarrei-me a ela com força para não perder o equilíbrio. Na rua, vi um homem e uma mulher caminhando na nossa direção, de cabeça baixa e as mãos nos chapéus para evitar que o vento os levasse. Um cão atravessou rapidamente a rua e parou para farejar os arbustos. Um vizinho em frente estava em cima de um escadote, desmontando as suas luzes de Natal. Cenas normais da vida de todos os dias, coisas em que nunca teria reparado antes, subitamente fazendo com que me sentisse irritado. Fechei os olhos, querendo que tudo aquilo desaparecesse.

- Desculpa, Landon - dizia ela continuamente. No entanto, era eu quem deveria pedir desculpas. Sei isso agora, mas a minha confusão impediu-me de dizer fosse o que fosse.

Lá no fundo, sabia que essa confusão não iria desaparecer. Abracei Jamie de novo, não sabendo que mais fazer, as lágrimas enchendo-me os olhos, tentando ser, mas sem conseguir, o rochedo de que ela precisava.

Choramos juntos na rua durante muito tempo, apenas a uma curta distância da casa dela. Choramos mais um pouco quando Hegbert abriu a porta e viu as nossas caras, sabendo imediatamente que o segredo deles tinha sido revelado. Choramos quando contamos à minha mãe, mais tarde, naquele dia. Abraçou-nos e soluçou tão alto que tanto a empregada como a cozinheira queria chamar o médico porque pensavam que alguma coisa tinha acontecido ao meu pai. No domingo, Hegbert anunciou a notícia à sua congregação, foi preciso ajudá-lo a voltar para o seu lugar antes mesmo de ter terminado.

Todos na igreja se quedaram silenciosos e incrédulos perante as palavras que tinham acabado de ouvir, como se estivessem à espera de um desfecho para alguma história horrível que ninguém queria acreditar que tivesse sido contada. Depois em uníssono, ao mesmo tempo, começaram as lamentações.

- É assim que ela avança - explicou. - Sentimo-nos bem, e depois, quando o corpo já não consegue continuar a lutar, começamos a sentir-nos mal.

Lutando contra as lágrimas, não podia deixar de pensar na peça.

- Mas todos aqueles ensaios... aqueles dias compridos... talvez não devesses ter...

- Talvez - atalhou, pegando-me na mão.

- Participar na peça foi o que me manteve saudável durante tanto tempo.

Mais tarde, disse-me que tinham passado sete meses desde que fora diagnosticado a doença. Os médicos tinham-lhe dado um ano de vida, talvez menos.

Hoje em dia, talvez pudesse ter sido diferente. Hoje em dia, poderia tê-la tratado. Hoje em dia, Jamie, provavelmente, teria sobrevivido. Mas isto passou-se há quarenta anos, e eu sabia o que isso queria dizer.

Só um milagre a poderia salvar.

Por que é que não me disseste?

Esta era a única pergunta que não lhe tinha feito, aquela em que tinha estado a pensar. Não dormira naquela noite e tinha os olhos ainda inchados. Durante toda a noite, passei por sucessivos estados de choque, negação, tristeza e raiva, desejando que aquilo não fosse verdade e rezando para que não passasse de um terrível pesadelo.

Sentamo-nos na sua sala de estar no dia seguinte, o dia em que Hegbert dera a notícia aos fiéis. Estávamos a 10 de Janeiro de 1959.

Jamie não parecia tão deprimida como eu pensara que ela fosse estar. Mas também já vivia com aquilo há sete meses. Ela e Hegbert tinham sido os únicos a saber e nenhum deles havia confiado em ninguém, nem em mim. Fiquei magoado com isso e com medo, ao mesmo tempo.

- Tinha tomado a decisão - explicou-me - de que seria melhor não dizer a ninguém e pedi ao meu pai para fazer o mesmo. Viste como as pessoas se comportaram hoje depois da missa. Ninguém era capaz de me olhar nos olhos. Se tivesse só alguns meses para viver, era isso que querias?

Sabia que ela tinha razão, mas isso não tornava as coisas mais fáceis. Pela primeira vez na minha vida, estava completamente sem saber o que fazer.

Nunca ninguém que me fosse próximo tinha morrido, pelo menos que me lembresse. A minha avó morreu quando eu tinha três anos e não me lembro nada dela, ou do serviço religioso que se seguiu, ou até dos anos seguintes. Tinha ouvido histórias, claro, contadas tanto pelo meu pai como pelo meu avô, mas para mim não passavam de histórias. Era como ouvir sobre casos que poderia ter lido num jornal, sobre uma mulher qualquer que eu jamais tivesse conhecido. Embora o meu pai me levasse com ele ao cemitério quando ia pôr flores na campa da minha avó, nunca tive quaisquer sentimentos associados a ela. Sentia apenas pena das pessoas que ela tinha deixado para trás.

Ninguém da minha família ou do meu círculo de amigos alguma vez tivera de se confrontar com uma situação daquele gênero. Jamie tinha dezessete anos, uma criança, quase uma mulher, a morrer e ainda muito viva, ao mesmo tempo. Eu estava com medo, mais do que alguma vez estivera, não apenas por ela, mas por mim também. Vivia com o receio permanente de fazer alguma coisa de errado, de fazer alguma coisa que a ofendesse. Seria correto ficar zangado na presença dela? Seria correto continuar a falar do futuro? O meu medo tornava a conversa com Jamie difícil, embora ela fosse paciente comigo.

O medo, porém, fez-me perceber outra coisa, algo que tornava tudo aquilo ainda pior. Percebi que nem sequer a conhecera quando ela era ainda saudável. Tinha começado a passar algum tempo com Jamie apenas uns escassos meses antes, e sentia-me apaixonado por ela havia dezoito dias apenas. Esses dezoito dias pareciam a minha vida inteira, mas agora, quando olhava para ela, tudo o que conseguia fazer era perguntar-me quantos dias mais iríamos ter.

Na segunda-feira, Jamie não apareceu na escola e senti que ela nunca mais voltaria a percorrer aqueles corredores. Nunca mais a veria a ler a Bíblia sozinha à hora do almoço, nunca mais veria a sua camisola castanha deslocar-se por entre a multidão quando ela se dirigia para a aula seguinte. Terminara para sempre a escola, nunca iria receber o seu diploma...

Não me conseguia concentrar nas aulas naquele primeiro dia de regresso à escola depois das férias

de Natal, escutando os professores a dizer-nos, uns a seguir aos outros, aquilo que a maior parte de nós já tinha ouvido. As reações foram semelhantes às que ocorreram na igreja no domingo. As meninas choravam, os rapazes baixavam a cabeça. As pessoas contavam histórias sobre ela como se ela já tivesse morrido. "Que podemos fazer?" Interrogavam-se em voz alta, e procuravam em mim as respostas.

- Não sei - era tudo o que conseguia dizer.

Saí da escola cedo e fui até à casa de Jamie, faltando às aulas depois do almoço. Quando bati à porta, Jamie recebeu-me da maneira como sempre fazia, alegremente e, assim parecia, sem qualquer preocupação no mundo.

- Olá, Landon - disse ela - mas que surpresa.

Quando se inclinou para me beijar, beijei-a também, embora tudo aquilo me desse vontade de chorar.

- O meu pai não está em casa neste momento, mas podemos sentar-nos na varanda se quiseres.

- Como é que podes fazer isso? - perguntei de repente. - Como é que consegues fingir que está tudo bem?

- Não estou a fingir que está tudo bem, Landon. Deixa-me ir lá dentro buscar o casaco e sentamo-nos cá fora a conversar, sim?

Sorriu para mim, à espera de uma resposta e, por fim, acenei-lhe com a cabeça, os meus lábios comprimidos. Jamie estendeu a mão e deu-me uma palmadinha no braço.

- Volto já - disse ela.

Dirigi-me para a cadeira e sentei-me. Jamie surgiu um momento depois, trazendo um casaco pesado, luvas e um chapéu para se manter quente. O vento de nordeste já tinha passado e o dia não estava nem de longe tão frio como durante o fim-de-semana. No entanto, era ainda demasiado frio para ela.

- Não foste à escola hoje.

Ela olhou para baixo e acenou com a cabeça:

- Eu sei.

- Nunca mais vais voltar? - Apesar de já saber a resposta, precisava ouvi-la da sua boca.

- Não - respondeu baixinho - não vou.

- Porquê? Já estás assim tão doente?

As lágrimas enchiam-me os olhos. Ela estendeu o braço e pegou-me na mão.

- Não. Hoje, por acaso, até me sinto muito bem. É só porque quero estar em casa agora de manhã, antes de o meu pai ter de ir trabalhar para o gabinete. Quero passar o máximo de tempo com ele.

Antes de morrer, queria ela dizer, mas não o fez. Senti náuseas e não consegui responder.

- Quando os médicos nos contaram pela primeira vez - continuou - disseram-nos que eu deveria tentar levar uma vida o mais normal possível durante o maior período de tempo que pudesse. Disseram que isso me ajudaria a manter as forças.

- Não há nada de normal nisto - disse amargamente.

- Eu sei.

- Não tens medo?

Esperava que ela respondesse que não, que dissesse algo de sensato como diria um adulto, ou que me explicasse que não podemos pretender compreender os desígnios de Deus.

Desviou o olhar.

- Tenho - respondeu por fim. - Estou sempre com medo.

- Então por que é que não ages como se o tivesses?

- Ajo. Só que o faço em privado.

- Por que não confias em mim?

- Não - respondeu - porque sei que também estás com medo.

Comecei a rezar por um milagre.

Parecia que estavam sempre a acontecer e lera acerca disso nos jornais. Pessoas a recuperar o uso das pernas depois de lhes ter sido dito que não voltariam a andar, ou sobrevivendo a um acidente horrível quando se havia já perdido toda a esperança. De tempos a tempos, um padre itinerante montava uma tenda nos arredores de Beaufort, e muita gente ia lá para assistir à cura de pessoas. Fui algumas vezes, e embora presumisse que a maior parte das curas não passavam de um engenhoso espetáculo de magia, uma vez que eu nunca reconhecia as pessoas que eram curadas, de vez em quando aconteciam coisas que nem eu conseguia explicar. O velho Sweeney, o padeiro aqui da cidade, andou na Primeira Guerra a lutar com uma unidade de artilharia atrás das trincheiras e os meses de bombardeamentos contra o inimigo deixaram-no surdo de um ouvido. Não fingia, ele realmente não conseguia ouvir nada e houve alturas, quando éramos crianças, em que tínhamos conseguido fugir com um pãozinho de canela graças a isso. Mas o padre começara a rezar fervorosamente e, por fim, colocou a mão num dos lados da cabeça de Sweeney. Sweeney deu um grito forte, fazendo com que as pessoas praticamente saltassem das cadeiras. Tinha uma expressão apavorada no rosto, como se o padre tivesse tocado com um atiçador em brasa. Mas depois sacudiu a cabeça e olhou em volta, proferindo as palavras Consigo ouvir de novo.

Nem ele próprio conseguia acreditar.

- Deus - disse o padre enquanto Sweeney voltava para o seu lugar - pode fazer qualquer coisa. Deus escuta as nossas preces.

Assim, naquela noite, abri a Bíblia que Jamie me oferecera no Natal e comecei a ler. Já ouvira ler a Bíblia na catequese de domingo ou na igreja, mas para ser franco, apenas me lembrava dos pontos altos - as sete pragas ordenadas por Deus para que os Israelitas pudessem sair do Egito, Jonas a ser engolido pela baleia, Jesus caminhando sobre a água ou a ressuscitar Lázaro de entre os mortos. Também havia outros pontos altos. Sabia que praticamente em cada capítulo da Bíblia Deus fazia alguma coisa de espetacular, mas não os conhecia todos. Como cristãos, aprendíamos muito os ensinamentos do Novo Testamento, e não sabia absolutamente nada de livros como o de Josué, ou de Rute, ou de Joel. Na primeira noite, li o Gênesis todo, na segunda noite li o Êxodo. A seguir veio o Levítico, seguido dos Números e depois do Deuteronómio. Algumas partes lia mais devagar, especialmente quando eram explicadas as leis todas. No entanto, não era capaz de pousar o livro. Era uma compulsão que eu não compreendia inteiramente.

Era já tarde uma noite, e já estava cansado, quando, por fim, cheguei aos Salmos. Por um motivo qualquer, sabia que era aquilo que procurava. Já todos ouviram o vigésimo terceiro salmo, que começa, "O Senhor é o meu pastor, nada me falta", mas queria ler os outros, uma vez que nenhum deles devia ser mais importante que os outros. Uma hora depois encontrei uma secção sublinhada que supus ter sido anotada por Jamie, porque significaria algo de importante para ela. Dizia assim:

A Vós clamo, Senhor.'

Ó meu rochedo não sejais surdo à minha voz,  
Não suceda que, não me ouvindo,  
Eu fique semelhante àqueles que descem ao abismo.  
Ouvi a voz da minha súplica, quando clamo por Vós,  
Quando levanto as minhas mãos para o Vosso santo templo.

Fechei a Bíblia com lágrimas nos olhos, incapaz de terminar.  
De alguma maneira, sabia que ela a sublinhara para mim.

- Não sei o que fazer - disse entorpecido, olhando para a luz fraca do candeeiro do meu quarto. A minha mãe e eu estávamos sentados na cama. Aproximava-se o fim de Janeiro, o mês mais difícil da minha vida, e sabia que em Fevereiro as coisas apenas iriam piorar.

- Sei que isto é difícil para ti - murmurou ela - mas não há nada que possas fazer.

Não me refiro à doença de Jamie, sei que nada posso fazer em relação a isso. Refiro-me a

Jamie e eu.

A minha mãe olhou-me, compreensiva. Estava preocupada com Jamie, mas também se preocupava comigo. Prossegui.

- É difícil conversar com ela. Quando olho para ela só consigo pensar no dia em que não poderei fazê-lo. Passo o tempo todo na escola a pensar nela, desejando poder vê-la naquele instante, mas quando chego a casa dela não sei o que dizer.

- Não sei se há alguma coisa que possas dizer que a faça sentir-se melhor.

- Então que devo fazer?

Olhou tristemente para mim e pôs o braço à volta do meu ombro.

- Amas a Jamie de verdade, não amas? - perguntou.

- Com todo o meu coração.

Nunca a vira tão triste.

- O que te diz o coração para fazeres?

- Não sei.

- Talvez - disse ela com ternura - estejas a esforçar-te de mais para o ouvir.

No dia seguinte, senti-me melhor na presença de Jamie, embora não muito. Antes de chegar a casa dela, prometera a mim mesmo nada dizer que a pudesse deprimir que tentaria conversar com ela como costumava fazer antes e foi exatamente isso que se passou. Sentei-me no sofá e falei-lhe de alguns dos meus amigos e do que eles andavam a fazer; pu-la a par do êxito da equipa de basquete. Disse-lhe que ainda não tido notícias da UNC, mas que esperava saber alguma coisa dentro das semanas seguintes. Disse-lhe que aguardava ansioso a cerimônia de formatura. Falei como se ela fosse voltar à escola na semana seguinte e sabia que me mostrava nervoso o tempo todo. Jamie sorria e acenava com a cabeça nas alturas apropriadas, fazendo perguntas de vez em quando. Mas penso que quando acabei de falar, ambos sabíamos que era a última vez que o fazia daquela maneira. Nenhum de nós se sentia bem com aquela conversa.

O meu coração dizia-me exatamente a mesma coisa.

Voltei-me de novo para a Bíblia, na esperança de que me ajudasse.

- Como te sentes? - perguntei dois dias depois.

Por esta altura, Jamie já tinha emagrecido mais. A sua pele começava a ganhar um tom ligeiramente acinzentado e os ossos das mãos começavam a tornar-se visíveis através da pele. Apresentava mais hematomas. Estábamos dentro de casa na sala de estar; lá fora fazia demasiado frio para ela.

Apesar de tudo isto, continuava linda.

- Estou bem - disse ela, sorrindo corajosamente. - Os médicos deram-me um remédio para as dores e parece que ajuda um pouco.

Vinha-a visitar todos os dias. O tempo parecia estar a desacelerar e a acelerar exatamente ao mesmo tempo.

- Precisas de alguma coisa?

- Não, obrigada, estou bem.

Olhei em volta da sala, depois novamente para ela.

- Tenho andado a ler a Bíblia - disse, por fim.

- Ah sim? - O seu rosto iluminou-se, lembrando-me o anjo que vira na peça. Não conseguia acreditar que tinham passado apenas seis semanas.

- Quis que soubesses.

- Fico contente por me teres dito.

- Li o Livro de Job ontem à noite - disse eu - em que Deus pôs à prova a fé de Job.

Ela sorriu e inclinou-se para me dar uma palmadinha no braço, a sua mão macia sobre a minha pele. Era uma sensação tão boa.

- Devias ler outra coisa. Nesse livro, Deus não está nos seus melhores momentos.

- Por que lhe teria Ele feito aquilo?

- Não sei - respondeu.
  - Nunca te sentes como Job?
    - Ela sorriu, uma pequena cintilação nos olhos.
  - às vezes.
  - Mas não perdeste a tua fé?
    - Não. - Sabia que não, mas acho que eu estava a perder a minha.
  - Porque pensas que podes ficar melhor?
  - Não - respondeu - porque é a única coisa que me resta.
- Depois disso, começamos a ler a Bíblia juntos. Parecia o melhor a fazer, mas o meu coração, no entanto, dizia-me que talvez ou ainda mais alguma coisa.  
à noite, fiquei acordado na cama, a pensar no assunto.000000000000

A leitura da Bíblia proporcionava algo em que nos podíamos concentrar. De repente, tudo começou a correr melhor entre nós, talvez porque não estivesse com tanto receio de fazer alguma coisa que a ofendesse. O que podia ser mais correto do que ler a Bíblia? Embora não conhecesse a Bíblia tão bem como Jamie, penso que ela apreciou o gesto. Por vezes, quando estávamos a ler, ela colocava a mão no meu joelho e escutava simplesmente à medida que a minha voz enchia a sala.

Outras vezes, sentava-me ao seu lado no sofá, olhando para a Bíblia, observando Jamie pelo canto do olho ao mesmo tempo. Encontrávamos uma passagem ou um salmo, talvez até um provérbio, e eu perguntava-lhe o que pensava dele. Tinha sempre uma resposta, e eu acenava com a cabeça, pensando no assunto. às vezes, era ela quem me perguntava o que eu achava, e eu também me esforçava, apesar de haver momentos em que fingia e tinha a certeza de que ela percebia.

- É isso o que realmente significa para ti? - perguntava, e eu coçava o queixo e pensava antes de tentar de novo. às vezes, porém, era por culpa dela que não conseguia concentrar-me, com a sua mão no meu joelho.

Uma sexta-feira à noite levei-a a jantar a minha casa. A minha mãe fez-nos companhia durante o prato principal, depois saiu da mesa e foi sentar-se no escritório para que pudéssemos ficar a sós.

Era bom estar ali, sentado com Jamie, e sabia que ela sentia o mesmo. Não saía muito de casa agora, e aquilo era uma mudança boa para ela.

Desde que me contou sobre a doença, Jamie deixou de usar o cabelo apanhado. Era tão deslumbrante ainda como da primeira vez em que a vira com ele solto. Ela estava a olhar para o armário da porcelana

- a minha mãe tinha um daqueles armários com luzes lá dentro quando estendi o braço por cima da mesa e lhe peguei na mão.

- Obrigado por teres vindo esta noite - disse eu.

Voltou novamente a sua atenção para mim.

- Obrigada por me teres convidado.

Fiz uma pausa.

- Como está o teu pai a aguentar-se?

Jamie suspirou.

- Não muito bem. Preocupo-me muito com ele.

- Ele ama-te muito, sabes?

- Sei.

- E eu também - disse eu, e quando o fiz, ela desviou o olhar. Ouvir-me dizer aquilo pareceu assustá-la de novo.

- Vais continuar a ir visitar-me a minha casa? - perguntou. - Mesmo mais tarde, sabes, quando...?

Apertei-lhe a mão, não com muita força, mas o suficiente para que ela soubesse que eu falava a sério.

- Enquanto quiseres que eu vá, eu lá estarei.

- Não precisamos continuar a ler a Bíblia, se não quiseres.

- Sim - disse baixinho - acho que precisamos.

Ela sorriu.

- És um bom amigo, Landon. Não sei o que faria sem ti.

Apertou-me a mão, retribuindo o favor. Sentada à minha frente, ela estava radiante.

- Amo-te, Jamie - declarei de novo, mas desta vez ela não teve medo. Em vez disso, os nossos olhos encontraram-se por cima da mesa, e vi os dela começarem a brilhar. Suspirou e desviou o olhar, passando a mão pelo cabelo. Depois voltou-se de novo para mim. Beijei-lhe a mão, sorrindo também.

- Também te amo - murmurou ela finalmente.

Eram as palavras que eu havia rezado por ouvir.

Não sei se Jamie falou a Hegbert do que sentia por mim, no entanto, duvido, pois a sua rotina não mudou em nada. Era seu hábito sair de casa sempre que eu lá ia depois das aulas e isso continuou. Batia à porta e ouvia Hegbert dizer a Jamie que ia sair e que estaria de volta dentro de duas horas.

- Está bem, Papá

ouvia-a sempre dizer. Em seguida, esperava que Hegbert abrisse a porta. Depois de me deixar entrar, abria o armário do corredor e retirava em silêncio o chapéu e o sobretudo, abotoando este último de cima a baixo antes de sair de casa. O sobretudo era antiquado, preto e comprido, como um impermeável militar sem fechos éclair, daqueles que estiveram na moda no princípio deste século. Raramente falava diretamente comigo, mesmo depois de saber que tínhamos começado a ler a Bíblia juntos.

Embora ainda não gostasse que eu ficasse dentro de casa enquanto ele lá não estava, continuava a deixar-me entrar. Sabia que, em parte, isso se devia ao fato de ele não querer que Jamie se constipasse sentada na varanda, e a única alternativa era esperar em casa enquanto eu ali estivesse. Mas penso que Hegbert precisava de algum tempo sozinho também e essa era a verdadeira razão daquela mudança. Não me falou das regras da casa - pude divisá-las nos seus olhos da primeira vez que me permitiu ficar. Podia permanecer na sala de estar, apenas isso.

Jamie ainda se movimentava bastante bem, apesar de o Inverno estar horrível. Durante a última parte de Janeiro, soprou um vento frio que durou nove dias, seguido de três dias consecutivos de fortes chuvas. Ela não tinha qualquer interesse em sair de casa com um tempo daqueles, mas, depois de Hegbert sair, eu e ela podíamos ficar na varanda durante alguns minutos para respirar o ar fresco do mar. Sempre que fazíamos isso, dava por mim a preocupar-me com ela.

Quando líamos a Bíblia, havia gente que batia à porta pelo menos três vezes por dia. As pessoas estavam sempre a aparecer, algumas com comida, outras apenas para cumprimentar. Até Eric e Margaret apareceram para uma visita e, embora Jamie não estivesse autorizada a deixá-los entrar, fê-lo de qualquer maneira. Sentámo-nos na sala de estar para conversar um pouco, os dois incapazes de a olhar nos olhos.

Estavam ambos nervosos e precisou de alguns minutos para, finalmente, chegarem ao assunto que ali os tinha trazido. Eric tinha vindo pedir desculpa. Disse que não conseguia imaginar por que é que, entre todas as pessoas, tudo aquilo tivera de acontecer a ela. Trazia também uma coisa para lhe dar e, colocou um envelope sobre a mesa, a sua mão a tremer. Tinha a voz estrangulada enquanto falava, as palavras vibrando-lhe com a emoção mais sentida que alguma vez o ouvira expressar.

- Nunca conheci ninguém com um coração tão grande como o teu - disse ele a Jamie, a voz perturbada - e apesar de não ter ligado a isso e de nem sempre ter sido simpático contigo, queria que soubesses o que sinto. Nunca me arrependi tanto de uma coisa na minha vida. - Fez uma pausa e limpou disfarçadamente o canto do olho. - És a melhor pessoa que por certo conhecerei em toda a minha vida.

Enquanto ele lutava contra as lágrimas e as fungadelas, Margaret já havia sucumbido às suas e soluçava sentada no sofá, incapaz de falar. Quando Eric terminou, Jamie limpou as lágrimas da face, levantou-se devagar e sorriu, abrindo os braços no que apenas podia ser descrito como um

gesto de perdão. Eric aproximou-se dela espontaneamente, começando, por fim, a chorar enquanto ela lhe afagava ternamente o cabelo, sussurrando-lhe. Os dois abraçaram-se durante muito tempo, e Eric soluçou até ficar demasiado exausto para chorar mais.

Depois foi a vez de Margaret, e ela e Jamie fizeram exatamente a mesma coisa.

Quando Eric e Margaret estavam prontos para partir, vestiram os seus casacos e olharam para Jamie mais uma vez, com o se para a recordar para sempre. Não tinha qualquer dúvida de que queriam recordá-la como ela estava naquele momento. Na minha opinião, estava linda, e sei que eles sentiam o mesmo.

- Força - disse Eric quando ia a sair. - Vou rezar por ti. Todos nós vamos rezar por ti. - Depois, olhou para mim e deu-me umas palmadinhas no ombro. - Tu também - disse, com os olhos vermelhos. Enquanto os via partir, sabia que nunca tinha sentido tanto orgulho deles.

Mais tarde, quando abrimos o envelope, descobrimos o que Eric tinha feito. Sem nos dizer o que quer que fosse, tinha recolhido mais de quatrocentos dólares para o orfanato.

Esperei pelo milagre.

Não aconteceu.

Em princípios de Fevereiro, o número de comprimidos que Jamie estava a tomar foi aumentado para a ajudar a combater as dores cada vez mais fortes que sentia. As doses reforçadas provocavam-lhe tonturas e, por duas vezes, caiu quando ia a caminho da casa de banho, uma vez bateu com a cabeça contra o lavatório. Depois disso, insistiu para que os médicos reduzissem os medicamentos e, com relutância, eles cederam. Embora ainda conseguisse andar normalmente, as dores que sentia intensificaram-se, e mesmo o simples gesto de erguer um braço lhe provocava esgares. A leucemia é uma doença do sangue, uma doença que segue o seu curso através de todo o corpo de uma pessoa. O coração vai continuando a bater até a doença o dominar implacavelmente.

Mas a doença enfraquecia-lhe também o resto do corpo, consumindo-lhe os músculos, tornando até as coisas simples mais difíceis. Na primeira semana de Fevereiro, perdeu quase três quilos, e pouco depois tornou-se-lhe difícil andar, a não ser que apenas por uma curta distância. Isto, claro, se ela conseguisse suportar as dores, o que passado algum tempo já não era possível. Regressou aos comprimidos, aceitando as tonturas no lugar das dores.

Continuávamos a ler a Bíblia.

Sempre que visitava Jamie, encontrava-a no sofá já com a Bíblia aberta, e sabia que agora o pai já tinha de a levar para ali ao colo se quiséssemos continuar. Embora ela não me falasse no assunto, ambos sabíamos exatamente o que isso queria dizer.

O tempo de que ainda dispunha era pouco, e o meu coração continuava a dizer-me que havia mais alguma coisa que eu podia fazer.

No dia 14 de Fevereiro, dia de S. Valentim, Jamie escolheu uma passagem da primeira carta aos Coríntios que tinha grande significado para ela. Disse-me que, se alguma vez tivesse oportunidade, queria que fosse essa a passagem a ser lida no seu casamento. Era isto o que dizia:

O amor é paciente, o amor é benigno, não é invejoso; o amor não se ufana, não se ensoberbece, não é inconveniente, não procura o seu interesse, não se irrita, não suspeita o mal; não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

Jamie era a verdadeira essência dessa descrição.

Três dias depois, quando o tempo aqueceu ligeiramente, mostrei-lhe algo maravilhoso, algo que duvidava que ela tivesse visto antes, algo que eu sabia que ela quereria ver.

O Leste da Carolina do Norte é um pedaço belo e especial do país, abençoado com um clima temperado e, na maior parte, uma paisagem maravilhosa. Em nenhum outro lugar é isso mais

evidente do que em Bogue Banks, uma ilha mesmo ao largo da costa, perto do local onde crescemos. Com trinta e nove quilômetros de comprimento e quase dois de largura, esta ilha é um acaso feliz da Natureza, estendendo-se de leste para oeste e abraçando a costa a oitocentos metros da praia. Os que ali vivem podem presenciar o espetáculo fantástico do nascer e do pôr do Sol o ano inteiro, ambos desenrolando-se sobre a extensão do majestoso Oceano Atlântico.

Jamie, muito agasalhada, encontrava-se de pé a meu lado no extremo do pontão Jron Steamer vendo cair aquela perfeita noite do sul. Apontei para o horizonte e disse-lhe para esperar. Reparei nas nossas respirações, a dela mais rápida do que a minha. Tive de apoiar Jamie enquanto ali permanecíamos - parecia mais leve do que as folhas de uma árvore caídas no Outono - mas sabia que ia valer a pena.

Finalmente a Lua, com as suas crateras, resplandecente, iniciou a sua aparente ascensão a partir do mar, projetando um prisma de luz através das águas que escureciam devagar, dividindo-se em mil partes distintas, cada uma mais bonita do que a outra. Exatamente ao mesmo tempo, o Sol encontrava-se com o horizonte na direção oposta, pintando o céu de vermelho, cor de laranja e amarelo, como se o Paraíso acima tivesse subitamente aberto as suas portas e deixado toda aquela beleza evadir-se dos seus confins divinos. O oceano transformava-se em prata dourada à medida que as cores volúveis se refletiam nele, as águas encrespando-se e cintilando com a mudança de luz, uma visão gloriosa, quase como no princípio do mundo.

O Sol continuou a cair, projetando o seu brilho tão longe quanto a vista podia alcançar, antes de por fim, lentamente, desaparecer sob as ondas. A Lua continuava a sua vagarosa escalada, tremeluzindo em mil diferentes tons de amarelo, cada vez mais pálidos, antes de finalmente se tornar da cor das estrelas.

Jamie observou tudo isto em silêncio, o meu braço apoiando-a com firmeza, a sua respiração ofegante e fraca. Quando o céu, por fim, escureceu e as primeiras luzes cintilantes começaram a aparecer no distante firmamento do sul, tomei-a nos braços. Beijei-lhe delicadamente ambas as faces e depois, por fim, os lábios.

- É isto - disse eu - exatamente o que sinto por ti.

Uma semana depois, as deslocações de Jamie ao hospital tornaram-se mais regulares, se bem que ela insistisse em não querer passar lá a noite. - Quero morrer em casa - era tudo o que dizia. Dado que os médicos nada podiam fazer por ela, não tinham alternativa senão fazer-lhe as vontades.

Pelo menos, por enquanto.

- Tenho andado a pensar nestes últimos meses - disse-lhe.

Estávamos sentados na sala, de mãos dadas enquanto líamos a Bíblia. O seu rosto estava mais magro, o cabelo começando a perder o brilho. Os olhos, no entanto, aqueles meigos olhos azuis, estavam tão bonitos como sempre.

Penso que nunca antes vira alguém tão bonito.

- Também tenho andado a pensar ao longo deste tempo retorqui.

- Tu sabias, desde o primeiro dia na aula de Miss Garber, que eu ia fazer a peça, não sabias?

Quando olhaste para mim e sorriste?

Acenou com a cabeça.

- Sabia.

- E quando te pedi para ires comigo ao baile, fizeste-me prometer não me apaixonar por ti, mas sabias que eu ia apaixonar-me, não sabias?

Jamie tinha um brilho travesso nos olhos.

- Sim.

- Como é que sabias?

Encolheu os ombros sem responder, e permanecemos alguns instantes a observar a chuva batendo contra as vidraças.

- Quando te dizia que rezava por ti - disse ela, finalmente - de que é que achas que estava a falar?

O avanço da sua doença continuava, acelerando à medida que se aproximava o mês de Março. Jamie estava a tomar mais medicamentos para as dores e sentia-se demasiado enjoada para conseguir segurar muita comida no estômago sem vomitar. Estava a enfraquecer, e tudo indicava que teria de ir para o hospital para ficar, apesar de ela não querer.

Foi o meu pai e a minha mãe que mudaram tudo isso.

O meu pai tinha vindo de carro de Washington, partindo a toda a pressa apesar de o Congresso estar ainda reunido em sessão. Parece que a minha mãe lhe telefonou dizendo-lhe que se não viesse para casa imediatamente, podia ficar em Washington para sempre.

Quando a minha mãe lhe contou o que estava a acontecer, o meu pai disse que Hegbert nunca aceitaria a sua ajuda, que as feridas eram demasiado profundas, que era tarde de mais para fazer fosse o que fosse.

- Isto não tem nada que ver com a tua família, ou até com o Reverendo Sullivan, ou com o que quer que tenha acontecido no passado - disse-lhe ela, recusando-se a aceitar a resposta dele. - Trata-se do nosso filho, que, por acaso, está apaixonado por uma jovem que precisa da nossa ajuda. E tu vais encontrar uma maneira de a ajudar.

Não sei o que é que o meu pai disse a Hegbert, ou que promessas teve de fazer, ou quanto é que a coisa toda acabou por custar. Tudo o que sei é que de um momento para o outro Jamie se viu rodeada de equipamentos caros, foram-lhe proporcionados todos os medicamentos de que precisava e era vigiada por duas enfermeiras a tempo inteiro enquanto um médico vinha examiná-la várias vezes ao dia.

Jamie iria poder ficar em casa.

Naquela noite, chorei ao ombro do meu pai pela primeira vez na minha vida.

- Arrepentes-te de alguma coisa? - perguntei a Jamie. Estava na cama sob as cobertas, um tubo aplicado a um dos braços providenciava o medicamento de que precisava. Tinha o rosto pálido, o corpo leve como uma pena. Mal conseguia andar e quando o fazia tinha de ser apoiada por outra pessoa.

- Todos nós nos arrependemos de alguma coisa, Landon - disse ela - mas eu tive uma vida maravilhosa.

- Como é que podes dizer isso? - reclamei, incapaz de esconder a minha angústia. - Com tudo o que te está a acontecer?

Ela apertou-me a mão, muito levemente, sorrindo-me com ternura.

- Isto - admitiu, olhando em volta do quarto - podia ser melhor.

Apesar das minhas lágrimas, ri-me, sentindo-me logo culpado por o ter feito. Devia estar a apoia-la, não o contrário. Jamie continuou.

- Mas além disso, tenho sido feliz, Landon. Tenho mesmo. Tive um pai especial que me ensinou acerca de Deus. Posso olhar para trás e saber que não podia ter tentado ajudar mais as outras pessoas do que ajudei. - Fez uma pausa e olhou-me nos olhos. - Até me apaixonei e fui correspondida.

Beijei-lhe a mão quando ela disse aquilo, depois encostei-a à minha face.

- Não é justo - disse eu.

Ela não respondeu.

- Ainda estás com medo? - perguntei.

- Estou.

- Também estou - disse eu.

- Eu sei. Sinto muito.

- O que é que eu posso fazer? - perguntei desesperado. - Já não sei o que devo fazer.

- Lês para mim?

Fiz que sim com a cabeça, não sabendo, no entanto, se seria capaz de chegar à página seguinte sem desatar a chorar.

Por favor, Deus, diz-me o que fazer!  
entanto, se seria chorar.

Estávamos sentados no sofá no escritório, o fogo ardendo na lareira diante de nós. Naquela tarde, Jamie adormecera enquanto eu lia e, sabendo que ela precisava de descansar, saí silenciosamente do quarto. Mas antes de o fazer, beijei-a com ternura na face. Foi um beijo inofensivo, mas Hegbert entrara no quarto naquele momento, e senti emoções conflituosas nos seus olhos. Olhou para mim, sabendo que eu amava a sua filha mas também que eu quebrara uma das regras da sua casa, ainda que não verbalizadas. Se ela estivesse bem, sabia que ele nunca mais me teria autorizado dentro de casa. Dirigi-me então sozinho à porta.

Na verdade, não o podia censurar. Descobri que o tempo que estava com Jamie esvaziava-me da energia para me sentir magoado com o comportamento dele. Se Jamie me ensinara alguma coisa durante aqueles últimos meses, foi que era através dos atos - não dos pensamentos ou das intenções que se julgavam os outros, e eu sabia que Hegbert me deixaria entrar em sua casa no dia seguinte. Estava a pensar em tudo isto sentado no sofá ao lado da minha mãe.

- Mãe? - disse mais tarde naquela noite.

- Sim.

- Acha que temos um objetivo na vida? - perguntei.

Era a primeira vez que lhe fazia uma pergunta daquele gênero, mas aqueles eram tempos extraordinários.

- Não tenho a certeza se percebo o que estás a perguntar disse ela, franzindo o sobrolho.

- Quer dizer - como é que se sabe o que se deve fazer?

- Estás a falar-me de quando estás com Jamie?

Acenei que sim com a cabeça, embora estivesse ainda confuso.

- Mais ou menos. Sei que estou a proceder bem, mas... falta alguma coisa. Passo o tempo com ela e conversamos e lemos a Bíblia, mas...

Fiz uma pausa e a minha mãe completou-me o pensamento.

- Achas que deverias estar a fazer mais?

Acenei afirmativamente.

- Não sei se existe mais alguma coisa que possas fazer, querido - disse ela delicadamente.

- Então por que é que me sinto desta maneira?

Aproximou-se um pouco mais de mim no sofá e olhamos para as chamas juntos.

- Penso que é porque estás com medo e sentes-te impotente e, embora estejas a tentar, as coisas continuam a tornar-se cada vez mais difíceis para os dois. E quanto mais tentas, mais inúteis parecem as coisas.

- Há algum modo de fazer com que deixe de me sentir assim?

Abraçou-me e puxou-me para mais perto dela.

- Não - respondeu baixinho - não há.

No dia seguinte, Jamie não conseguiu levantar-se da cama. Como estava agora tão fraca, até para andar apoiada, lemos a Bíblia no seu quarto.

Adormeceu passados alguns minutos.

Passou-se outra semana e Jamie estava cada vez pior, o seu corpo mais enfraquecido. Presa ao leito, parecia menor, quase como uma criança de novo.

- Jamie - implorei - que posso fazer por ti?

Jamie, a minha querida Jamie, dormia horas a fio agora, mesmo enquanto falava com ela. Não se mexia ao som da minha voz; a respiração era ofegante e fraca.

Sentei-me ao lado da cama e fiquei a observá-la durante muito tempo, pensando em como a

amava. Segurei a mão dela junto ao meu coração, sentindo a magreza dos seus dedos. Parte de mim quis chorar ali mesmo mas, em vez disso, pousei de novo a sua mão na cama e voltei-me para a janela.

Por que razão questionei-me, é que o meu mundo se havia subitamente desmoronado daquela maneira? Porque tinha tudo aquilo acontecido a uma pessoa como ela? Perguntei-me se havia uma lição maior a tirar do que estava a acontecer. Seria tudo, como diria Jamie, simplesmente parte dos desígnios de Deus? Quis Deus que me apaixonasse por ela? Ou foi isso resultado da minha livre vontade? Quanto mais tempo Jamie dormia, mais sentia a sua presença a meu lado e, no entanto, as respostas àquelas perguntas não eram mais claras do que antes.

Lá fora, as últimas gotas de chuva da manhã tinham caído. Parecia que ia ser um dia escuro, mas naquele momento o sol do fim de tarde estava a romper por entre as nuvens. No fresco ar primaveril, vi os primeiros sinais da Natureza regressando à vida. As árvores lá fora estavam a brotar, as folhas esperando pelo momento certo para se desenrolarem e se abrirem para mais outra estação estival.

Na mesa de cabeceira ao lado da cama, vi a coleção de objetos que Jamie conservava mais perto do coração. Havia fotografias do pai, segurando-a quando era ainda criança, no seu primeiro dia no jardim de infância; havia uma coleção de cartões que as crianças do orfanato lhe haviam mandado. Suspirando, peguei neles e abri o cartão que estava no topo da pilha.

Escrito a lápis, dizia simplesmente:

Por favor fica melhor depressa. Tenho saudades tuas.

Tinha sido assinado por Lydia, a menina que adormecera ao colo de Jamie na véspera de Natal. O segundo cartão expressava os mesmos sentimentos, mas o que realmente me chamou a atenção foi o desenho que o rapaz, Roger, tinha feito. Tinha desenhado um pássaro, voando sobre um arco-íris.

Contendo as lágrimas, fechei o cartão. Não suportava olhar mais, e quando coloquei de novo a pilha sobre a mesa, reparei num recorte de jornal, ao lado do copo de água. Peguei no artigo e vi que era sobre a peça de Natal, publicado no jornal de domingo depois da segunda representação. Por cima do texto, vi a única fotografia que nos tinha sido tirada.

Parecia há tanto tempo. Aproximei o artigo de mim. Enquanto o observava, lembrei-me da maneira como me senti quando a vi naquela noite. Olhando de perto para a sua imagem, procurei algum sinal de que ela suspeitasse do que iria acontecer. Sabia que sim, mas a sua expressão naquela noite nada revelava. Em vez disso, via apenas uma alegria resplandecente. Por fim, suspirei e pus o recorte de lado.

A Bíblia estava ainda aberta na página onde eu interrompera a leitura e, apesar de Jamie estar a dormir, senti necessidade de ler mais um pouco. Acabei por descobrir outra passagem. Era isto que dizia:

Não digo isto como quem manda. mas para provar; comparando-a à dos outros, a sinceridade do vosso amor.

As palavras trouxeram-me as lágrimas de novo e, no momento em que ia começar a chorar, o seu significado tornou-me subitamente claro.

Deus tinha, finalmente, respondido à minha pergunta e, de repente, soube o que tinha a fazer.

Não podia ter chegado à igreja mais depressa, mesmo de carro. Meti por todos os atalhos possíveis, atravessando a correr os quintais das casas, saltando cercas, e atravessando uma garagem, e saindo pela porta do lado. Tudo o que aprendera sobre a cidade quando criança foi aproveitado naquele momento, e apesar de nunca ter sido grande atleta, naquele dia estava imparável, impelido

pelo que tinha de fazer.

Não me preocupei com o aspecto que teria quando lá chegasse porque suspeitava que Hegbert também não se importaria. Quando entrei, por fim, na igreja, reduzi o passo, tentando recuperar o fôlego enquanto me dirigia para as traseiras, na direção do seu gabinete.

Hegbert olhou para cima quando me viu e percebi por que é que ele ali estava. Não me convidou a entrar, desviou simplesmente o olhar, mais uma vez em direção à janela. Em casa, lidava com a doença da filha fazendo limpezas e arrumações quase obsessivamente. Ali, porém, os papéis estavam espalhados pela secretária, os livros dispersos pelo gabinete como se ninguém o tivesse arrumado há semanas. Percebi que aquele era o lugar onde ele pensava em Jamie; aquele era o lugar para onde Hegbert vinha chorar.

- Reverendo? - chamei baixinho.

Não respondeu, mas entrei de qualquer modo.

- Gostaria de estar sozinho - resmungou.

Estava com um aspecto velho e exausto, tão estafado como os israelitas descritos nos Salmos de David. Tinha o rosto caído, e o cabelo tornara-se mais ralo desde Dezembro. Até mais do que eu, talvez, ele tinha de manter o ânimo na presença de Jamie, e a tensão que isso provocava estava a esgotá-lo.

Fui direito à sua secretária, e ele olhou-me de relance antes de se voltar de novo para a janela.

- Por favor - disse-me, num tom derrotado, como se nem tivesse forças para me confrontar.

- Gostaria de falar consigo - insisti. - Não o incomodaria se não fosse muito importante.

Hegbert suspirou, e eu sentei-me na cadeira onde me tinha sentado antes, quando lhe perguntara se ele me deixaria levar Jamie a jantar fora na véspera do Ano Novo.

Escutou-me enquanto eu lhe disse o que tinha em mente.

Quando terminei, Hegbert virou-se para mim. Não sei o que estava a pensar, mas felizmente não disse que não. Em vez disso, limpou os olhos com os dedos e voltou-se para a janela.

Até ele, penso eu, ficara demasiado chocado para poder falar.

Corri novamente, mais uma vez sem me cansar. O meu objetivo dava-me a força de que precisava para continuar. Quando cheguei a casa de Jamie, entrei de rompante pela porta sem bater, e a enfermeira que estava no quarto dela veio cá fora ver o que causara aquele rebuliço. Antes que ela pudesse falar, falei eu.

- Ela está acordada? - perguntei, eufórico e apavorado ao mesmo tempo.

- Está - respondeu a enfermeira cautelosamente. - Quando acordou, quis saber onde você estava.

Pedi desculpa pelo meu aspecto desalinhado e agradeci-lhe. Depois perguntei-lhe se não se importava de nos deixar a sós. Entrei no quarto de Jamie, encostando a porta atrás de mim. Ela estava pálida, muito pálida, mas o seu sorriso deixou-me perceber que ainda continuava a lutar.

- Olá, Landon - disse ela, a voz fraca - obrigada por teres voltado.

Peguei numa cadeira e sentei-me perto dela, tomando a sua mão na minha. Vê-la ali deitada fez-me sentir alguma coisa a apertar-se com força no fundo do meu estômago, fazendo quase com que me apetecesse chorar.

- Estive aqui mais cedo, mas estavas a dormir.

- Eu sei... Desculpa. Parece que já não consigo evitá-lo.

- Não faz mal, de verdade.

Ergueu ligeiramente a mão de cima da cama, e eu beijei-a, depois inclinei-me para a frente e beijei-lhe a face também.

- Amas-me? - perguntei-lhe.

Ela sorriu.

- Sim.

- Queres que eu seja feliz? - Enquanto lhe fazia a pergunta, senti o coração começar a

acelerar.

- Claro que quero.

- Fazes-me um favor, então?

Ela desviou o olhar, a tristeza atravessando-lhe as feições.

- Não sei se ainda consigo.

- Mas se pudesses, fazias?

Não consigo descrever satisfatoriamente a intensidade daquilo que estava a sentir naquele momento. Amor, raiva, tristeza, esperança e medo, redemoinhando juntos, aguçados pelo nervosismo que sentia. Jamie olhou curiosa para mim, e a minha respiração tornou-se mais fraca. De repente, sabia que nunca sentira tanto por uma pessoa como naquele momento. Enquanto a olhava nos olhos, a simples compreensão desse fato fez-me desejar pela milionésima vez poder fazer com que tudo aquilo cessasse. Se tivesse sido possível teria dado a minha vida pela dela. Queria falar-lhe dos meus pensamentos, mas o som da sua voz silenciou subitamente as emoções dentro de mim.

- Sim - respondeu por fim, a voz fraca mas de alguma forma ainda cheia de esperança. - Fazia.

Controlando-me por fim, beijei-a de novo, depois levei a minha mão ao seu rosto, passando ternamente os dedos pela sua face. Maravilhei-me com a suavidade da sua pele, a docura que vi nos seus olhos. Mesmo naquele momento, ela era perfeita.

Comecei de novo a sentir um nó na garganta, mas como disse, sabia o que tinha de fazer. Já que tinha de aceitar que não estava ao meu alcance poder curá-la, o que queria era dar-lhe algo que ela sempre desejava.

Era o que o meu coração me dissera para fazer há muito tempo.

Jamie, compreendi então, já me tinha dado a resposta de que estivera à procura, que o meu coração precisara de encontrar. Dera-me a resposta quando estávamos sentados à porta do escritório de Mr. Jenkins, na tarde em que lhe fomos falar da peça para os órfãos.

Sorri ternamente, e ela retribuiu o meu afeto apertando-me levemente a mão, como se confiasse em mim e no que eu estava prestes a fazer. Encorajado, inclinei-me para mais perto dela e respirei fundo. Foram então estas as palavras que saíram de dentro de mim.

- Casas comigo?

## CAPÍTULO 13

Aos dezessete anos, a minha vida mudou para sempre.

Ao caminhar pelas ruas de Beaufort quarenta anos mais tarde, recordando aquele ano da minha vida, lembro-me de tudo tão intensamente como se ainda estivesse a desenrolar-se diante dos meus olhos.

Lembro-me de Jamie a responder afirmativamente à minha pergunta ansiosa e de como ambos começamos a chorar. Lembro-me de falar com Hegbert e com os meus pais, explicando-lhes o que precisava de fazer. Pensaram que só queria fazê-lo por Jamie, e os três tentaram dissuadir-me, especialmente quando perceberam que Jamie tinha dito que sim. O que eles não comprendiam, e tive de tornar isso claro, era que eu precisava de o fazer por mim.

Estava apaixonado por ela, tão profundamente apaixonado que não me importava que ela estivesse doente. Não me importava que não fôssemos ter muito tempo juntos. Nada disso tinha qualquer importância para mim. A única coisa que importava era fazer o que o meu coração me dizia que estava certo. Na minha mente, era a primeira vez que Deus falara diretamente comigo e tinha a certeza de que eu não iria desobedecer.

Sei que alguns de vós podem interrogar-se se eu não estaria a fazer aquilo por compaixão. Alguns dos mais cínicos podem até interrogar-se se eu não o teria feito porque, em qualquer caso, ela iria morrer em breve, e eu não me estaria a comprometer muito. A resposta a ambas as perguntas é não. Teria casado com Jamie Sullivan independentemente do que acontecesse no futuro. Teria casado com Jamie Sullivan se o milagre por que estava a rezar se tivesse, de súbito, realizado. Sabia

disso no momento em que a pedi em casamento, e ainda o sei hoje.

Jamie era mais do que a mulher que eu amava. Naquele ano, Jamie ajudou-me a tornar-me o homem que sou hoje. Com a sua mão firme, mostrou-me como era importante ajudar os outros; com a sua paciência e generosidade mostrou-me o verdadeiro sentido da vida. A sua alegria e otimismo, mesmo na doença, foi a coisa mais admirável que alguma vez testemunhei.

Fomos casados por Hegbert na igreja Baptista, o meu pai ao meu lado como padrinho. Isso foi outra coisa que ela fez. No Sul, é tradição ter o nosso pai a nosso lado, mas para mim aquela tradição não teria tido muito significado antes de Jamie entrar na minha vida. Jamie aproximara-me novamente do meu pai; de uma maneira ou de outra tinha também conseguido sarar algumas das feridas entre as nossas famílias. Depois do que ele tinha feito por mim e por Jamie, sabia que, afinal, o meu pai era alguém com quem poderia sempre contar e com o passar dos anos a nossa relação continuou a fortalecer-se até à sua morte.

Jamie também me ensinou o valor do perdão e o poder de transformação que ele proporcionava. Percebi isso no dia em que Eric e Margaret foram a casa dela. Jamie não guardava qualquer rancor. Vivia a sua vida de acordo com os ensinamentos da Bíblia.

Jamie não foi apenas o anjo que salvou Tom Thornton, foi o anjo que nos salvou a todos.

Tal como ela tinha desejado, a igreja estava a abarrotar de gente. Estavam mais de duzentos convidados lá dentro, e mais ainda esperavam lá fora, quando nos casamos a 12 de Março de 1959. Porque nos casamos tão em cima da hora, não houve tempo para fazer muitos preparativos, e as pessoas esforçaram-se ao máximo para tornar o dia tão especial quanto possível, aparecendo simplesmente para nos apoiar. Vi toda a gente que conhecia - Miss Garber, Eric, Margaret, Eddie, Sally, Carey, Angela, até Lew e a sua avó - e não havia olhos sem lágrimas na igreja quando se começou a ouvir música anunciando a entrada da noiva. Embora Jamie estivesse muito fraca e não tivesse saído da cama há duas semanas, ela insistiu em caminhar ao longo da nave da igreja para que o pai a pudesse conduzir ao altar.

- É muito importante para mim, Landon - disse. - Faz parte do meu sonho, lembra-te? Embora pensasse que isso seria impossível, concordei acenando com a cabeça. Não podia deixar de admirar a sua fé.

Eu sabia que elaencionava levar o vestido que tinha usado na Playhouse na noite do espetáculo. Era o único vestido branco disponível assim de repente, embora soubesse que agora lhe ficaria mais largo. Pensava em como Jamie iria parecer com o vestido, quando o meu pai, que esperava comigo em frente da assembléia, colocou a mão no meu ombro.

- Estou orgulhoso de ti, filho.

Acenei com a cabeça.

- Também estou orgulhoso de si, pai.

Era a primeira vez que lhe dizia aquelas palavras.

A minha mãe estava na fila da frente, limpando repetidamente os olhos com o lenço aos primeiros acordes da Marcha Nupcial. As portas abriram-se, e vi Jamie sentada na sua cadeira de rodas, com uma enfermeira ao lado. Com todas as forças que lhe restavam, Jamie levantou-se tremula enquanto o pai a apoiaava. Em seguida, Jamie e Hegbert começaram a percorrer lentamente a nave da igreja, enquanto todos na igreja observavam em silêncio e maravilhados. A meio do percurso, Jamie pareceu subitamente cansar-se. Pararam enquanto ela recuperava o fôlego. Os seus olhos fecharam-se, e, por um instante, pensei que ela não fosse capaz de continuar. Sei que não decorreram mais do que dez ou vinte segundos, mas pareceu muito mais tempo. Por fim, ela acenou levemente com a cabeça. Depois, Jamie e Hegbert começaram de novo a andar, e eu senti o meu coração dilatar-se de orgulho.

Aquele tinha sido, lembro-me de assim ter pensado, o percurso mais difícil que alguém jamais tivera de realizar.

Em todos os sentidos, um percurso inesquecível.

A enfermeira levou a cadeira de rodas para a frente e Jamie e o pai caminhavam na minha

direção. Quando ela, por fim, chegou ao pé de mim, ouviram-se suspiros de alegria e toda a gente começou espontaneamente a bater palmas. A enfermeira colocou a cadeira de rodas em posição, e Jamie sentou-se de novo, exausta. Com um sorriso, ajoelhei-me para estar ao mesmo nível que ela. O meu pai fez, então, o mesmo.

Hegbert, depois de beijar Jamie na face, pegou na sua Bíblia para iniciar a cerimônia. Agora, concentrado apenas no serviço religioso, parecia ter abandonado o papel de pai para se ocupar de algo mais distante, onde poderia controlar as suas emoções. No entanto, podia vê-lo a lutar ali mesmo à nossa frente. Colocou os óculos na ponta do nariz e abriu a Bíblia, depois olhou para Jamie e para mim. Hegbert estava muito mais alto do que nós e percebi que ele não tinha previsto que fôssemos ficar a um nível mais baixo. Por um momento, permaneceu de pé, quase confuso, depois, surpreendentemente, decidiu ajoelhar-se também.

Hegbert começou a cerimônia à maneira tradicional, lendo em seguida a passagem da Bíblia que Jamie me mostrara uma vez. Sabendo como ela estava fraca, pensei que ele quisesse pronunciar os votos imediatamente a seguir, mas mais uma vez Hegbert me surpreendeu. Olhou para Jamie e para mim, depois para a assembleia e de novo para nós, como se à procura das palavras certas.

Aclarou a garganta, e a sua voz elevou-se para que todos a pudessem ouvir. Foi isto o que disse:

- Como pai, devia dar a minha filha, mas não sei se sou capaz de o fazer.

A assembleia quedou-se silenciosa. Hegbert fez-me sinal com a cabeça, pedindo-me para ser paciente. Jamie apertou-me a mão em sinal de apoio.

- Não posso dar Jamie assim como não posso dar o meu coração. Mas o que posso fazer é deixar que outra pessoa partilhe da alegria que ela sempre me deu. Que Deus vos abençoe aos dois.

Foi então que ele pôs de lado a Bíblia. Estendeu os braços, oferecendo-me a mão, e eu tomei-a, completando o círculo.

Em seguida, conduziu-nos através das nossas promessas solenes.

O meu pai entregou-me a aliança que a minha mãe me ajudara a escolher, e Jamie deu-me uma também. Enfiámo-las nos dedos. Hegbert observou-nos enquanto o fazíamos e, quando, por fim, estávamos prontos, declarou-nos marido e mulher. Beijei Jamie ternamente enquanto a minha mãe começava a chorar, depois segurei a mão de Jamie na minha. Diante de Deus e de todos, prometi o meu amor e a minha devoção, na doença e na saúde, e nunca me senti tão bem em relação a coisa alguma.

Aquele foi, lembro-me, o momento mais maravilhoso da minha vida.

Passaram-se já quarenta anos, e ainda me lembro de tudo o que aconteceu naquele dia. Posso estar mais velho e sensato, posso ter vivido outra vida desde então, mas sei que quando, finalmente, chegar a minha vez, as recordações desse dia serão as imagens finais que flutuarão pela minha mente. Ainda a amo, e nunca deixarei de usar a minha aliança. Em todos estes anos, nunca senti vontade de o fazer.

Respiros fundos, inalando o ar fresco da Primavera. Apesar de Beaufort ter mudado e de eu ter mudado, o ar não mudou. É ainda o mesmo ar da minha infância, o ar dos meus dezessete anos e quando o expiro, volto a ter cinqüenta e sete anos. Mas isso não tem importância. Sorrio ligeiramente, olhando para o céu, sabendo que existe uma coisa que ainda não vos disse: acredito agora que os milagres podem acontecer.

Fim

*“O amor é como o vento: Não se vê, mas se sente”.*